

GV

1547

.N78



Class GV 1547

Book .N78

NOVO

MANUAL DO PRESTIGIADOR

OU

LIVRO DE SORTES DIVERTIDAS

TANTO DE MÃOS COMO DE CARTAS E PHYSICA RECREATIVA
AO ALCANCE DE TODOS

ORNADO DE 80 GRAVURAS



J. A. C. Monteiro
Lisboa 1872
LISBOA — 1870

Vende-se por 400 réis, na livraria de J. J. Bordalo
24 — Rua Augusta — 26



NOVO

MANUAL DO PRESTIGIADOR

NOVO

MANUAL DO PRESTIGIADOR

3786

5660

ou

LIVRO DE SORTES DIVERTIDAS

182

TANTO DE MÃOS COMO DE CARTAS E PHYSICA RECREATIVA
AO ALCANCE DE TODOS

ORNADO DE 80 GRAVURAS



José Antonio de Carvalho Monteiro
Lisboa 7 d' Outubro de 1870

LISBOA — 1870

Vende-se por 400 réis, na livraria de J. J. Bordalo
24 — Rua Augusta — 26

G1V1547

.N78

237270

29

AMK 509 38

INTRODUÇÃO

A surprehendente e recreativa arte de Herrmann não possuia entre nós uma obra que a representasse dignamente.

A physica recreativa, vulgarmente denominada *arte magica* ou *magica branca*, é desconhecida de muitas pessoas, pois apenas se encontram em portuguez raros e minguados opusculos que a expliquem, e por isso estamos certos que os segredos mysteriosos da *arte magica* claramente desenvolvidos, agradarão aos que desejam iniciar-se n'esta diversão tão propria para occupar um serão de boa sociedade.

Ahi vae pois o nosso livro correr mundo e desvendar o mysterio de muitas sortes de prestigiação que nos principaes theatros da capital attrahiam a attenção de milhares de pessoas, e se o nosso trabalho fôr bem acceito do publico, na segunda edição que fizermos o ampliaremos com novas sortes e uma secção de *magnetismo* igualmente curiosa e de bastante interesse.

Para facilitar a comprehensão do que explicamos, *oienta gravuras* illustram este manual, o que por certo agradará aos leitores.



NOVO

MANUAL DO PRESTIGIADOR



Dupla vista

UMA PESSOA COM OS OLHOS TAPADOS ADEVINHA TODAS AS CARTAS
QUE QUALQUER OUTRA PESSOA TIRA DO BARALHO

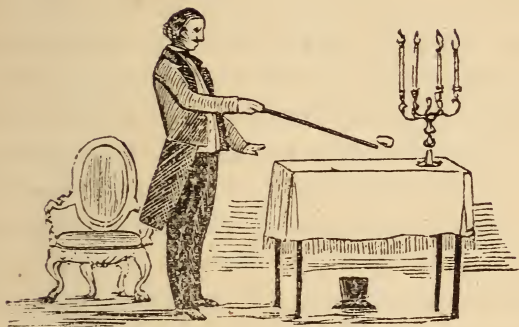
Um dos espectadores tira uma carta do baralho e uma mulher, que está na caixa do Theatro com um lenço nos olhos para impedir de ver qualquer signal, nomeia todas as cartas, que se tiram fóra do baralho, sem errar, nem o numero, nem o naipe, nem outra qualquer particularidade da mesma carta. As cartas já devem estar arrançadas de maneira que o magico sabe a ordem que seguem, e quando algum dos espectadores tira uma fóra do baralho e a observou, elle faz como se embarlhasse as cartas, as faz

cortar, e com grande destreza passa a carta, que estava ao pé d'aquella que se escolheu, para o fundo do baralho, e no mesmo momento que está protestando ao publico, que toma todas as precauções, para que ella não saiba nada, e que não abraira boca em quanto ella está fallando; faz conhecer á mulher a mesma carta que já viu, e rogando á pessoa que tem o baralho de cartas na mão de as mostrar a toda a companhia em geral; sem porém que declare que é esta ou aquella carta, que tira fóra do baralho; por estas ultimas palavras já elle nomeia, e faz por consequencia saber á mulher a primeira carta que está debaixo do baralho, que é o que basta para ella nomear todas as outras; sabendo já a ordem que seguem; por exemplo se o magico sem entender pelo modo acima referido a mulher que a primeira carta é a decima quinta, ella já sabe nomear a decima sexta, a decima setima, e assim por diante.

Logo que a mulher acabou de annunciar todas as cartas do baralho o magico, que esteve calado todo o tempo, falla e pede á pessoa que chamou para escolher a carta, que queira perguntar, quaes são as cartas, que ainda restam para serem nomeadas, por esta pergunta conhece a mulher que não ha mais, e responde nesta conformidade.

N. B. Quando qualquer dos espectadores tem escolhido o baralho, deverá pedir-lhe o magico que o embaralhe, por que sem esta precaução elle poderia suspeitar o arranjo das cartas e concluir com verdade, que esta distribuição

servia para fazer conhecer á mulher as cartas que devia nomear.



❶ ovo dançante

Faz-se vér aos espectadores tres ovos, dois dos quaes põe-se em cima de uma mesa, e o terceiro dentro de qualquer chapéo; pede-se a algum dos senhores da mesma companhia, que empreste a sua bengala, a qual se faz vér geralmente a todos para lhes mostrar que não ha nella preparação alguma; estende-se esta bengala sobre o chapéo, que d'ahi a pouco tempo se deixa cair no chão; e o ovo fica pegado á bengala como se estivesse pegado com grude, principia a tocar a orchestra, e o ovo como se fosse sensivel ao som da musica principia a mover-se á roda da ben-

gala de uma extremidade á outra, e continua neste movimento em quanto toca a musica. O ovo deve estar pegado a um retroz por meio de um alfinete, que o fura de parte a parte pelo seu comprimento; e o buraco, que se fez para introduzir este alfinete tapa-se muito bem com cera branca; a outra extremidade do retroz está preza por meio de outro alfinete virado em fórma do gancho ao peito do magico, e a bengala passando por baixo do retroz junto do ovo faz com que este descance sobre a bengala; quando a musica principia o magico move a bengala da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita; este movimento faz com que pareça á companhia, que é o ovo que se meche para uma e outra parte da bengala; o que não é praticavel, nem succede, porque o ovo estando pegado ao retroz o seu centro de gravidade, fica sempre na mesma distancia do gancho que o segura, e é unicamente a bengala que movendo-se pelo comprimento do ovo lhe apresenta os differentes pontos da sua superficie.

N. B. Para fazer acreditar com mais efficacia aos espectadores que é o ovo que se move, o magico vira-se no mesmo tempo que faz escorregar a bengala sobre o ovo, um pouco para a ilharga, e por este methodo o ovo recebe um movimento que os faz ainda mais acreditar que é o ovo que dança á roda da bengala.

A resurreição do passaro

Um dos tres ovos que se trouxeram para dançarem sobre a bengala, tendo sido quebrado para mostrar que interiormente não tinham nenhuma preparação, pega o magico nos outros dois, e os offerece a uma das senhoras da companhia para escolher um, o qual em se quebrando acha-se dentro um canario vivo, e pegando uma das senhoras da mesma companhia no canario logo morre: o magico pegando depois no passaro, mette-o debaixo de um vidro, que está sobre a meza, e em poucos minutos resuscita o passaro e vôa. Para esta sorte saír bem feita, devem estar ambos os ovos que ficaram depois que o magico quebrou o terceiro (que fez dançar para mostrar que inteiramente não tinha nenhuma preparação já antes de se trazerem sobre o Theatro) preparadas da fôrma seguinte: tendo extraído o que elles contém dentro, tomam-se as duas metades de cada um e juntam-se outra vez por meio de uma facha de papel branco que se pega á ródá com grude, de maneira porém que ficam com o feitio de um ovo e do tamanho sufficiente para conterem um canario vivo, tendo o cuidado de lhe fazer um buraquinho no ovo para entrar o ar; e no mesmo instante que se entrega o canario vivo a qualquer das senhoras, no acto de lh'o dar o comprime e o mata; depois de morto deve-o pôr debaixo de um cope

ou vazo que cobre o alçapão, e o confidente substitue o passaro morto por um vivo.

o collar da minha avó

O magico pega em um certo numero de anneis, que alguns dos espectadores lhe emprestam, enfia-os em duas fitas: e pedindo a dois dos espectadores para segurarem nas extremidades das fitas, poucos momentos depois sem tocar na fita, nem tirar os anneis fóra pela extremidade, o magico porém os separa da fita e os entrega a seus donos. Esta sorte é conhecida por todos os pelotiqueiros pelo nome de collar de minha avó; porque em logar de anneis servem-se a maior parte das vezes de contas; para ser bem executada deve ser feita da maneira seguinte: dobra-se em primeiro logar uma fita, de fórmula que ambas as suas extremidades se encontrem; esta mesma operação dever-se-ha fazer tambem a outra fita semelhante á primeira, e depois átando as duas fitas pelo meio com um fio de cõr das mesmas fitas, cuja operação já deve estar feita antecipadamente; pedir-se-ha a dois dos espectadores que segurem ambos em uma das extremidades das fitas, por cuja maneira já elles ficam enganados, estando ambos na idéa que estão pegando nas extremidades das duas fitas, quando cada um delles não segura mais que as extremidades de uma

só; advirta-se porém, que é necessario recommendar-lhes de não pucharem com força, podendo-se recear que se quebre o fio, e os anneis cairem sobre o chão; para impedir que isto succeda, dever-se-ha rogar áquelles que seguiram a fita, de se chegarem um ao pé do outro; depois pedindo a cada um delles as extremidades em que estão pegando, e fazendo com ellas a acção de querer fazer um nó, trocar-se-hão as extremidades de cada um; por este methodo quando o magico os entrega novamente nas mãos dos dois espectadores, dá a cada um as duas pontas de ambas as fitas, o retroz então com facilidade se quebra e os anneis tirar-se-hão para fóra, ficando os espectadores surprehendidos de os vér tirar.

Cabeça endiabrada, que corre e dança em um copo, e responde a differentes questões

Para persuadir a companhia que esta cabeça não está pegada, nem tem communicação com outro qualquer objecto; devem-se metter no fundo do copo algumas moedas; e estando tudo coberto, o magico persuade a companhia, que a cabeça que está no copo é de oiro mossisso, a qual dança e responde por numeros, e negativamente ou affirmativamente, segundo a questão que se lhe faz: e no mes-

mo tempo um certo numero de anneis, que estão em outro copo a pouca distancia, como se fosse por sympathia, executa o mesmo movimento. Em logar da cabeça que se mostra á companhia, o magico pega em outra que está em cima da mesma meza em que se faz a operação. Esta ultima cabeça está chegada a um fio que vae ter ao tétó da casa, e volta ás mãos do confidente; e para que não experimente nenhuma opposição a correr quando o mesmo a pucha, o que poderia succeder, se o fio tocasse no vidro quando passa pelo buraco que se fez no copo; deverá aquelle que executa a peça, fazer passar o fio por um pequeno canudo bem polido para escorregar com mais facilidade.

N. B. As moedas que se mettem no fundo do copo de baixo do pretexto de impedir a communicação da cabeça com algum machinismo, que se poderia suspeitar ter-se praticado na meza, não são inuteis, e servem com o seu pezo para impedir o copo de levantar-se quando se pucha o fio.

● castello dos feiticeiros

Um dos espectadores escolhe duas cartas que se embaralham com as outras; lança-se o baralho pelo cano da chaminé abaixo, o qual sae pela porta e as duas cartas escolhidas apparecem nas janellas do castello. É preciso que

a pessoa que tira as duas cartas, tire duas iguaes ás que o magico tenha posto por detraz das janellas do castello (as quaes sendo um pouco mais compridas que as outras, podem-se facilmente sacar do baralho) pede-se a qualquer pessoa que embaralhe as cartas e que as lance pelo cano da chaminé abaixo; o baralho cae sobre a alavanca, que abre as janellas, e apparecem as cartas escolhidas, e o baralho pelo seu proprio pezo cae pela porta.

Modo de fazer passar um ovo por um anel

Deixae um ovo de infusão em vinagre branco bem forte por algum espaço de tempo, e tirando-o, encontrareis a casca tão flexivel e elastica, que se estende a ponto de o fazer passar pelo apertado diametro d'um anel, mesmo dos mais pequenos; tendo a particularidade de que não sendo comprimido, retoma novamente a sua fórma natural.

Do mesmo modo se póde introduzir um ovo em ùma garrafa branca, e o operador, mostrando um ovo vulgar á sociedade, póde, usando de ligeireza, trocal-o pelo que está já preparado, isto na occasião que vae introduzir na garrafa. Depois deita-lhe agua fresca e o ovo toma a sua fórma usual, com espanto dos que observam a operação.

Modo de fazer que duas garrafas cheias troquem o liquido

Enchei duas garrafas de vidro branco de igual tamanho, uma d'agua, e outra de vinho tinto, tendo o cuidado de as escolher de maneira, que o gargallo da garrafa d'agua seja de dimensão tal, que possa introduzir-se no gargallo da garrafa de vinho. Encaixae rapidamente os dois gargallos um no outro, virando para cima a garrafa d'agua, e vereis que esta se precipita, e o vinho sobe a tomar o logar que aquella occupava. Esta mesma experiencia se póde fazer, mergulhando o gargallo d'uma garrafa cheia d'agua no batoque d'uma pipa bem attestada de vinho, e vereis em poucos segundos operada a troca dos liquidos.

Lapis sympathico

Formae um lapis, composto de cré de Hespanha, ou de vitriolo de Chypre, ou capa-rosa; do qual vos servireis para escrever, ou desenhar sobre o crystal, ou outro qualquer vidro que vos parecer; depois de passados alguns minutos limpae o vidro com um panno de linho. Quando quizerdes que appareça o que escrevesteis, não tendes mais do que hafejar o vidro por cima do logar em que escreves-

teis. Esta escripta torna a desapparecer logo que esfrie o calor do halito, porém pelo mesmo meio pôde tornar a reproduzir-se á vista quantas vezes quizerdes.

A carta magica

As recreações que se fazem com a tinta sympathica, podem variar-se de muitas maneiras. Escrevei com tinta commum, sobre pequenas folhas differentes perguntas que quizerdes, e ás quaes se possa responder com uma até duas palavras; esta resposta deve ser escripta anteriormente com uma dissolução de *vitriolo* em agua pura, ou com sumo de limão, ou de cebola. Apresentae estes diversos papeis a qualquer das senhoras presentes, para que haja de escolher um que lhe agrade; mostrae depois a todos que o papel nada mais contém escripto; fechae-o á vista de todos, em fórma de carta, porém de maneira que o logar onde estiver a resposta, fique directamente por baixo d'aquelle em que lhe deveis pôr o sinete, para o que empregareis bastante lacre, e bem quente, pois que o calor que este communica é que faz apparecer a palavra que dentro está escripta.

Depois da carta estar assim fechada, deveis entregal-a á senhora pedindo-lhe que a abra e que leia a resposta, que de certo encontrará escripta.

O lenço com pennas

Pedireis um lenço esprezado a uma dama, e depois com alguns ditos espirituosos embrulhae-o, dizendo que dentro d'elle devem sair as mais bellas pennas; depois sacudi-o com ligeireza, e prestes voarão muitas pennas de diversas côres que disfarçadamente estavam mettidas na manga do operador.

Esta sorte é muito simples, e a sua perfeição depende da ligeireza com que é feita.

Bala inoffensiva

Por varias vezes tem-se apresentado em Lisboa pelotiqueiros estrangeiros que mandam disparar contra si armas de fogo carregadas com polvora e bala. Esta sorte é executada da maneira seguinte :

Manda-se fabricar uma espingarda, cujo cano completo não tenha no fundo o pequeno buraco chamado ouvido, para que de nenhuma maneira possa o fogo de espoleta communicar-se ao interior.

Esta espingarda terá debaixo do cano um lugar para guardar-se a vareta, com a differença porém que na espingarda em questão o lugar da vareta é um segundo cano fi-

no, de maneira que quando se guarda a vareta esta fica dentro do cano fino, servindo assim para coadjuvar o engano.

A espingarda deverá ter no lugar competente o ouvido e os fechos, e deve ser de espoleta; o ouvido communicará sómente com o cano fino.

O magico terá carregado com antecedencia o cano fino, de polvora sómente, e entregará a algum dos espectadores não só a espingarda, mas tambem uma boa carga de polvora e bala; rogando-lhe que carregue aquella espingarda a seu gosto e que tenha a bondade de apontal-a bem para elle magico, e de fazer-lhe fogo sem receio, porque quer aparar a bala na ponta da vareta da mesma arma. O espectador carregará com muito cuidado o cano grosso sem se importar com o cano fino. O magico irá postar-se alguns passos distante do possuidor da espingarda, levando consigo a vareta, sendo esta precaução não para aparar a bala, porém sim para impedir que a introduzam no cano fino.

O possuidor da espingarda apontando dará fogo, porém a espoleta communicando o fogo ao cano fino fará com que este dê um tiro de polvora secca, e o magico enfiando agilmente na vareta uma bala de chumbo furada, mostral-a-ha aos espectadores admirados.

O ovo ardente

Toma-se um ovo, vasa-se e enche-se de cal viva e alcanfor, partes iguaes; tapa-se bem o buraco com cera e põe-se n'um vaso com agua, em seguida sairão chammas do ovo.

Espada incendiaria

Accendem-se algumas vélas de cera ou cebo, deixam-se algum tempo accesas, e depois apagam-se cortando todo o morrão.

Apenas estejam frios os pavios, introduz-se em cada um, com um palito, um pedacinho de phosphoro que se terá o cuidado de seccar, esfregando-o levemente com papel pardo. Preparadas assim as vélas, o magico as collocará onde quizer, separadas umas das outras, e irá entreterendo os espectadores com alguma historia, no meio da qual dirá que, achando-se a sala pouco illuminada, vae accender mais vélas, e para isso como não tem phosphoros, vae empregar uma espada que possui, a qual é capaz de incendiar o mundo. — Na sala proxima haverá alguem que tenha o cuidado de lhe aquecer bem a ponta de uma espada longa e pontuda.

O magico a irá buscar, e com mil pantomimas tecará

com a ponta da espada os pavios das vélas munidos de phosphoros; estes incendiar-se-hão logo pelo calor e as vélas ficarão accezas.

Vegetação maravilhosa

Pondo um ramo de alecrim, ou d'outra qualquer planta que seja muito ramificada, debaixo d'um globo, ou d'uma manga de vidro, e assentae isto sobre uma chapa de ferro, em cima da qual espalhareis beijuim em pó; aquecei a chapa, e immediatamente o beijuim se pegará nas folhas e troncos do arbusto, que se transformará em brilhantes crystaes.

A chapa de ferro póde ser construida em fórma de trempe (com pés) a fim de se poder aquecer com alcool accezo pelo lado inferior, o que se torna facil.

● vinho de rosas

Fazei servir aos convidados quatro ou seis copos cheios de vinho de Bordeos, ou da Madeira, entre os quaes se encontra um que tenha um fundo falso, e as paredes ocas, contendo um liquido corado, em tudo semelhante ao vinho que dizeis. O resto deste copo deve estar cheio de mimo-

as folhas de rosa rubra, e fingindo que o entornaes no vestido de qualquer dama, com surpresa se verá que o supposto vinho se transformou em folhas de rosas.

Café magico

Para fazer esta sorte é necessario ter um vaso com dois fundos; o superior deve ser um tanto mais alto e em fórma de tampa, a fim de se tirar com facilidade. Esta parte superior deve ser cheia, á vista de todos, com milho, amendoas ou outro qualquer objecto que melhor convenha, e depois cobrindo-se com uma campanola opaca, deita-se fogo a um pouco de espirito de vinho que está no prato em que assenta o vaso; e momentos depois, tirando a campanola que deve trazer consigo, com o auxilio de uma mola o segundo fundo, vê-se com espanto o café já preparado e fervendo.

É escusado dizer que o café estava já de antemão introduzido no primeiro fundo.

A fritada no chapéo

Pede-se um chapéo emprestado e nelle se introduz uma fritada de ovos já preparada, porém com ligeireza para que

se não perceba esta introdução. Pega-se em seis ovos, cinco dos quaes estão disfarçadamente vazios, o que está cheio, conhecido por algum signal particular, ou pelo peso, deixa-se quebrar como por descuido, a fim de melhor fazer acreditar que os outros estão perfeitos. Quebram-se em seguida dentro do chapéo os ovos vazios, e depois com espirito de vinho accezo, finge-se que se fritam os ovos, e momentos depois mostra-se a fritada já prompta.

A caixa de rapé transformada em jardim ou o jardim improvisado

Com uma caixa de rapé redonda e com dois fundos, é que se faz esta sorte. O segundo fundo está já de antemão preparado com algumas pequenas flores, dispostas em boa ordem, e o primeiro conserva-se limpo.

Apresenta-se a caixa aberta no fundo limpo, á pessoa a quem se quer fazer a surpresa, e pede-se-lhe que deite na caixa algumas sementes que se lhes apresentam com muito cuidado, figurando estar nellas todo o segredo desta ligeireza.

Feito isto, tapa-se a caixa, e depois de alguns ditos graciosos que prendam a attenção por alguns momentos, abre-se a caixa no segundo fundo e apparece com geral surpresa o jardim florido e viçoso.

symbolo da vida e da morte

Collocam-se duas vélas sobre uma meza ao lado uma da outra; accende-se uma dellas, e tem-se o cuidado de cortar todo o morrão. Põe-se no pavio da outra um pedaço de phosphoro, que terá sido antecedentemente esfregado muito de leve com papel pardo.

O magico carregará uma pistola de cano comprido com polvora sómente, e irá postar-se a seis pés de distancia das vélas, prevenindo aos espectadores que a véla acceza representa a vida, e a apagada a morte; e que aquella pistola tem o poder de dar vida e morte igualmente. Apontará para o centro do espaço que separa as vélas e fará fogo. A commoção do ar produzida pelo tiro apagará a véla acceza, e o phosphoro encerrado na pavio da véla apagada inflamar-se-ha, deixando a véla acceza.

A moeda viajante

Pede-se a um dos espectadores que pegue em uma caixa, na qual na sua presença se mette uma moeda ou um anel; o magico põe-se a uma distancia, e pede á mesma pessoa que sacuda a caixa, e ouve-se a moeda mover-se dentro, pede-se-lhe novamente que sacuda a caixa, e não

se ouve o movimento da moeda, á terceira vez torna-se a ouvir, á quarta vez desaparece a moeda e vae achar-se no sapato de um dos espectadores.

A caixa deve ser feita de proposito, julgo que não é necessario descrever a sua construcção, por que todos os pelotiqueiros as tem para vender.

Esta que causou tanta surpresa em Londres e em Paris, não differe das mais senão em ser mais bem feita, e pertencer a uma pessoa que orna as suas peças com todas as vantagens possiveis. Esta caixa é feita de modo que, revolvendo-a juntamente debaixo para cima, se ouve a peça que está dentro; pelo contrario, movendo-a com força em uma direcção horisontal, cae uma molla sobre a moeda que embaraça que esta se mova e que se ouça, o que faz parecer que já não está na caixa. O magico pega na caixa com o pretexto de mostrar como se deve sacudir, e posto que a caixa esteja fechada, tira fóra a moeda por meio de uma abertura secreta, e pela mesma abertura introduz outra moeda, e torna a entregar a caixa á mesma pessoa, e segundo o modo com que sacode a caixa, faz crer que a moeda está e não está. Emfim, a verdadeira moeda acha-se no sapato de uma das pessoas da companhia, ou pelo meio de uma pessoa confidente, dando-lhe uma moeda semelhante, ou mandando uma pessoa de destreza para deitar esta moeda no chão, e procura-se persuadir a pessoa que a moeda caíra, quando lh'a tirarão do sapato.

A carta dançante

O magico pede a um dos espectadores que tire uma carta de um baralho que lhe apresenta: depois de tirada e embaralhada; manda-se que appareça na parede, o que executa saído como se requereu, descrevendo uma linha divergente da direita para a esquerda; desaparece chegando ao tétto da casa, e torna a apparecer um instante depois movendo-se em uma direcção horisontal. Esta peça consiste em fazer que uma pessoa tire uma carta determinada, conhecida pelo toque, por ser mais comprida que as outras; depois de embaralhadas as cartas, tira-se do baralho totalmente a carta que se viu, para se mostrar á companhia que a carta já se não acha no baralho, e quando se ordena que a carta appareça na parede, o confidente pucha com destreza por uma linha que está preza á extremidade de uma carta semelhante á que se tirou, faz-se correr esta carta por detraz de um vidro. Esta mesma carta está preza por differencies fios de seda muito finos a outra linha bastante teza, pelo comprimento da qual se faz correr a carta, e esta direcção da linha é que fórma a direcção da carta.

A lampada do Diabo

Esta lampada se deverá pôr sobre uma banca, e um dos espectadores a uma certa distancia della, assopra por um tubo, e sem porém dirigir o seu assopro para o logar aonde está a luz, a lampada se apaga como se effectivamente se assoprasse. Esta lampada tem na sua base um pequeno folle, cujo vento communica-se por meio de um tubo ao pavio, e o confidente movendo a machina que está escondida debaixo da meza, põe o folle em movimento, e por este modo apaga a luz quando é necessario.

N. B. Esta sorte pôde ser executada sem folle, com tanto que na base da lampada haja fabricada uma molla para puchar o pavio para baixo quando se quer, e deste modo poderá o pelotiqueiro fazel-o apparecer e desapparecer quantas vezes quizer.

Um pombo morto com uma estocada que se dá na sua sombra

Consiste esta pelotica em atar o pescoço de um pombo a duas fitas bem tezas, cujas extremidades são prezas a dois pilares. Cortar-se-ha a cabeça ao pombo sem a tocar, no mesmo tempo que o magico fura com um espadim a figu-

ra de um pombo pintado sobre um bocado de papel. Para fazer esta sorte esconde-se entre as fitas uma lanceta muito penetrante, curvada em fôrma de uma fouce, este instrumento está atado a um pequeno fio, o qual passando entre ambas as fitas e por dentro de um dos pilares, vae ter á mão do confidente. O pescoço do pombo deve ser atado ou seguro a algum fio para ficar immovel: o magico quando se prepara para dar a estocada ao passaro pintado, bate com o pé no chão; este é o signal que elle dá ao confidente para puchar o fio a que está pegado o instrumento; que deste modo corta instantaneamente a cabeça ao pombo.

O ramalhete magico que produz flores e fructas, segundo o que se deseja

Consiste em fazer um ramalhete em que as asteas podem ser ou de papel enrolado, de folha de Flandres, ou de qualquer outra materia, com tanto que sejam furadas e que possam dar uma livre passagem ao ar que se assopra por baixo; a estas asteas dever-se-hão ajuntar raminhos feitos de fios de arame; e tudo deverá ser ornado de folhas feitas de pergaminhos imitando o mais possivel a natureza. A uma das xetremidades de cada uma das asteas se deverá introduzir pequenos bocadinhos de seda, preparados com gomme, ou de folha de batedores de ouro, estes bocadi-

nhos devem formar a flor, ou fructa que se deseja, logo que se separam pelo ar que se introduz por dentro das asteas, ás quaes elles devem ser atados por um fio de seda. Antes de se fazer esta sorte devem-se introduzir na extremidade das asteas os fructos e as flores feitas de seda, ou folha acima referida, fazendo-se entrar de modo que não appareça vestigio algum delles, o que estando feito do modo que fica dito, metter-se-ha o ramalhete no gargalo de uma garrafa, a qual contém no seu interior um folle que se põe em movimento por meio das alavancas que estão escondidas debaixo da meza, e o ar que sae pelo folle faz sair a flor e o fructo, do mesmo modo que succede com os balões aereostaticos. E no caso que se queira tirar o ramalhete se póde fazer, com tanto que se tenha praticado uma valvula no tronco principal, que fechando-se, embarace a saída do ar.

A carta que sem ser tocada salta fóra do baralho

Fazei tirar uma carta que depois se mistura com as outras; o baralho se mette em uma especie de caixa, que se põe sobre uma garrafa, que serve como de pedestal: no momento que se requer pelos assistentes a carta salta ao ar. Deve-se pedir a um dos espectadores que tire uma car-

ta do baralho, mas deve-o fazer com tal destreza, que o espectador tire a carta que elle deseja: mette-se então o baralho na caixa, de modo que a carta escolhida fique sobre um fio de retroz seguro ao lado da garrafa, o qual passa pelo baralho sobre a borda da caixa, e através da meza por detraz do repartimento. Deste modo o confidente não tem mais que puchar o fio que levanta a carta, que correndo sobre a liza extremidade da caixa, obra com tão pequena fricção como se corresse por uma roldana. Se quizer dispôr as cartas na caixa tão depressa, que os assistentes não percebam algum preparo, não deveis servir-vos do baralho que se tiver mostrado, mas deixal-o dextramente sobre a meza, e empregar outro baralho em que de antemão se tenha preparado a carta escolhida e o fio.

Sorvete monstro

O magico apresentar-se-ha aos espectadores dizendo que vae fazer um sorvete, o qual pela sua grandeza será capaz de satisfazer ao rei dos glotões; porém que o mais extraordinario é que este sorvete não só será feito sem gelo, mas será fabricado com um calor maior de trinta e seis graus de thermometro de Reaumur. — Feita esta explicação mandará vir uma grande catimflora, destas usadas nos sorveteiros, mandará vir mais alguns limões azedos, assucar sufficiente, e finalmente agua fria.

Deixará os espectadores examinarem estas cousas, e depois, cortando os limões, lançará o seu sumo dentro do vaso de metal da catimpola juntamente com o assucar e a agua que julgar conveniente ; fechará este vaso com a tampa e o collocará no seu lugar proprio, isto é, dentro do competente barrilzinho de madeira.

Terminados todos estes preparativos, o magico mandará vir dez libras de sulphato de soda e oito libras de acido sulphurico de trinta e seis graus ; lançará estes dois ingredientes no barrilzinho de madeira (no mesmo lugar que se costuma pôr o gelo) e começará a dar ao vaso de metal que se acha mergulhado nesta composição, um movimento de rotação igual ao que se dá quando se fazem os sorvetes ordinarios.

Continuará assim por algum tempo, e depois mandará vir outras dez libras de sulphato de soda, mais oito libras de acido sulphurico, renovar a mistura do barrilzinho, lançando fóra a que já ali estava, e continuará o mesmo movimento de rotação por igual espaço de tempo ; findo o qual renovar esta composição uma terceira vez, fazendo o mesmo que antecedente. O liquido contido no vaso de metal apresentar-se-ha congelado.

O magico, tomando um grande copo, ou antes um vaso de vidro que possa conter todo o sorvete de uma só vez, o apresentará aos espectadores, convidando-os a provar sem receio algum o producto do seu trabalho, o qual é, sem

exaggeração alguma, um sorvete monstro, fabricado sem ajuda de gelo.

O pão inquieto

Toma-se um pão fresco não muito cozido, fura-se em um dos lados, e por ali introduz-se um pouco de azogue vivo, tapa-se o furo e aqueita-se bem o pão; apenas esteja quente, elle começará a saltar com tal inquietação que não será possível retel-o n'um prato.

Os anneis constantes e inconstantes

Dissolve-se uma pitada de sal commum em uma colher d'agua distillada, ou em falta desta em agua do rio; mergulha-se nesta mistura um fio de linha crua de dez palmos de comprimento, deixa-se por vinte e quatro horas, tira-se então e deixa-se seccar.

O magico pedirá aos espectadores dois anneis de ouro fino, declarando que reconhece ser um delles o symbolo da constancia, e o outro o symbolo da inconstancia. Depois enfiará o anel que houver reconhecido por symbolo de constancia no fio de linha crua preparada, tendo o cuidado de a dobrar em duas. Enfiará igualmente o anel, symbolo da inconstancia, em um fio de linha crua não pre-

parada. Atadas as extremidades destes fios em duas cadeiras, de maneira que fiquem tezas horisontalmente, o magico tomará uma véla acceza e queimará primeiramente um, e depois o outro fio de linha. O fio preparado queimar-se-ha sem que deixe cair o anel, podendo este conservar-se suspenso por muito tempo se alguma coisa não tocar nas cinzas que o sustém; em quanto que o anel da linha não preparada cairá apenas seja abrazado. É a isto que os pelotiqueiros chamam anneis constantes e inconstantes.

A carta pregada na parede com um tiro de pistola

O magico pede a um dos espectadores que tire uma carta do baralho, depois pede á pessoa que a tirou que corte um bocado, e que o guarde para a poder reconhecer depois, a carta rasgada, ou cortada por este modo se queima e se reduz a cinzas: carrega-se uma pistola com polvora, misturada com as cinzas da carta queimada: em logar da bala mette-se um prego, marcado por uma das pessoas de companhia. Atira-se com o baralho de cartas para o ar, dá-se fogo á pistola, e a carta queimada apparece pregada na parede. Compara-se o pedaço da carta que se cortou, e acha-se que corresponde perfeitamente, e o prego com que

está pregada a carta na parede, é reconhecido pelos assistentes pelo mesmo que se marcou. Quando o magico vê que se cortou a porção da carta tirada do baralho, volta á scena, e em outra carta simillhante rasga uma porção igual á primeira: voltando para os espectadores, pergunta pela carta que se tirou, e a põe na parte inferior do baralho, e substitue com destreza a carta, que elle mesmo preparou, que queima em logar da primeira. Quando a pistola está carregada, pega nella com o pretexto de perguntar para que parte a deve apontar, aproveita-se desta occasião para abrir um buraco no cano visinho á coronha da pistola, pelo qual lhe cae o prego na mão pelo seu proprio peso: depois d'isto feito, pede a um dos espectadores que ponha mais polvora e buxa na pistola; em quanto isto se faz, leva o magico o prego e a carta ao seu confidente, e este prega a carta com a maior ligeireza possivel em um pedaço de pau quadrado, que fecha um espaço que se deixa aberto na tapessaria; e para que se não perceba, cobre-se este pedaço de pau com pedaço de estofa semillhante ao da tapessaria da casa, por este meio se esconde a carta debaixo do sobredito pedaço de estofa: este pedaço de estofa se prende pelas pontas superiores com dois alfinetes, e pela parte de baixo se prende uma linha, cuja extremidade tem o confidente na mão. Logo que o confidente ouve o tiro da pistola, pucha pela linha, por este meio cae o pedaço de estofa, e se dirige por detraz de um vidro, e apparece a

carta que se marcou, pregada com o prego que se metten na pistola.

A caixa obediente que se abre quando se ordena

O magico pega em uma caixa que tem uma pequena figura de Mafoma, nesta caixa e no corpo della ha uma mola feita de fio de arame torcido em fôrma espiral.

Por este meio a pequena figura, ainda que mais alta que a caixa, pôde pela commodidade da mola conter-se dentro della quando se fecha, e então a mola no corpo se aperta e encolhe. A caixa está posta sobre uma alavanca escondida na meza (que já descrevemos) a qual com o socorro do confidente communica o seu movimento ao gatilho da fechadura, e logo que o buraco está desembaraçado, a mola que está no corpo da figura, não achando outra resistencia mais que o peso da tampa, obriga esta a abrir-se.

O poço do Diabo

O magico dá a um dos espectadores quatro pequenos confeitos, ou bolinhas de diferentes côres, para que as misture e lance no poço. Pede-se-lhe então que diga a côr

que quer tirar primeiro, e a mesma pessoa deita o balde e tira a côr que nomeou, e assim as outras, cada uma por sua vez: O poço é feito de modo que os confeitos ficam no meio, e d'ahi para baixo ha quatro pequenas cavidades, que contém os confeitos de antemão, e se fecham com valvulas similhantes ás de que se usam nas flautas; o poço para o fundo é mais estreito, e junto com o balde, o qual estando no fundo e tendo-se pedido a côr que se deseja, o magico só toca na valvula, e cae no balde o confeito da côr que se pediu.

O lenço magico

O LENÇO MARCADO, CORTADO, RASGADO E CONCERTADO

Pede-se a dois dos espectadores que queiram chegar-se ao pé do magico, entrega-se-lhe um lenço, o qual segurarão pelas quatro pontas, em seguida pedem-se differentes lenços, e depois de recebidos se mettem todos no primeiro em fórmula de embrulho: depois de se ter junto uma porção delles, o magico pede a uma terceira pessoa que tire um destes lenços ao acaso, e depois de o tirar, pede que examine as marcas e que com uma thesoura corte a ponta do lenço, pedindo aos mais espectadores que cortem outras differentes partes a seu arbitrio, ficando depois desta ope-

ração o lenço feito em pedaços. Juntam-se todos estes pedaços, e depois de borrifados com alguma droga se embrulham e se atam com uma fita para os reduzir a um pequeno volume, mettem-se debaixo de um vidro que se aquece esfregando-o com a mão. Depois de passados alguns minutos, tira-se o lenço debaixo do vidro e se desembrulha. Reconhecem os espectadores o lenço inteiro conforme estava antes de se ter cortado. A operação que produz um tão geral engano e illusão, é muito simples. Uma das pessoas da companhia deve estar combinada com o magico, tendo esta dois lenços perfeitamente semelhantes, dá um delles ao confidente do magico, que está escondido atraz da scena, e atira com o outro ao chão para se fazer nelle a peça.

O magico deve ter o cuidado de pôr este lenço ao de cima do embrulho, mostrando que se embrulha ao acaso. A pessoa, a quem se pede que tire o lenço que lhe parecer, pega naturalmente no que se acha na parte superior, e observando-se que se tira outro lenço, pede-se então que se tornem a revolver bem os lenços, com o pretexto de executar melhor a peça e fingindo que se tornam a embrulhar, procura-se restabelecer a posição em que deve ficar o lenço, sobre o qual se deve fazer a peça, e entregando-se o embrulho a outra pessoa da companhia, cuja presença mostre ter um character menos suspeito e menos penetrante, esta pela sua sinceridade tirará o primeiro lenço. A parte da meza sobre que se põe o vidro, debaixo do

qual fica o lenço, é um alçapão que, abrindo-se, deixa cair o lenço em uma gaveta: o confidente escondido atrás da scena, introduz a mão por baixo da meza e substitue o segundo lenço no lugar do primeiro; fecha-se o alçapão que deve unir perfeitamente as suas juntas para poder enganar a vista do mais prespicaz e incredulo espectador..

A carta obediente

Mande-se fazer uma meza que tenha quatro pés bastante finos, para que não dê logar a suspeitas: um dos pés desta meza será ouco, afim de dar passagem a um canudo de folha de Flandres, de meia pollegada de diametro, o qual principiando abaixo do assoalho do theatro, atravessará o pé da meza e chegará até acima, e voltando em angulo recto passará por dentro da taboa que cobre a meza, e irá sair no meio della, excedendo a superficie desta duas pollegadas. Procura-se depois tirar todo o fundo de uma garrafa sem offender os lados, introduz-se pelo fundo uma pelle de castor, cortada de maneira que tenha exactamente o mesmo diametro do interior da garrafa, e esta colloca-se sobre a meza no lugar onde saiu o canudo de folha, de modo que as duas pollegadas que sobresaíam á meza fiquem dentro da garrafa.

Na extremidade do canudo que fica abaixo do assoalho.

estará alguém com um folle, cujo bico possa ser introduzido justo dentro do canudo.

Tocando-se este folle, far-se-ha subir a pelle de castor até quasi ao gargalo da garrafa; introduz-se pelo gargalo uma rolha bastante comprida para ir descançar sobre a pelle de castor, ficando com a outra extremidade no começo inferior do gargalo.

Isto feito, mette-se uma carta qualquer pelo mesmo gargalo, e esta irá descançar sobre a rolha de cortiça, ficando occulta e prolongada com o gargalo em posição vertical. Arranjado todo este apparatus, o magico tomará um baralho de cartas, onde terá introduzido uma carta maior de que todas as outras, e esta carta deve ser igual áquella que houver sido posta na garrafa: supponhamos que a carta da garrafa é uma sota de paus, a carta maior do que todas as outras deve ser igualmente uma sota de paus. O magico apresentará este baralho a algum espectador para partir e vêr a carta que fica por baixo do monte que tem na mão; necessariamente o espectador partindo o baralho pegará na carta mais saliente, e por isso apresentará a sota de paus. Então o magico, tocando algum instrumento, tal como rebeca, e a fim de impedir que sejam ouvidos os sopros do folle, mandará que venha a dama de paus de dentro da garrafa; o ajudante por baixo do assoalho fará soprar o folle, a cada sopro deste a pelle de castor subirá um pouco na garrafa, e por conseguinte subirá tambem

tudo o que estiver sobre ella, e eis ahi saindo da garrafa a dama de paus obediente ao mandado do magico e no meio dos applausos dos espectadores.

⊙ retrato do Diabo

Pinta-se com tintas de côres em um papel do tamanho de dois palmos quadrados, uma grande e feia cabeça, deixando-lhe em branco os logares dos olhos, da boca, do nariz e das orelhas. Pinta-se depois com tinta sympathica purpurina os olhos, a boca e as orelhas nos logares da cabeça que se havia deixado em branco. Com tinta sympathica verde pinta-se os cornos e dentes, e com a tinta sympathica amarella o nariz. Apenas estas tintas estejam secas, a cabeça parecerá não ter olhos, boca, orelhas, cornos, dentes e nariz.

Querendo servir-se deste retrato, o magico irá buscar á sala visinha, onde terá o cuidado de ter um cavallete de pintor guarnecido com uma chapa de ferro maior do que o papel do retrato, cuja chapa deve estar com o maior grau de calor possivel (mas não em braza). Este cavallete será collocado no meio da sala em frente dos espectadores. O magico entregará o retrato ás pessoas presentes, a fim de o examinarem, e dirá que tem dado principio áquella cabeça, porém que não a tendo podido acabar por falta de

tempo, vae agora acabal-a á vista dos circumstantes. Depois irá collocar o papel sobre a chapa, ficando assim o verso deste unido á chapa e a frente virada para os espectadores. O magico irá postar-se entre as pessoas presentes, e com uma palheta e pinceis fingirá que está assim de longe acabando o retrato. O calor da chapa reviverá pouco a pouco as côres dos olhos, da boca, das orelhas, dos cornos, dos dentes e do nariz, apparecendo então o retrato do Diabo. Em quanto a chapa tiver calor sufficiente, o retrato estará á vista, porém, logo que esfriar, desaparecerão as côres sympathicas.

Modo de fazer as côres sympathicas

PURPURINA

Dissolve-se azul de cobalt em acido nitrico; ajunta-se sub-carbonato de potassa pouco a pouco para evitar grande effervescencia, e deixa-se em repouso; apenas o liquido se torna claro passa-se para outro vidro, e junta-se uma pouca de agua.

TINTA VERDE

Põe-se em um frasco uma parte de cobalt e quatro partes de acido-nitro-hydro-chlorico; expõe-se o frasco com es-

ta mistura a calor moderado até que o ácido não dissolva mais; ajunta-se então sal commum em quantidade igual ao cobalt empregado, e quatro vezes mais de agua de que se empregou de ácido: por ultimo filtra-se esta mistura.

TINTA AMARELLA

Faz-se uma solução com uma parte de hydrochlòreto de cobre e duas de agua.

○ relógio feito em migalhas em um almofariz

Pede-se um relógio a um dos espectadores e mette-se em um almofariz, pouco depois roga-se a outra pessoa que o pize com a mão do almofariz; ao que se segue mostrar-se aos assistentes as differentes partes do relógio inteiramente despedaçadas. Passados poucos minutos, restitue-se o relógio inteiro a seu dono, que o examina e acha ser o mesmo. Tendo-se recebido o relógio, põe-se o almofariz em cima da meza, a qual tem um alçapão semelhante ao que já descrevemos. (*Vide* a explicação do lenço cortado, rasgado e concertado) devendo cobrir o almofariz com um lenço, para que o confidente possa, sem ser percebido, introduzir outro relógio no lugar do primeiro. Para fazer esta

habilidade deve estar provido de um outro relógio, que se pareça de algum modo com o primeiro no tamanho da caixa, etc.; o que não é difficiloso, pois se póde pedir o relógio a uma pessoa com quem se tenha ajustado para o dar; ou recorrer a quem tenha um relógio que vós já conheceis, e ter procurado outro que se pareça com elle. Depois de mostrar o relógio escangalhado, torna-se a metter os pedaços no almofariz, o qual deveis cobrir outra vez com um lenço, e em quanto divertis a companhia com alguma historia, ou peça, o vosso confidente tira os pedaços do relógio quebrado, e põe no almofariz o relógio inteiro.

o inverno transformado em estio

Procura-se obter uma estampa que represente o inverno da Europa: esta estampa deve ter necessariamente arvores sem folhas e como seccas; cujas gravuras levemente feitas são geralmente proprias para servirem de exemplares de desenho. A pessoa que pretender pôr em pratica este divertimento terá de colorir a estampa com tintas ordinarias, e depois pintará as folhas verdes nos galhos seccos com tinta verde sympathica (veja-se a tinta que ensinamos para o retrato do diabo) tendo o cuidado de servir-se de uma tinta mais fraca para pintar as folhas das arvores que estão ao longe. Depois de pintadas as folhas com esta tinta

deixa-se seccar, põe-se a estampa em quadro guarnecido de um vidro, e cobre-se as costas do quadro com um papel simplesmente collado pelas bordas.

Querendo o magico servir-se deste quadro, irá buscar um cavallete de pintor tal e qual como descrevemos no retrato do diabo; e collocando sobre elle o quadro, irá pos-tar-se em distancia. Brevemente o calor da chapa, transmittindo-se ao papel do desenho, fará apparecer gradualmente as arvores com bellas folhas verdes, transformando-se assim o inverno em estio.

A bala de cebo

Carrega-se uma espingarda, pondo-se em vez de bala um toco de véla; apontando-se para qualquer taboa, o toco de véla furará a taboa como se fosse uma bala de chumbo.

A carta que se queima, e acha depois em um relógio

Uma das pessoas da companhia tira uma carta ao acaso, o magico pede tres relógios aos espectadores, os quaes se embrulham em diferentes pedaços de papel em fórmula das caixas que se põem os dados; põem-se estes sobre a mesa,

cobrem-se com um guardanapo; queima-se a carta escolhida e mettem-se as cinzas dentro de uma destas caixas, pouco tempo depois abre-se e não se acham as cinzas. Põem-se os tres relgios em um prato, uma das pessoas da companhia escolhe um destes relgios, a mesma pessoa abre o relgio, e acha debaixo do vidro o pedaço da carta queimada, e na caixa do relgio se acha uma carta em miniatura, que representa a que foi queimada. Conhece-se a carta que se escolheu, por ser um pouco mais comprida (a qual é tirada pela maneira que já temos explicada neste livro). Põem-se os relgios bem cobertos com o papel sobre o alçapão (em que já fallámos em outras sortes) e quando se faz conhecer ao confidente a carta que se tirou, estende este o seu braço por baixo da mesa, e tira um relgio, que depois de preparado torna a repôr no seu lugar. Devem-se cobrir os relgios com um guardanapo, que deve estar seguro, pondo-lhe garrafas, ou outra coisa em cima, porque de outro modo se perceberia a introdução da mão do confidente, e vêr-se-ia mover o guardanapo. Para fazer desaparecer as cinzas da carta queimada que se acham dentro da caixa, põe-se uma taboinha, ou um pedaço de papel na coberta da caixa, que seja do mesmo tamanho e dimensões da tampa, a qual taboinha quando se fecha a caixa cae sobre o fundo, e como esta taboinha deve ser da mesma côr do fundo da caixa, faz o mesmo effeito que um dobrado fundo, e esconde as cinzas da vista do espectador

surprehendido, que imagina que as cinzas foram tiradas para se formar com ellas a carta em miniatura que se acha no relógio.

A moeda dançante, ou o baile n'um copo

O magico pede emprestado a um dos espectadores uma moeda de cinco tostões : deixa-a cair sobre a mesa afim de que todos vejam que tem o pezo.

Precisa-se de uma sala de dança... Servir-nos-hemos de um copo. Neste salão de crystal, permanecerá visivel a todos os olhos. Eil-a... eu bato o compasso com a minha varinha... A moeda começa a saltar, e ao mesmo tempo que a orchestra vae subindo, vêde-a pular, tornar a cair e precipitar-se de novo, como uma segunda *Taglioni*.

Para obter este resultado, na apparencia maravilhosa, bastou-me logo que eu deixei cair a moeda emprestada na mesa, pegar n'uma outra, a qual havia prendido por meio d'uma pouca de cêra molle, a extremidade de um fio, invisivel para os espectadores a curta distancia. A outra extremidade deste fio estava preza á minha varinha e comprehendereis, sem outros commentarios, que, apenas comencei a bater o compasso, a moeda principiou logo o baile promettido.

Agua que não molha

Põe-se dentro de uma vasilha uma moeda de prata, enche-se d'agua; espalha-se sobre a superficie d'agua um pouco de pó de lycopodio. Mergulhando-se a mão no vaso para apanhar a moeda, o pó apega-se á pelle, de sorte que a mão se não molha, mas sente-se a frieza da agua. Tirando a mão da agua, bastará sacudil-a para que o pó desligue-se e vá ao chão no mesmo estado de seccura primitiva.

Um jardim e um arsenal dentro de um chapéo

(BALAS E FLORES SAIBO DE UM CHAPÉO)

Nunca vos aconteceu emprestardes o vosso chapéo a um magico, que d'elle faz saír toda a qualidade de objectos? Talvez vos admireis de vêr que, até agora tinheis, sem ter que duvidar, trazido sobre a cabeça uma cornucopia.

Prometteis uma sessão de magica aos vossos amigos, rogaes aos mais incredulos da sociedade de vos emprestarem o chapéo, sob o pretexto, supponho eu, de atravessar de parte a parte o feltro com a vossa varinha, e sem ahi fazer o mais pequeno buraco.

Pegaes muito naturalmente no chapéo e o passaes para detraz da mesa, d'onde fazeis frente aos espectadores.

Tendes, então o cuidado de segurar o chapéo (um momento, com as duas mãos, se julgardes que assim é preciso) de maneira que as abas não estejam nem mais altas, nem mais baixas de que a superficie da mesa, mas sufficientemente atraz desta.

Sobre a *servente* se acha collocada com antecedencia. uma bala de folha de Flandres, ôca, cheia de pequenos ramalhetes. e atravessada por um buraco. Sempre dizendo algumas palavras a respeito do estratagemma que tomasteis por pretexto, para o emprestimo do chapéo, passaes um dedo pelo buraco da bala, e a fazeis entrar dentro do chapéo; depois no momento em que fingis querer com a varinha, trespassal-o, affectaes admirar-vos de encontrardes uma resistencia inesperada, e examinaes o chapéo para conhecerdes a causa; no mesmo instante, podeis gritar que seria para lamentar destruir o bello jardim que o dono do chapéo parece estar habituado a trazer na cabeça, em seguida distribuís, no meio de gargalhadas, os ramalhetes que tiraes um a um da bala.

Quando se acabam e que todos julgam mais do que nunca, que o chapéo está vazio, fazeis sair de dentro, não sem causar uma admiração geral, a sobredita bala, que encarregareis o vosso ajudante de levar, como se o objecto fosse muito pesado, afim de que o logro seja completo.

Voltaes para a mesa, dizendo que actualmente julgaes poder executar o estratagema primeiro annuciado. Introduzís ahi, do mesmo modo que ainda agora, uma bala de madeira sem ser ôca, que desta vez deixaes cair por terra com um grande ruído, o que faz affastar todas as suspeitas relativas ao primeiro projectil.

Tereis então divertido e surprehendido os assistentes, mais do que elles esperavam, para que vos seja permittido de entregar o chapéo com esta conclusão, observando que não pensaveis que vos emprestassem um jardim completo, e um arsenal cheio de projectis.

O cofre pezado, ou o decimo terceiro trabalho de Hercules

Hercules executou doze trabalhos, que na antiguidade o fizeram elevar á cathegoria de semi-deos. Apesar da sua força sobrenatural, ha uma empreza que, talvez elle não podesse executar, se o destino lhe tivera reservado esta decima terceira prova.

Não julgueis que se trata de exterminar uma nova *hydra*, a quem se cortavam as cabeças e constantemente appareciam outras para as substituir, ou de combater um segundo leão de Nemea, trata-se apenas de levantar o pequeno cofre que eu sustento neste momento com um dedo. Es-

te cofre tem, com effeito, uma singular propriedade, é de ser, umas vezes d'uma ligeireza extraordinaria, e outras d'um peso tal, que repetimos, o filho de *Aemena* não teria sido capaz de o fazer mudar de logar, se não conhecesse o segredo de lhe tirar o peso. Vejamos, se graças á minha sciencia, não terei alguns direitos a um dizimo de divindade. Ponho o cofre em cima deste pequeno pedestal, d'onde cada um póde ainda levantál-o facilmente. Uma creança acaba de o fazer sem menor custo. Toca-vos agora fazer outro tanto, senhor, se vos convém. Com os diachos! o cofre resiste; agarrae-lhe com as duas mãos. Não recieis empregar todas as vossas forças; tendes feito um sem numero de esforços, e o nosso cofre ainda se não moveo a grossura d'uma linha, do logar aonde está. O vosso visinho, apesar de todas as diligencias que faz, e de toda a energia que desenvolve, não é mais feliz. Não quero ter segredos para vós, e dir-vos-hei já: que basta assoprar no meu cofre, para lhe dar toda a sua ligeireza. Já assoprasteis? muito bem, agora podeis levantál-o se quizerdes, até mesmo com uma linha.

Alguns espectadores não acreditarão, por certo, no poder herculeo do nosso assopro; mas como naturalmente não teem observado que a parte debaixo do nosso cofre é uma chapa de ferro, e não saberão, talvez, que a extremidade superior do pedestal é um electrico-iman, fal-os-heis admirar, tornando pouco a pouco facil e impossivel a ele-

vação do cofre. Para isso será necessario que d'um logar, onde ninguem veja o vosso ajudante, por meio d'um fio de ferro, passando sob o pavimento, ponha, ou não, o electrico-iman em comunicação com uma pilha electrica. Hercules ahi teria despedaçado a sua maça.

As rosas enfeitçadas

Procura-se uma grande quantidade de rosas encarnadas que estejam abertas; lança-se fogo a uma porção de *enxofre*, e vae-se expondo as rosas uma a uma ao fumo desta combustão: passados alguns instantes, ellas se tornarão brancas.

Apenas estas rosas tenham assim perdido a sua côr natural, mergulha-se igualmente cada uma por sua vez em *agua pura fria*; depois arranja-se com ellas diversos ramalhetes, e collocam-se estes em jarras cheias d'agua, ficando unicamente os pés das rosas mergulhados neste liquido.

Estes preparativos devem ser feitos quatro horas antes de se pôr o divertimento em pratica. Quando chegar a occasião de servir-se destas flores, o *magico* irá buscar sobre a sua mesa os diversos ramalhetes juntamente com as jarras, e mostrando-as aos espectadores, dirá: — Estas rosas brancas fiz eu desaparecer da camara de uma noiva.

e sem duvida, o noivo, que é homem zeloso em extremo, virá procural-as neste aposento, porque sabe que d'ali só poderiam ser roubadas por arte magica; porém eu quero divertir-me á sua custa, e enfeitiçarei os ramalhetes de tal modo, que elle pegará nelles sem os conhecer. — Collocará os ramalhetes, ainda dentro das jarras, em uma mesa á parte, e continuará a divertir os espectadores com outras sortes.

Apenas haja decorrido uma hora, as rosas se terão tornado encarnadas, por que os saes proprios da agua em que estão mergulhados os pés terão neutralizado o *acido sulfuroso* que as tinha feito parecer brancas.

Então o *magico*, vendo que esta transformação está completa, dará algum signal para que entre na sala precipitamente algum esturdio com cara assim de ciumento, o qual fazendo grande algazarra, exigirá do *magico* as rosas brancas desaparecidas da camara da sua noiva, as quaes só d'ali poderiam desaparecer por arte magica.

O *magico*, fingindo-se admirado, certificará que nenhuma noticia tem de taes rosas brancas, mas que, comtudo, vae mostrar-lhe as unicas flores que possui — isto dizendo, indicará os ramalhetes que estão sobre a mesa. O noivo, examinando a sala e as flores, dirá que não são aquellas as rosas que procura, e desculpando-se humildemente sairá da presença dos espectadores, os quaes tendo estado distraídos todo o tempo pelo *magico*, só com a entrada do noivo terão

notado que as rosas brancas foram transformadas em rosas encarnadas.

O *magico*, tomando os ramalhetes, os destribuirá pelos espectadores, dizendo que — á custa de um esturdio cioso é que se póde fazer presentes de rosas enfeitiçadas.

A moeda invisivel

O dinheiro é um corpo visivel ou invisivel? Singular pergunta! respondeis vós; sim, o dinheiro é um corpo visivel.

Muitos pobres diabos, todavia, affirmam o contrario. Póde ser que elles não deixem de ter razão; vamos proval-o.

Tende a bondade, eu vol-o peço, de me emprestardes uma moeda de cinco tostões, e de marcardes a moeda afim de a reconhecerdes... Muito bem! Eis-ahi um lenço de seda que me servirá para apresentar a prova que eu prometti. No meio deste lenço colloco, como vêdes, os cinco tostões que acabaes de marcar com uma pequena cruz. Dobro o lenço de maneira, sómente, a embrulhar a moeda, mas ser-vos-ha facil reconhecer a sua fórma.

Façamos cousa melhor: segurae o lenço, vós mesmo agarrae na pequena rolha que fórma a moeda. Podeis apalpal-a, e certificar-vos assim que está ainda no seu lugar.

Agora pego eu no lenço pelo lado opposto, pucho-o para mim, desdobrando-o em todo o seu comprimento; depois volto-o, sacudo-o, atiro com elle ao ar, afim de vos convencer que os cinco tostões não estão ali.

O facto é evidente, mas visteis por ventura para onde foi a moeda? Certamente que não! Já se vê, pois, que o dinheiro póde tornar-se algumas vezes um corpo invisivel.

É o que podereis, caro leitor, demonstrar da maneira precedente, se tiverdes um lenço em uma das pontas, do qual deverá estar cozida uma moeda de cinco tostões. Collocaes apparentemente a moeda emprestada no meio do sobredito lenço, depois dobrando-o no logar desta ultima moeda que conservaes entre o dedo do meio e o index, e dentro da mão, formareis a pequena rolha com a moeda que foi cozida ao lenço, n'uma especie de bainha, de modo que o dinheiro não possa vêr-se, nem cair. Quando tiraes bruscamente o lenço da mão que o segurava, a illusão é completa.

Quanto á moeda marcada, e que ser-vos-ha facil depositar sobre a mesa, ou mettel-a na algibeira, fal-a-heis apparecer n'uma chavena, ou boceta, etc., o que realçará muito o stratagemata que acabaes de executar.

O lenço magico

O magico pega em um lenço, no meio do qual roga a um dos espectadores de collocar elle mesmo uma moeda de cinco tostões; depois põe uma após outra as pontas do lenço sobre a peça, de modo que ella não ficasse occulta senão pelo ultimo angulo do lenço. O espectador pôde ainda tocar e perfeitamente sentir com o dedo os cinco tostões. Agarrando então o lenço por um dos lados, eu o desdobrei, agitei e voltei (como na moeda invisivel) a peça tinha invisivelmente desaparecido.

O espectador tem tanto trabalho em arregalar inutilmente os seus grandes olhos, que queremos de todo o coração ajudal-o a advinhar o nosso segredo.

Posto o lenço quadrado diante do magico, este começa por collocar sobre a moeda a ponta mais proxima, da direita, ou da esquerda. Nesta ponta deve ter o cuidado de pôr uma pequena bola de cera molle, que por meio d'uma pressão imperceptivel do dedo pollegar, faz prender a moeda a este angulo do lenço. Reune em seguida ao acaso as outras pontas sobre a moeda. Feito isto, um dos angulos do lenço deve ficar com a ponta dirigida para o magico, que pega-lhe com as duas mãos unidas, e as aparta vivamente, fazendo-as carregar ao longo do lenço com a moeda, quer seja a da direita, quer a da esquerda. Nesta posição

poderá sacudir e voltar o lenço magico com grande admiração dos espectadores, que terão bastante embaraço em dizer para onde emigraram os cinco tostões.

O peixe n'um copo de tinta



A chimica magica provou que a tinta era povoada de peixes, bem como a agua dos rios e do mar, e talvez ainda mais, porque se podia apostar, sem medo, que neste copo de tinta ha pelo menos um peixe. A razão porque elle se não vê é obvia: nasce da tinta ser preta, e por consequencia impenetravel. Para os certificar de que é effectivamente tinta, vou mergulhar no copo esta dama de oiros... bem vêem que saiu toda preta: neste prato vou deitar o que esta colher contém e que acabo de colher do co-

po... não tem que vêr, é tinta preta : o fundo do prato ficou invisível. Devemos tirar d'aqui um corolario, e vem a ser, que, se podessemos tornar branco o liquido contido no copo, com toda a certeza veriamos o peixe nadar deliciosamente. Só o lenço magico é capaz de obrar semelhante prodigio, e por isso vamos cobrir o copo com elle... A transformação completou-se, e o copo contém agua pura, na



qual, como vêem, nada um lindo peixe. Ora, se o prestigiador lhes mostrasse o lenço de que fez uso, veriam que contém uma fôrma de borracha igual ao interior do copo, e ainda molhada. O copo tem effectivamente agua pura, mas o que impede de a vêr é a borracha que elle contém e que obriga a julgal-o cheio de tinta. A carta que se julga mergulhar no copo, representa de ambos os lados uma da-

ma de oiros e tem uma metade pintada de preto, que é a que se mostra em segundo lugar ; finalmente, a tinta que se deita no prato sáe do cabo da colher, e não do copo como se julga. Para a experiencia ter o resultado que se deseja, basta, pois, levar com o lenço a especie de copo de borracha, que é a chave deste mysterio.

o cofre de crystal ou o modo de fazer viajar dinheiro francamente sem receio que o roubem na estrada

Supponhamos que desejaes enviar de Lisboa ao Porto quatro mil réis, pouco importa a somma, em oito meias coroas, que vos rogo de me emprestardes á vista de muitas pessoas, e depois de cada um ter feito uma marca nas suas peças.

Eil-as todas marcadas. Aceito-as, e volto para o pequeno theatro, afim de estar tão longe quanto possível do publico. O magico então faz subitamente a troca das peças, por uma pilha de dinheiro exactamente semelhante, seja que elle as ponha sobre a mesa, onde um alçapão realisa a substituição rapidamente, e na sua mesma mão, seja que elle as troque sobre a servente.

Se quereis condescender com o meu pedido, vós sereis

o Porto, e eu Lisboa; é, pois, deste lugar, que se trata de vos fazer a remessa sem despezas para ninguem, e sem que o mais destro ladrão possa capturar o dinheiro no caminho.

Que é necessario fazer para conseguir este resultado? Empregar simplesmente o cofre de crystal, que me trouxeram agora muito a proposito, e a maneira de se servir d'elle, que é bem simples. Ha ali em baixo duas pequenas argolas no tecto, o cofre tem tambem uma de cada lado; vamos suspendel-o por meio destes dois cordões com ganchos. Toda a gente poderá assim não perdel-o de vista um só instante, e como é de crystal, vêr tudo o que dentro d'elle se passa.

Damos-lhe mesmo um movimento de balanço, para que elle mostre os seus quatro lados. Volto para o meu lugar. Sabeis que eu represento Lisboa, vós sois o Porto, e o cofre, que se balanceia, é a vossa caixa municipal, na qual tenho a deitar quatro mil réis, pego na pilha das meias coroas (um alçapão a encobre sob a mão do magico) e digo: ahi os ponho no cofre. O barulho que acabam de fazer as peças quando ahi entram, vos faz vêr que ellas attingiram o seu destino.

Em fim, abrimos o cofre, tiramol-as e vol-as entregamos. Pois que sobre todas, cada um reconhece a marca que ali havia feito, não temos mais do que aconselhar-vos de empregar este meio, se quereis fazer viajar o dinheiro

promptamente, á vista de todos e ao abrigo dos ladrões de estrada.

Dissemos o que se deixa vêr aos espectadores, digamos agora o que se lhes occulta.

As duas argolas do tecto, ás quaes se suspende o cofre, teem um canal facilmente dissimulado, e que seguindo o tecto, depois uma das paredes, chega até ao logar occulto, onde se acha um ajudante. Este canudo encerra um fio de cobre, que logo que se põe em contacto com a pilha electrica, faz operar uma pequena mola, da qual as sobreditas argolas estão fornecidas. A mola impelle uma outra, collocada sobre os ganchos superiores dos cordões de suspensão, pelos quaes passa um novo fio, cujo movimento faz trabalhar as molas collocadas nos ganchos inferiores.

Estes representam então, com as argolas do cofre, o mesmo papel que as argolas do tecto com os ganchos superiores. Estes ultimos, fazem levantar e abaixar rapidamente uma taboinha interior, formando com uma segunda taboinha exterior um dos lados do cofre, cuja parte de cima e de baixo é de crystal. No meio destas duas taboinhas encontra-se um vacuo, onde o ajudante colloca as peças marcadas antes de trazer o cofre, e d'onde ellas se safam no momento em que dizeis: Aqui lhe metto as peças.

A pesca maravilhosa

Tenho justamente no meu gabinete um chaile que me servirá de rêde. A pesca ha de ser feita nesta mesinha de costura. Pódem vêr que nada tem de extraordinario. Vou deitar a rêde. A pesca deve ser feliz. Na verdade, tiro a rêde, e está sobre a mesa uma grande taça cheia de peixes



espanejando-se em crystalina agua. Talvez lhe pareça, leitor, que esta experiencia tem relação com as mesas que fallam, cantam e dançam, etc. Pois está enganado: a mesa não coopera para o bom resultado da experiencia. Agua, taça, peixes, tudo isto já o prestigiador tem debaixo das abas da casaca quando diz que vae pescar sobre a mesa.

Vou explicar como se faz. A taça de que se serve o prestigiador é mais alta do que larga, e está tapada hermeticamente com um panno coberto de caoutchouc (borracha) flexivel, e um pouco mais pequeno que a abertura da taça onde está solidamente agarrado, não só pela extensão forçada que se lhe deu para o collocar no orificio da taça, como tambem por meio d'um cordão. Tapada a taça desta maneira, mette-se n'uma algibeira de panno encerado, atada por uma cinta, e apertada á roda da cintura do prestigiador, o que faz com que elle possa trabalhar livremente. O leitor bem sabe o segredo do *Chaile de que se faz uma rêde magica*.

O escriptor electrico

Toma-se uma folha de papel pautado azul, e escreve-se na segunda linha alguma resposta ambigua, tal como — Em ti domina a curiosidade, nada te direi; — deixa-se em branco a terceira linha e escreve-se na quarta outra resposta; e assim por diante até ao fim da pagina. Estas respostas devem ser escriptas com pena de ave molhada em uma dissolução de nitrato de bismuth, logo que estiver secca a escripturação, tudo desapparecerá, ficando o papel como antecedentemente.

Quando o magico quizer fazer uso deste papel, procura-

rá um vidro quadrado e liso (como os vidros de vidraça) maior do que o papel escripto; esfregará ambas as faces deste vidro com uma sollução de *sulphureto alcatino*, e o collocará sobre uma mesa pequena (criado mudo) que esteja á vista dos espectadores.

Disposto tudo desta maneira, o magico levará aos espectadores o papel de que já fallámos, acompanhado de um lapis, rogando a cada um de escrever a pergunta que quizer na primeira linha daquelle papel, para haver uma prompta resposta: — isto feito, irá a uma outra pessoa, pedindo de escrever na terceira linha, afim de deixar a segunda linha livre para dar a resposta á primeira pergunta; e assim por diante até ao fim da pagina. Deve-se ter muito cuidado em não deixar alguém escrever nas linhas intremediaras, onde estão as respostas invisíveis.

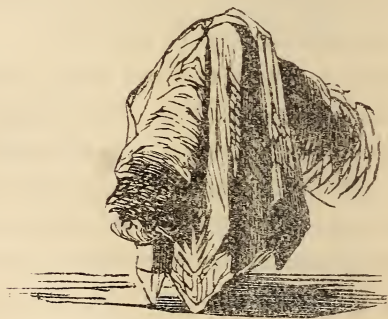
Depois o magico collocará o papel aberto, debaixo do vidro quadrado, de modo que fique a face escripta do papel voltada para cima, e por consequencia unida a uma das faces do vidro. Irá postar-se distante, em uma outra mesa, dizendo: que vae escrever as respostas, e que estas passarão para o papel que está debaixo do vidro, por electricidade — e escreverá com tinta preta ordinaria, em qualquer papel, as respostas que já havia escripto no outro papel com a sollução de bismuth.

Neste meio tempo (basta um minuto) as respostas do papel, que está debaixo do vidro, tornar-se-hão perfeita-

mente visiveis ; e o magico, apresentando o papel que estivera escrevendo, juntamente com o que contém as perguntas e respostas, deixará muitos conjecturando como, de tanta distancia, pôde o magico escrever no papel que se conservava debaixo do vidro.

Quem quer plumas?

Quem quer? Quem necessita de plumas de gosto e de boa qualidade? Olhem que é facil obtel-as... basta só sacudir o lenço magico. Vamos, pois, a isso... sacudamol-o...



aqui está uma carmezim! Outra vez; agora saíu uma branca! Continuemos a sacudil-o; ahí vem uma azul; Ainda outra vez; esta é roxa!

D'onde sáe esta quantidade de plumas? Das mangas do magico, onde é impossivel suspeitar que estejam escondidas, se ellas forem feitas de pennas de abutre. Estas plumas teem a particularidade de tomar muito pouco espaço quando se apertam, e tornarem-se volumosas quando deixam de ser opprimidas.

o bailarino na corda bamba

(AUTHOMATO)

Vêdes este pequeno dançarino, direito sobre a corda, levantar uma perna, depois a outra, fazendo passar e repassar a maromba acima da cabeça, executando a compasso toda a qualidade de polkas tão facilmente como Saint-Léon volteando sobre o palco da Grande-Opera. Com que *coquetterie* não move elle a cabeça, tão depressa para a direita, como para a esquerda, afim de melhor vêr as damas que lhe parecem mais bonitas. Tomae muita cautela com os vossos corações! senhoras! previno-vos que é um incorregivel seductor. Eis as vossas delicadas mãos applaudindo-o já, e elle agradece-vos por reverencias á *D. João*, á *Riche-lieu* e a *Lauzun*.

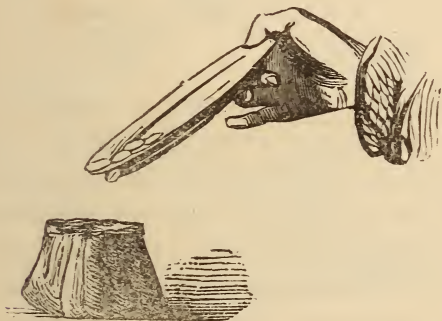
Ai! senhora, a quem tendes estado a ponto de dar uma affeição tão preciosa para os mortaes? A uma figura de

madeira, que se acha preza a um *canudo* (e não a uma corda como os espectadores o julgam) por meio d'uma haste, tambem ôca, que se conserva sempre occulta, seja pela perna esquerda da calça do bailarino, seja pela perna direita, segundo que elle levanta uma ou outra, afim de persuadir a todos, que não está de maneira alguma, preso á pertendida corda. Nesse tubo e nesta haste estão collocados os cordeis que lhe communicam os movimentos mais seductores. Um simples canudo, é para elle, o que o coração é para os humanos.

Como se prova que dois e dois são oito

Desde que a arithmetica existe, e já ha bastante tempo, todas as taboas de multiplicação teem dito que dois e dois são quatro. Isto disse-se e ensinou-se tantas vezes, que afinal todos acabaram por acreditar-o. Não obstante, esta maneira de contar é absolutamente erronea... em magia. Vamos demonstral-o, não por algarismos, que enfastiariam o leitor, mas por factos clarissimos e que não deixam após si duvida alguma. Tenha a bondade, leitor, de me emprestar quatro moedas de cinco tostões; por ora bastam-me duas. Dê-se ao encommodo de as pôr nesta bandeja, para que todos possam vêr que emprégo sómente o numero de moedas pedido. Exactamente. Agora deito bem ás claras

as duas moedas de cinco tostões neste saquinho, que póde examinar á sua vontade... bem vê que está totalmente vazio. Dê-se ao encommo de me emprestar as outras duas moedas de cinco tostões, e de as collocar tambem na bandeja. Deito-as no sacco como fiz ás primeiras. Quantas moedas de cinco tostões julga o leitor que contém agora o sacco?... Quatro... Já lhe tinha dito que se contasse como ensina o antigo systema, que é completamente falso, ha-



via de enganar-se forçosamente. Ora, tenha a bondade de despejar o sacco... Bem vê que encontrou realmente oito moedas de cinco tostões... Julgará ainda que dois e dois são quatro?

A minha opinião, leitor, é que, não obstante o que acaba de vêr, conte sempre nos seus calculos pelo antigo uso. Se o que acabamos de executar lhe fez perder a confiança que na arithemetica tinha, veja de perto a nossa bandeja.

de fórma oblonga, e conhecerá então que ella tem um outro fundo pouco visivel, é verdade, mas sufficientemente alto e largo para conter quatro moedas de cinco tostões. Este encaixe é aberto n'uma das extremidade. Pegando na bandeja pela extremidade opposta, fiz cair no sacco com as que me tinha emprestado, as quatro moedas occultas, e que por um momento lhe causaram uma perfeita illusão.

A caixa milagrosa

N'esta caixa de ebano, que tomo a liberdade de mostrar ao leitor, póde elle deitar uma carta dirigida... eu sei?... ao rei da Cochinchina! Não receie pela entrega della, por que logo que a deite na caixa, verá immediatamente partir uns poucos de correios a toda a pressa para entregarem a honrosa missiva á pessoa a quem é dirigida. Mas como não tem carta alguma a mandar para fóra, tenha a bondade de deitar na caixa um bilhete de visita. Dê-se ao trabalho de fechar a caixa e guardal-a bem... agora abra-a... Que lhe disse eu?... Olhe que lindos passarinhos saíram da caixa que o leitor teve sempre em seu poder!... Veja agora se o bilhete ainda lá está?... Como póde elle ter-se conservado na caixa, se uma das avesinhas, a que acaba de abrir a porta, o leva no bico!?

Examinemos a caixa milagrosa: por dentro é preta, e

nada apresenta de notavel: diremos, porém, que tem dois fundos, um apparente, e outro real; o apparente é aquelle em que o leitor depositou o bilhete, é semelhante em tudo ao verdadeiro; entre estes dois fundos ha o espaço sufficiente para poder estar um ou mais passaros. O fundo apparente está preso a um gancho que o faz girar, e assim é



que, quando se fecha a caixa, a tampa põe em movimento uma mola que faz levantar o fundo apparente. Deste modo, quando o primeiro fundo se encosta a um dos lados, leva comsigo o bilhete que ahi se deitou, e quando a pessoa que está de posse da caixa a abre, vê sair della os passaros que já não estão presos pelo fundo apparente que lhes servia de tampa.

Os pilares maravilhosos

Imagine o leitor duas pequenas columnas, tendo em cada extremidade uma bola semelhante a um ovo de pomba. Estão juntas uma á outra por um cordão que atravessa as duas bolas superiores; o prestigiador pucha repetidas vezes o cordão da direita para a esquerda, e desta para aquella, para mostrar que passa bem pelo meio das bolas. Depois pega n'uma thesoura, e diz que vae cortar o cordão, do que ninguem duvida, quando elle mostra os dois pilares separados, e tendo cada um uma ponta do cordão cortada pelo meio. Em seguida une os pilares, e é quanto basta para que o cordão se ache immediatamente ligado como estava. Torna a puchal-o d'um lado para o outro, como ha pouco fez, convidando algumas vezes um espectador para metter o nariz entre as bolas que o cordão parece atravessar.

Para obter este resultado, é tão inutil atar o cordão como cortal-o, porque elle não atravessa as bolas através das quaes parece passar. Existem de facto dois cordões; uma das extremidades de cada um delles são por uma das bolas, que se unem de maneira, que estas duas extremidades pareçam ligadas transversalmente. A outra extremidade dos dois cordões que passam por dentro dos pilares, vae enrolar-se n'uma especie de roldana collocada nas bollar

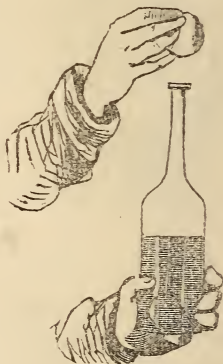
opostas. A uma das roldanas está adaptado um torno exterior muito pequeno; a outra roldana governa um quadrado ôco, no qual o torno se encaixa quando se unem totalmente os pilares. Comprehende pois, o leitor, que depois de ter unido os pilares, se puchar pela ponta do cordão exterior do primeiro, faz voltear a roldana, e ao mesmo tempo o torno, que imprime um movimento circular ao qua-



drado e á roldana do outro, a qual envolve o segundo cordão, cuja extremidade opposta diminue tanto de um lado, quanto pelo outro se pucha, e produz assim uma verdadeira illusão. Se, pelo contrario, fizer movimento da direita para a esquerda, e depois vice-versa, a pequena machina trabalhará em sentido inverso e com o mesmo resultado.

Como se faz mudar de côr uma bola de crystal branco, obrigando-a a passar, apesar do tamanho, pelo gargalo d'uma garrafa

Apresentemos, sem preambulos, a garrafa de que vou fazer uso. Está muito a proposito meia de vinho, e tem o gargalo um pouco comprido, mas em compensação muito estreito, para poder passar por elle, esta bola de crystal



branco, sem o auxilio da magia. Tratemos de diminuir a bola, apertando-a nas mãos. Deve já estar d'um tamanho conveniente para passar... Exactamente, eil-a na garrafa. Parece impossivel, o vinho tinge-a immediatamente. Mas

agora trata-se de a tirar já. Talvez isto se obtenha apertando a garrafa pelo lado de baixo; o meio é excellente, porque já tenho a bola na mão. Mudou unicamente de côr como os tinha prevenido, era branca, e está agora encarnada.

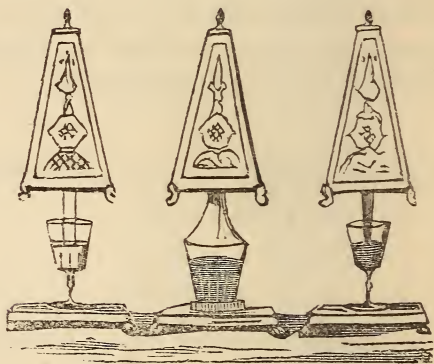
O leitor não descobriu já, que fingindo apertar a bola de crystal, deixei-a cair sobre uma mesa invisivel do publico, e que, apertando a garrafa por baixo, tirei uma bola de crystal encarnado que lá se achava?... Descobriu de certo! Então passemos a outra experiencia.

Processo infallivel para se beber vinho puro

Quem póde gabar-se de beber vinho sem agua? Ninguém, talvez, porque os mesmos que o fabricam, pelo côstume em que estão, necessariamente baptisam o que bebem. O processo que hoje ensinamos aos leitores, é de immensa utilidade e facilimo na execução, porque consiste em separar o vinho da agua.

Deitamos n'uma garrafa um copo cheio de vinho e outro d'agua. Colloca-se a garrafa sobre este pedestal e um copo de cada lado. A operação executar-se-ha quando estes tres objectos estiverem cobertos com tres pyramides. Para que a experiencia tenha um resultado satisfatorio, deixar-se-ha

á escolha dos espectadores o copo aonde deve apparecer a agua ou o vinho... Desejam que a agua appareça da esquerda e o vinho da direita? Bem! Tiremos as pyramides que servem de tampa; a garrafa está vazia, e, conforme as suas ordens, a agua passou para o copo da esquerda, o vinho para o da direita. Grande descoberta para os amadores!



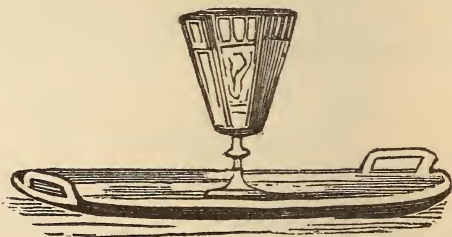
Devemos prevenir os leitores, que para obter a curiosa separação do vinho da agua, ou vice-versa, devem servir-se d'uma garrafa furada por baixo, tendo o buraco tapado com uma bola de cêra, que tirarão, para que a miscelanea contida na garrafa caia no pedestal em que ella está posta quando a cobrirem com a tampa. As pyramides que cobrem os copos são ôcas até ao meio, na parte inferior, mas a parte superior de cada uma dellas representa uma espe-

rie de caixa de figura conica, dividida em dois repartimētos, tendo cada um delles um buraco na base. Esta caixa, pela sua divisāo, póde conter, e effectivamente contém, vinho e agua em cada pyramide. Assim como o peso do ar obriga a furar-se o tonel, que está cheio de vinho, em dois sitios, para se despejar; da mesma fórma o liquido dos repartimentos não sairá pela abertura, em que ha pouco fallámos, sem destapar uma outra que lhe corresponde, feita no alto da pyramide. Esta abertura está tapada por uma bola de cêra molle. Depois de se saber aonde deve apparecer o vinho e a agua, não ha mais que tirar á direita ou á esquerda a tampa que fecha o repartimento do vinho, ou o que impede a agua de se lançar no copo.

O copo do diabo

Verdade, verdade, o vinho puro é uma bebida que não seria delicado beber-se n'um copo vulgar. Este que lhes apresento é d'um bello metal e tem uma fórma elegante, e visto que a magia nos dá a parte do vinho puro, vamos bebel-o neste copo, onde o deito com todo o respeito devido a tão excellente bebida. Ponho-o n'uma bandeja e offereço-o áquelle senhor, que me parece ser entendedor... Offereço-o, finalmente, á pessoa que mostrar desejo de beber vinho sem agua... Que é isto? Dá-me o copo cheio.

Que me diz?!... Pois ninguem pôde conseguir que lhe chegasse aos beiços o divino licôr... Effectivamente, o copo é d'um feitio exquisito, tem as bordas entalhadas em toda a circumferencia até á altura d'um centimetro. Este feitio de copo é elegante, mas muito incommodativo para se beber por elle, porque o vinho espalha-se antes de chegar á boca... Não experimentaram, talvez, beber sem levantar o pé do copo... Apesar de me dizerem que é impossivel, vou eu fazel-o para lhes ensinar. Começo... exgotei o copo sem entornar uma só gota de vinho. Não esqueçam a lição.



Não aproveitaria a quem não soubesse que o copo tem um outro fundo, para o qual desce lentamente vinho, enquanto o prestigiador sorve o liquido por um dos quatro canaes parallellos á parte interna do copo, e cuja extremidade entra no segundo fundo. Desta maneira, poder-se-ia beber dez garrafas a fio, sem incorrer na censura de *levantar o cotovelo*.

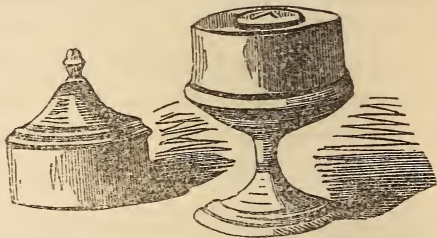
A caixa e relógio

M. D. prestigiador, de que já fallámos, foi ao castello do barão X., para onde tinha sido convidado a passar alguns dias da estação calmosa. Achava-se reunida uma luzida companhia, que tinha accedido o convite de M. X. M. D... foi bellamente recebido, e encontrou no castello um rapaz, seu compatriota, que lhe devia a elle a sua admissão em casa de M. X. como criado. Este rapaz, porém, tinha perdido a alegria folgazã que M. D... outr'ora lhe tinha conhecido. Depois de muito interrogado pelo seu protector, José, confessou chorando, que d'entre tantos objectos ricos que em casa havia, lhe tinha prendido a attenção uma simples caixa de rapé, semelhante em tudo a uma que sua defuncta mãe tinha possuido, e como lhe parecesse que, tendo a caixa, teria assim uma lembrança d'ella, tinha-a roubado. Que nesse mesmo dia fôra encarregado d'uma commissão, que o obrigou a estar fóra alguns dias, e que na sua volta ao castello, soubera que o barão tinha procurado a caixa com muito empenho, pois que para elle tambem era uma lembrança, e como tal, a tinha em grande estimação. Que não tendo a coragem sufficiente de se denunciar, nem tão pouco de pôr a caixa no seu logar, por que era o mesmo que se houvesse confessado o crime, o rapaz estava inconsolavel por não saber que meio empre-

garia para fazê-la reaparecer, sem se condemnar a si proprio. M. D... socegou José, dizendo-lhe que elle se encarregava da reaparição da caixa, sem comprometter pessoa alguma, e mandou-o buscá-la.

No dia seguinte, M. D... convidou todas as pessoas que estavam no castello para assistirem a uma sessão de magia.

Concluiu-a, mostrando uma caixa que, segundo dizia, tinha a singular propriedade de fazer com que apparecesse



um objecto em vez d'outro, até o substituir por um objecto perdido. Abriu a caixa, pediu a uma das pessoas que se achavam presentes que collocasse ali o relógio. Tapou depois a caixa, e perguntou ao barão X. se tinha perdido alguma coisa que desejasse achar. O barão respondeu que perdera uma caixa de rapé a que ligava grande importancia, e que por este motivo obrigadissimo ficaria á caixa do prestigiador se lh'a restituísse... É esta? perguntou M. D... destapando a caixa, e tirando do logar, onde antecedente-

mente estava o relógio, a caixa de rapé que o barão desejava.

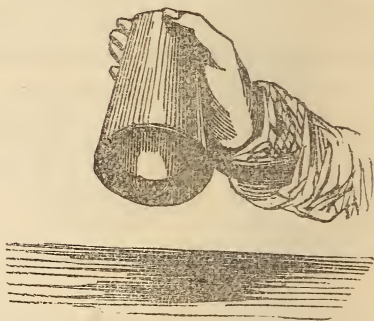
Como é provavel que o leitor deseje uma explicação clara da caixa empregada por M. D... apressar-nos-hemos em dizer-lhe que se compõe d'uma tampa que se encaixa n'um primeiro repartimento movel e livre, collocado por cima d'um outro e sustentado sobre uma bola, contida no pé da caixa. Levanta-se a tampa para se pôr o relógio no primeiro repartimento. Depois torna-se a fechar a caixa; abre-se de novo, apertam-se os lados da tampa, e com ella vae o primeiro repartimento. O segundo deixa então de ser opprimido pelo primeiro, e, empurrando por uma mola, vem tomar o lugar do primeiro repartimento, trazendo já o objecto que antes ali se pozera.

Os copos empalmadores

Já que nos propozemos ensinar ao leitor os instrumentos e machinas que se empregam para adquirir o honroso titulo de *magico*, fallar-lhe-hemos agora dos copos empalmadores, instrumento de que o leitor se deve servir muitas vezes nas suas experiencias. São maiores do que qualquer copo usual, mas teem a mesma fórma. São munidos por dentro d'uma especie de colher de ponche sem cabo, ou então d'uma concha bastante concava. Esta concha, dis-

posta como uma mão levantada prompta a agarrar, segura-se no lado interior do copo, no fim do qual está um botão, em que basta tocar, para a machina se pôr em movimento.

Nada ha mais commodo, quando se quer empalmar algum objecto d'um tamanho regular á vista de todos e sem ninguem dar por isso. Posto o objecto na mesa, tapa-se



com o copo, dando ao mesmo tempo na mola que obriga a concha a descrever um semi-circulo, tomando o objecto, que desaparece d'uma maneira pasmosa, para quem não sabe.

Basta isto, para o leitor calcular as immensas vantagens que se tiram dos taes copos.

A garrafa inexgotavel

Todos conhecem esta maravilhosa garrafa, ou por que já tenham bebido della, ou por ouvirem dizer. A todos tem causado uma grande admiração; esperamos, pois, que nos agradecerão o esclarecimento deste mysterio.

A garrafa inexgotavel contém cinco repartimentos bem separados, e a cada um dos quaes serve de canal um tubosinho mais pequeno que o gargalo que lhe é paralelo... A garrafa é furada no meio por tantos buraquinhos quantas são as divisões. Ainda aqui se applica o principio que já expozemos sobre o fluxo dos liquidos; emquanto os buracos estiverem fechados, o contheudo dos cinco repartimentos não poderá escapar-se. Nos quatro primeiros deitaram-se quatro qualidades, que se desconfiar, serão as mais pedidas, e o quinto enche-se de agua com assucar. Resta um certo espaço no meio da garrafa, que se enche de vinho e que se despeja em primeiro logar, ficando todos admirados de que o prestigiador diga que encherá tantos copos quantos lhe peçam.

E, comtudo, nada ha mais facil, pois que o prestigiader agarra na garrafa de maneira, que tape com os cinco dedos os buracos de que fallamos, que estão dispostos para isto, e que, por precaução, elle classificou na memoria por ordem alphabetica, com relação á primeira letra do nome

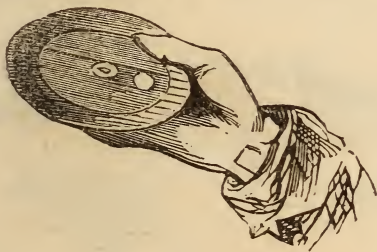
dos licôres contidos, seguindo a mesma ordem no repartimento; por exemplo, Anisette, corresponde ao primeiro buraco tapado pelo polegar, etc. Todas as vezes, pois, que se lhe pede um dos licôres contidos nos repartimentos, levanta o dedo que fecha a abertura do liquido pedido e torna a tapar o buraco até se servir d'elle outra vez. No caso de se pedir algum outro licôr que não esteja na garrafa, o



prestigiador recorre á agua com assucar. É necessario saber que ha uns copos postos por ordem, que soffrem uma preparação; deita-se em cada um delles uma porção de essencias diversas, que dão á agua o gosto do licôr pedido. Para concluir, diremos que a julgar pelo tamanho, os copos parecem conter muito mais do que realmente contém, o que fará parecer a garrafa realmente inexgotavel.

A salva do prestigiador

Mais um aparelho que lhe será muito util para fazer experiencias de differente natureza. É uma salva, no meio da qual ha uma cavidade circular do tamanho e capacidade d'uma moeda de cinco tostões. Faz depositar ali uma moeda marcada, ou qualquer outro objecto que se ha de empalmar, acha-se collocado sobre uma corrediça que bas-

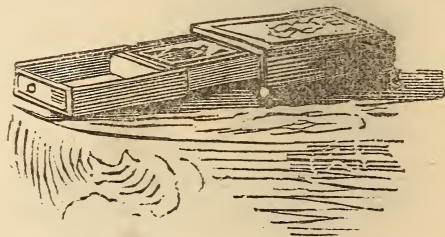


ta fazer escorregar para que o objecto seja substituido por outro, posto d'ante mão na corrediça. Para isso basta puchar um gancho, que o dedo facilmente acha debaixo da salva, e pela abertura feita na extremidade do canal interior; uma simples inclinação faz com que se apodere do objecto que parece ter ficado no lugar, onde o espectador o tinha posto.

A caixa magica

Trataremos neste capitulo de mostrar ao leitor a caixa magica.

Esta caixa vazia, de tamanho conforme o objecto que se quer esconder, e contém duas gavetas; isto é, uma gaveta ordinaria, na qual se introduz uma outra. A frente da gaveta, onde está collocado o puchador, é igual em ambas. mas falta o lado opposto a uma dellas, para que a outra possa sair quasi toda fóra. Na parte inferior da caixa, no



sitio opposto á gaveta, ha um botão onde, carregando-se, fica segura dentro á gaveta ordinaria, emquanto se pucha a outra. Imagine-se, pois, um objecto contido na primeira gaveta. Quando se abre, carrega-se no sitio já descripto, para não apparecer a primeira, mas sim a segunda, e como não foi nella que se deitou o objecto, apparece completamente vazia, sem se saber onde estará o *objecto deposto*. sendo a *illusão pasmosa*.

O relógio no almofariz

O leitor ha de me emprestar o seu relógio para deitar dentro deste almofariz; o leitor mesmo é que o ha de deitar... bem! Examine agora a mão do almofariz, e diga-me se a acha solida?... Bastante solida e muito pesada, diz-me o leitor... bello! Não se admire que eu esteja pizando o seu relógio no meu almofariz, porque com os fragmentos



que tiro do gral, e que lhe mostro, fique certo que lhe hei de arranjar um novo. Permitta-me que recolha todos os bocadinhos e que pense na maneira de o fabricar.

Empregaremos este tempo em lhe dizer que o fundo do nosso almofariz é de madeira e movel, e tem uma mola á

similhança de um balouço, que baixando um dos extremos, faz levantar o outro.

Foi-nos, por consequencia facil, aproveitando esta mola, fazer cair na nossa mão o relógio e collocal-o na mesa pequena, onde o nosso creado o tinha vindo buscar antes de fingir despejal-o.

A propria mão do almofariz já não é a mesma que lhe demos para vêr. Trocamol-a por outra cuja extremidade é ôca, e fórma uma caixa que tem a tampa segura por baixo.

Esta caixa contém fragmentos de relógio, que cáem no almofariz quando se desprega a tampa, e se finge pisar o relógio emprestado: quando se carrega na mão do gral, a extremidade della fica encaixada no fundo do almofariz, que é feito de proposito para isso; faz-se tudo isto naturalmente, e a tampa fica solidamente agarrada.

Os legumes intelligentes

Vou mostrar-lhe as caixas que acabam de me trazer.

Uma está cheia de café em grão, outra de arroz e a ultima de ervilhas seccas: colloquemos o café á direita, o arroz á esquerda e as ervilhas no centro. Em cada uma das caixas metto esta agulha de meia; visto que entra até ao fundo, certo é que as caixas estão cheias do que se vê.

Cubramol-as com as tampas, e, por meio da nossa varinha, ordenemos ao café que passe para a direita e o arroz que venha para a esquerda.

Vejam os se fômos obedecidos. Completamente! o café tomou o lugar do arroz; e este o daquelle. Cubramos outra vez as caixas e ordenemos-lhes que tomem o seu lugar.

Vejam os... Eil-os nos seus respectivos aposentos!



É verdade, leitor, em troca do relógio que me emprestou, offerecemos-lhe o conteúdo da nossa caixinha do meio... a que está cheia de ervilhas. Eu não acho outro meio de me desempenhar para com o leitor, porque as ervilhas que estavam dentro da caixa, acabam de ser substituídas pelo seu relógio, que está tão brilhante como se saísse do relojoeiro. Vamos á expliação.

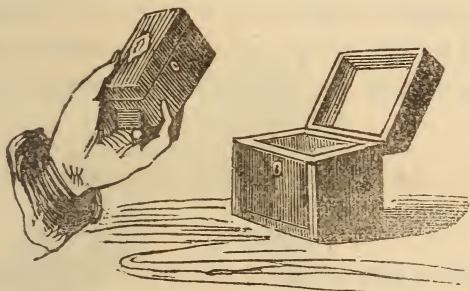
Cinco ou seis vezes mais altas que largas, as caixas fecham-se com uma tampa que entra até á quarta parte. As

caixas são compostas de dois repartimentos. O primeiro tem a sufficiente profundidade para conter uma camada bastante espessa de grãos de café ou de arroz, etc. O fundo é uma grade de arame, que deixa que a agulha atravesse a caixa em todo o seu comprimento, mas através a qual os grãos não podem passar. Finalmente, vem o corpo mesmo desta caixa no segundo repartimento; no primeiro deita-se café, e no segundo o arroz, fazendo o contrario no outro. Ora, como basta uma simples pressão com os dedos para levar o alto da caixa dentro da tampa, póde-se mostrar na mesma caixa alternadamente café, arroz, ervilhas, ou outro qualquer objecto.

As precauções inúteis ou o cofre encantado

Eis aqui um cofrezinho que tem a vantagem de se fechar á chave... Tenba a bondade de me emprestar um anel... Dé-se v. ex.^a mesmo ao encommo de o depositar no cofre... Fechae-o agora, e guarde a chave. Devem concordar que desajudado da feitiçaria, ser-me-ia impossivel fazer passar para o meu poder o anel que ha pouco estava fechado nesta caixa. Ajudado, porém, da magia, tudo é facilimo, e para prova vou ainda augmentar a difficuldade da experiencia. Este outro cofre tem a particularidade de se fechar com duas voltas. Dé-se ainda ao encommo de encerrar o

outro cofre neste, e de dar, por precaução, as duas voltas á chave... Conserve-os em seu poder; d'aqui mesmo de longe eu posso tirar o anel. Tenha a bondade de agitar os cofres para se convencer de que o anel ainda lá está. Bem, ouviu o barulho que elle fez. Pois, bem, com esta varinha que tenho na mão, ordeno ao anel que passe para o meu poder, porque o cofre está encantado, e foram por consequencia inuteis todas as precauções que v. ex.^a tomou...



Para comprovar o que acabo de dizer, peço-lhe, minha senhora, que se dê ao encommo de abrir os cofres, visto que tem as chaves em seu poder... O anel que v. ex.^a tão cautelosamente guardou, desapareceu sem se saber como.

D'aqui a pouco apparecerá; antes disso, porém, cumpre-nos orientar a leitora no segredo.

N'um dos cantos do cofre, onde se metteu o anel, ha

uma especie de porta completamente invisivel, e que se abre e fecha com uma ligeireza admiravel, por meio d'uma mola onde se toca com o dedo. É por ahi que o prestigiador tira o anel antes de metter o primeiro cofre no segundo. Está explicado tudo. Em quanto ao barulho que se ouve quando se agitam os cofres, é devido ao movimento de um pedaço de cobre, que sáe da tampa do cofre maior, todas as vezes que se fecha, e que desapparece quando se abre.

Esta especie de lingueta bate n'um escudo d'armas, que guarnece a tampa do cofre pelo lado de dentro, e assimilha-se ao barulho que faria o anel depositado no outro cofre.

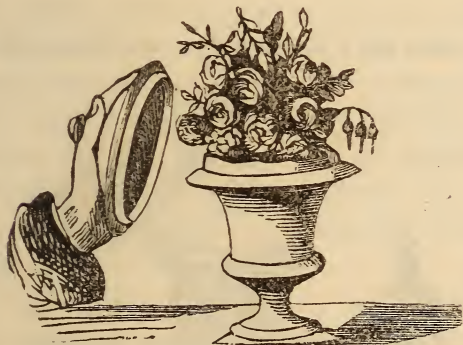
As sementes electrizadas

Eis aqui o vaso que nos servirá para mostrar com que rapidez se póde, em todas as estações, fazer com que nasçam as flores mais variadas e agradaveis. Está, como vêem, cheio de terra até acima; sobre esta terra deito um punhado de sementes, que acabo de electrizar com a minha vara; vamos pedir-lhe um ramalhete de flores ao acaso «*rosas, amores-perfeitos, margaritas, campainhas.*» A escolha está feita.

É necessario concentrar algum calor no campo que acabamos de tornar fecundo. Para este fim, cubramos o vaso

por um momento... As sementes electrizadas devem ter obrado maravilhas... Levantemos, pois, a tampa. Não me tinha enganado. Eis ahí todas as flores pedidas e algumas mais.

Que vejo brilhar nesta rosa?... Na verdade é o anel que me tinha emprestado, e que tão cuidadosamente se fechou á chave... Juntei-o, sem reparar, com as sementes electricas. Apressemos-nos em entregar a joia que nos tinha sido confiada para evitar alguma outra distracção.

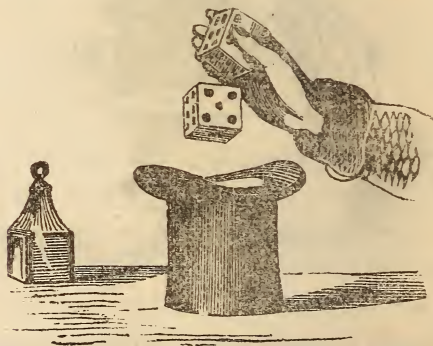


Examinemos o vaso de folha de Flandres pintada: o leitor verá, que levantando a tampa, levei juntamente um bocado de terreno coberto d'uma camada de terra (a que eu semei) a qual entra justamente na tampa. Verá ainda que o meu jardim improvisado está estendido n'um segundo

terreno, onde, espalhando a pouca terra que o tapa, se descobrem pequenas hasteas ôcas, das quaes anteriormente plantei as flores que fingi escolher ao acaso, mas que eram as que mais me convinham. Finalmente, ha uma mola que eleva o terreno á superficie do vaso quando as flores devem apparecer.

O dado viajante

Apesar de ser oito ou dez vezes maior que um dado regular, aposto que o faço passar através da mesa ou dentro



de um chapéo? Para isto basta cobrir o dado com o estojo e... o leitor sorri-se... Já vejo que as minhas explicações o tem tornado quasi magico, e por isso não se deixa enganar facilmente.

O leitor adivinhou que deixei cair no chapéo o dado que eu dizia deitar invisivelmente, e que fiquei com um outro dado ôco que continha em si o primeiro, e que finalmente, apertando-o entre os dedos, retém nelle o dado, dizendo e mostrando a todos que desapareceu, e que vae reaparecer no chapéo. Veremos, porém, na experiencia seguinte quem será mais feliz, se o leitor a adivinhár, ou eu a enganar-o.

o ovo magico

Um dos espectadores escolheu uma carta d'um baralho que se lhe apresentou; pôl-a elle mesmo, e sem que o prestigiador a visse, n'uma caixa cuja gaveta se fechou; trouxeram um ovo fresco, collocou-se o ovo no *coquetier* * e o prestigiador estendeu a mão para a caixa, fez a acção (sem a abrir, bem entendido) de tirar a carta de dentro e de deitar no ovo.

Em seguida quebra-o, e acha-se a carta dentro delle; abre-se a caixa e a carta já ahí está.

Em poucas palavras reduziremos este grande prodigio ás proporções d'um factó naturalissimo.

O creado do prestigiador levou, sem repararém, o baralho d'onde se tirou a carta. Viu depressa e sem custo a

* Vaso pequeno onde se mette o ovo cozido.

que faltava. Tomou uma igual d'um outro jogo, enrolou-a ao alto e fêl-a entrar, comprimindo uma mola n'um canal comprido, collocado no interior do pé do *coquetier*. Durante este tempo, o prestigiador fez deitar a carta escolhida na caixa, deu a examinar o ovo, para o qual ella devia passar, para convencer o publico de que estava verdadeiramente cheio, e quebrou-o n'uma das extremidades.



É então que apparece o *coquetier*, preparado como dissemos. O prestigiador mette-lhe dentro o ovo, tendo o cuidado de pôr para baixo a extremidade quebrada. Depois, comprimindo um botão collocado no pé do *coquetier*, faz menor a mola; esta expulsa a carta enrolada, que achando uma abertura no ovo, por ahi entra facilmente. Quanto á carta collocada na caixa, e que desapparece, nada temos que dizer depois do nosso capitulo sobre a caixa magica.

A espada de Satanaz

Tenha a bondade de tirar uma carta deste baralho... bem! Dê-se ao encommodo de a mostrar ás pessoas que a quizerem vêr, em quanto vou buscar a espada de Satanaz.

Agora metta-a no baralho d'onde a tirou... pôde mesmo baralhar as cartas... Em logar de me dar o baralho, atire-o ao ar na direcção da minha cabeça, mas só quando eu tiver contado até tres... Princípio: um, dois, tres...

Bravo!... á primeira estocada espetei o sete de espadas no meio deste chuveiro de cartas.

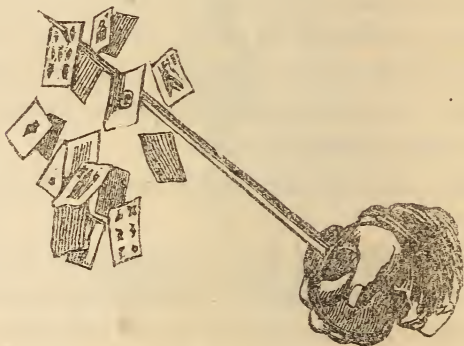
É esta a carta que tirou do baralho?... Effectivamente é a mesma...

Quem se pôde gabar de ser tão destro com uma espada usual? Seguramente ninguem! Mas é que a espada de que nos servimos tem um certo não sei quê differente das outras, este não sei quê é um *barrillet* * adaptado ao punho da espada e coberto com uma chapa quadrada do tamanho de uma carta, aparelho que a mão occulta facilmente. Um cordão está enrolado na mola de *barrillet*, e ajustado por uma das extremidades até á ponta, um pouco redonda, da espada, onde passa por um buraco, que, apesar da

* É uma cavidade contendo uma mola de figura espiral.

tenção forçada da mola, impede-o de voltar para traz; digamos, ainda, que na extremidade do cordão está atada a ponta (do tamanho de dois centímetros) de uma espada.

Nada mais ha a fazer do que deixar partir a extremidade do cordão, que volta facilmente para a extremidade da espada, onde é obrigado a parar com a carta, que parece ter sido furada entre aquellas que se atiraram para o ar.

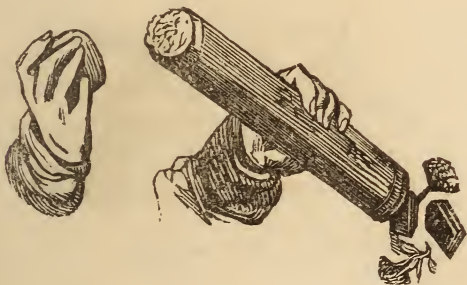


Para que a carta seja igual á que se tirou, supponho que se deu a escolher um baralho composto sómente de sete de espadas, e que se troca immediatamente por outro, para que os espectadores não percebam este ultimo engano.

O penacho magico

O rolo que tenho na mão é o estojo onde está guardado o penacho, apesar de estar um pouco apertado. Aproveito a ocasião que se apresenta para o mostrar.

Eil-o! é um verdadeiro penacho de granadeiro, e o estojo é um pouco pequeno para elle... Entra a custo, e o estojo amarrota-o por força... Desastrado! deixei cair o estojo no chão... Antes que me apanhem, vou pô-lo no seu lugar... Mas d'onde vem este cheiro a doces?... Parece que vem do estojo... Abramol-o depressa...



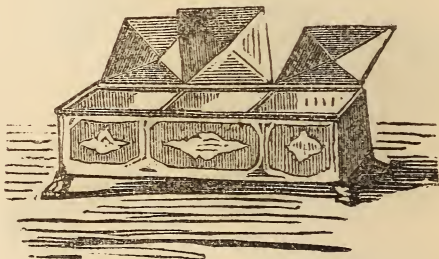
Que vejo! Bolos e brinquedos de toda a casta saem do estojo? E o penacho?... O penacho desapareceu; sem duvida está no conserveiro, d'onde nos mandou esta lembrança.

Ora o estojo é dividido em dois repartimentos por uma separação diagonal; de um lado está o penacho e do outro os bolos. Deixei-o cair para, ao levantá-lo, o agarrar pelo lado contrario áquelle em que estava pegando.

A caixa das aparições e desapareções

Apontar e descrever esta caixa, é dar a chave d'um semi numero de experiências que se pódem imaginar.

Compõe-se de tres repartimentos, collocados sobre o mesmo plano, ao lado uns dos outros, abrindo-se cada um



delles por cima. Destes tres repartimentos, os dois primeiros, a contar da direita para a esquerda, ou desta para aquella, são moveis, assentam sobre uma corrediça que faz girar á vontade um mantenedor, collocado debaixo da

caixa. Supponhamos que o leitor tinha ahí posto um passaro e queria mostrar que a caixa nada continha.

Tomando a direita por ponto de partida, devia ter collocado o passaro no ultimo dos dois repartimentos contiguos e moveis á direita. Antes de levantar a tampa deste repartimento, fará sollar a corrediça, que levará o dito repartimento para o meio, e deixará vazio o que depois mostra. E assim para as mais.

Nascimentos de fructos, flores e passaros, apparições de objectos empalmados, são os menores serviços que pôde prestar esta preciosa caixa.

Como seria?

Estimavel leitor, vou pedir-lhe uma moeda de cinco tostões emprestada e deito-a neste estojo... é melhor o leitor pegar nelle e deitar o dinheiro pela sua mão. Bem vê que o estojo não contém coisa alguma, e que os cinco tostões caíram no fundo. Feche o estojo. Agora tenha a bondade de o abrir para .. Que é isto? que lindo canario saiu do estojo onde o leitor deitou os cinco tostões!... E já lá não estão!... Eu não tenho responsabilidade alguma, pois que o leitor teve o estojo sempre na sua mão. Attendendo, porém, a que o leitor é magico, tome a minha varinha e ordeno-lhe o apparecimento do seu dinheiro. Eu seguro-lhe

por uma extremidade, e o leitor ordena-lhe... As suas ordens estão cumpridas. Aqui tem os cinco tostões, que caíram pela extremidade da varinha em que eu agarrava.

Outro qualquer pediria a varinha para a examinar; o leitor, porém, prefere que lhe mostre o estojo; de boa vontade!

A tampa e o estojo propriamente dito, são pouco mais



ou menos do mesmo tamanho, e para fechar a caixa entram exactamente um no outro. Contém um terceiro estojo, o qual á maneira que se aperta ou não a tampa, vae com ella, ou então fica, por assim dizer, forrada com este estojo; é neste ultimo repartimento que se metteu um canario. Para fazer depositar os cinco tostões no estojo, tira-se a tampa, contendo ao mesmo tempo a parte onde o passaro está. O leitor julga então vêr uma caixa vazia, por

baixo da qual ponho a mão, porque este repartimento tem um fundo movel pouco unido, e que o peso do dinheiro faz abrir, e a moeda cáe na minha mão. É então que torno a fechar o estojo, e peço ao leitor que o abra elle mesmo. Ora como o abre naturalmente, não tira senão a tampa, e deixa por consequencia livre o outro repartimento e o passaro que nelle está. O canario aproveita-se então da liberdade e sáe para fóra. Quando se trata de achar o dinheiro, o leitor pega n'uma extremidade da varinha, e eu pego na outra com a mão onde tenho os cinco tostões, que em geral o dono torna a vêr com satisfação e prazer !

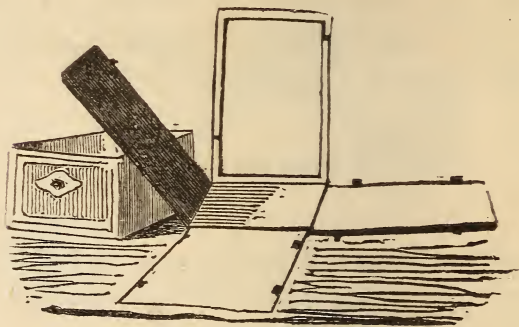
A mão milagrosa

Só temos mostrado ao leitor o interior das nossas caixas magicas, na occasião de lhe confiarmos os segredos. Desta vez não acontecerá assim.

Vamos desarmar esta que é feita de proposito. É uma simples caixa que se póde voltar de todos os lados, e o mesmo fazer, querendo, ao nosso cofre... Como nada lhe pareceu suspeito, vamos recompor a gaveta á sua vista. Agora metti-a na caixa... Não a feche por ora... Deixo-lhe a caixa em seu poder, na qual não mais toco...

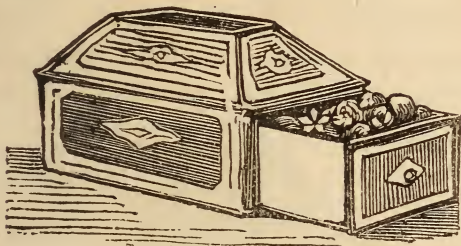
Quantas vezes, caro leitor, ao beijar a mão de uma linda joven, terá perguntado a si mesmo porque é que esta

mão tem um perfume tão delicado, e terá respondido que está cheia das rosas invisíveis da mocidade? Immensas, não é assim? Pois, ainda mais, vamos convencel-o dessa verdade. Tenha a bondade de fechar a gaveta da nossa caixa maravilhosa, e de pedir a uma senhora que lhe passe a mão por cima... Fez-se o milagre... Abra agora a gaveta: bem a vê cheia de rosas de diversas côres e com dif-



ferentes cheiros... A mais leve explicação seria um crime de lesa-galanteria. O leitor, se quizer, póde suppôr depois de reflectir, que a elegante fôrma que tem a parte superior da caixa é favoravel para occultar um certo espaço tapado com uma taboa, cuja superficie é igual á do fundo, e que não seria completamente impossivel metter-se nesse espaço grande quantidade de rosas, sobretudo se as calcassem um

pouco. Póde levar mais longe a imaginação, e suppôr que a gaveta quando se fecha, desarranja uma das varinhas que sustentam a taboa, que cáe no fundo do cofre, onde se



espalham as flores. Nós, porém, não tomamos a responsabilidade de semelhantes supposições, porque preferimos acreditar que a mão de uma senhora póde obrar o milagre sem recurso magico.

O ramallete de cartas

É um arbusto coberto de folhas, cujas raizes entram em um lindo vaso. O prestigiador colloca-o sobre a mesa e pede a varias pessoas que tirem doze cartas de um baralho que lhes apresenta ; depois de se verem as cartas e de estarem bem conhecidas, cada pessoa põe a carta que tirou do baralho n'um prato, onde se queimam em seguida. A

cinza das cartas espalha-se então á roda do arbusto, no cume do qual se vêem de repente seis cartas; depois, no lugar destas, apparecem as seis que faltavam.

É necessario saber, primeiro, que o prestigiador faz tirar aos espectadores cartas *obrigadas*. *

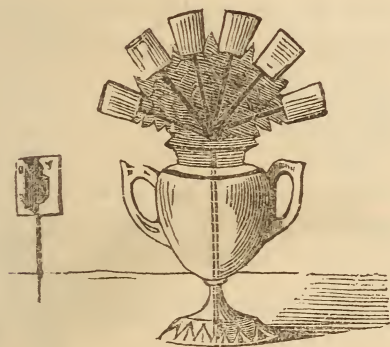


Expliquemos o segredo. Levantando-se um pouco o vaso, vê-se que está collocado sobre tres molas. A primeira serve para elevar até á altura de dois terços do vaso uma hastea que não se vê por causa da folhagem. Esta hastea é composta de seis palhetas como as varetas de um leque; na extremidade de cada uma ha um aparelho, em cada

* A explicação das *cartas obrigadas* acha-se n'um livro intitulado *Mil e um divertimentos*.

um dos quaes está uma das doze cartas obrigadas, que o prestigiador fez tirar. Quando a hastea chega á altura que acabamos de descrever, uma segunda mola faz abrir as varetas do leque, e levanta-as até ficarem sobranceiras á folhagem do vaso.

Ainda, porém, não appareceram senão seis cartas dos espectadores ; querem vêr as outras? É agora que trabalha

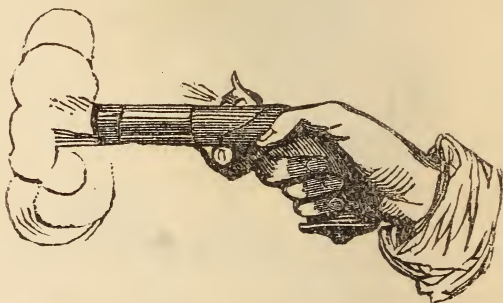


a terceira mola. No meio de cada um dosapparelhos postos na extremidade das varetas, está collocado sobre um gonzo, um leque que se abre da direita para a esquerda, como o faria a folha de um grande livro aberto. Ora, na primeira e segunda pagina desta folha, estão duas metades de cartas, e as outras duas correspondentes acham-se sobre a chapa onde está a folha, de maneira que, fazendo-a

passar de um lado para o outro, por assim dizer, fecha-se um livro que encobre a primeira carta, e abre-se um segundo que deixa vêr a outra carta. Tal é o emprego da terceira mola.

◉ passaro na espada

Leitor, tome este passaro empalhado com tanto cuidado como se estivesse vivo. Carregue esta pistola com elle; ar-



me e dispare o tiro, tomando por alvo a ponta da espada que tenho na mão... Acredite que é o melhor meio de o resuscitar... Desfeche... o tiro partiu... e o passaro, como vê, esvoaça na ponta da espada magica.

O leitor, sabe tão bem como eu, que o passaro ficou no fundo da pistola, e que o tiro partiu d'um canosinho col-

locado debaixo da arma... Sabe tambem que o passaro saiu do punho da espada, de uma especie de concha que substituiu a chapa que abria ha pouco o *barrillet*, e onde



eu tinha posto a carta antes de a fazer subir para a ponta da espada, como aconteceu ao passaro: façamos, pois, uso do segredo e guardemol-o só para nós.

Um engano

Pedi a uma senhora que me emprestasse um lenço de cambraia; depois fui á mesa, puz uma rosa no meio do lenço, do qual reuni as quatro pontas de maneira que embrulhasse totalmente a flor, depois uma pessoa se encarregou de o segurar. Apostei então em como era capaz de tirar a

rosa, sem que ella saísse, e conservando-o a pessoa sempre agarrado. A proposta foi accete...

Agarrei uma thesoura, cortei de uma só vez o lenço na parte superior á mão que tinha a rosa prisioneira; mostrei com ar de triumpho que a tinha em meu poder, e que apesar disso, estava como prometti, envolta no lenço.



O meu triumpho depressa acabou: a pessoa que tinha o lenço seguro, mandou-m'o, porque o não queria entregar á dona com um grande buraco no meio, e eu fiquei envergonhadissimo de me vêr obrigado a restituil-o completamente estragado.

Felizmente tinha á mão a minha bola de oiro. Não ha costureira que exceda! Tudo que entra por esta abertura, no alto da esphera, descozido ou rasgado, sáo tão bem cozido, que nem mr. Cazademunt o faria tão perfeito. O que

tem a esphera dentro?... Ah! ah! ah! é o resto d'um bocado de cachemira azul, que me serviu hontem para concertar um *tapa nariz*, e que ainda cá está por esquecimento... Agora vou metter-lhe dentro o lenço e o bocado que lhe falta... A operação não leva tempo algum a fazer-se; e a estas horas o mal deve estar reparado... Aqui tem v. ex.^a o lenço; bem vê... De que se ri, minha senhora...? Ora esta! em logar de pôr na esphera o bocado branco, puz o bocado de cachemira azul, e por isso apparece agora cozido no meio do lenço. Maldito engano! Não tenho remedio senão dar-lhe o lenço no estado em que se acha... A não consentir que eu o corte em bocadinhos, para semear nesta lorangeira que acabam de me trazer. A dona do lenço consente, bem!...

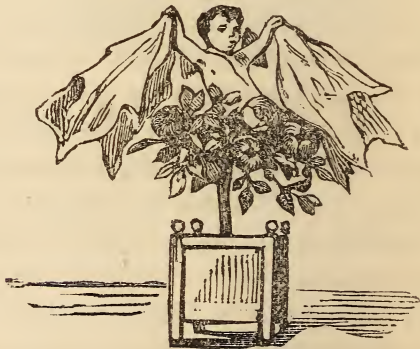
Antes de vêrmos o effeito que produzirão estas sementes de novo genero, examinemos a esphera. Seria inutil dizer ás leitoras que, antes da esphera apparecer, o prestigiador trocou por outro o lenço que lhe emprestaram, e que o deixou cair atrás da mesa, sobre uma outra mais pequena, onde o creado o veiu buscar sem que ninguem visse. Ora a bola é composta de duas meias espheras, reunidas por um circulo horisontal, sobre o qual giram: uma para a direita, outra para a esquerda. Dentro está uma bola movel e ôca, dividida em dois repartimentos, com uma abertura em cada um, e sustentada por duas especies de parafuzos não apertados, que são como as extremidades do seu dia-

metro, finalmente qualquer das aberturas do globo interior corresponderá á do exterior, quando se faz girar a parte superior ou inferior deste ultimo.

O prestigiador metteu o lenço que cortou n'um dos repartimentos da esphera pequena, e do outro repartimento da mesma esphera tirou o segundo lenço completamente reparado, porém com um bocado dissimilhante.

A laranjeira magica

Todos os olhares se fixam na laranjeira magica. Por ora só tem folhagem. Começa a apparecer a flor. De repente



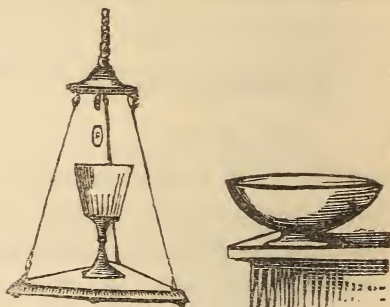
os fructos succedem-se ás flores e a arvoresinha enche-se de laranjas.

Vou colher uma... Abro-a e tiro della o lenço tal qual m'o tinham confiado. Para que se ha de destruir o effeito desta maravilhosa peça?... Não ha remedio! Uma mola desmancha certas partes moveis de folhagem que encobriam os botões da folha da laranjeira, que são de ferro pintado, fechados; primeiramente outra obriga as folhas dos botões a abrirem-se, e uma terceira separar novos grupos de folhas, para deixar vêr as laranjas, ou obrigar a apparecer um cupido e occultar as flores ou os botões, d'onde parecem sair os fructos e as flores? Para que havemos cair na vulgaridade? Melhor é... não explicarmos o mysterio.

O dinheiro aereo

Sou um grande massador a pedir dinheiro; como, porém, pago honradamente as minhas dividas, espero que me emprestarão oito moedas de cinco tostões. Em quanto o meu creado as recebe, suspendo esta tripode por meio de dois cordões, onde, como vêem, não ha coisa alguma. Visto o meu creado ter posto sobre a mesa o montão de cinco tostões, em que todas as vistas estão fixadas, espero que ninguem me accusará de as empalmar. Como isto podia acontecer se as tivesse na mão, vou deital-as nesta taça de vidro branco. Peço desculpa do barulho que fizeram quando caíram, mas desejava que as ouvissem cair.

A minha taça tem um poder inacreditavel, que é tornar o dinheiro que nella deitam tão ligeiro e transparente como o ar... A experiencia seria mais difficil, se a tripode não tivesse o poder de attrair as moedas volateis, e dar-lhes o seu primitivo estado. Escutem, vão ouvil-as cair uma por uma, á medida que chegarem. Partiram; contemos... uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito!... A taça está vazia; todo o dinheiro passou para a tripode; não basta, porém, terem-as ouvido, é necessario que as vejam. Tiro para fóra a machina... nem uma moeda falta.



Isto só se diz aos espectadores, porque as meias corças que o prestigiador pediu emprestadas caíram n'um alçapão, quando fingia tomal-as de cima da mesa e deital-as no vaso. O barulho que se ouviu foi produzido por dinheiro, que se deitava com força calculada, n'um vaso qualquer, dentro dos bastidores.

Quanto ás moedas na tripode, caíam do pavilhão de cima, que parece servir para sustentar a argola que está presa aos dois cordões. Antes de se trazer a machina para fóra, já o dinheiro lá estava. Á medida que o prestigiador conta, um abalo *electrico* (este abalo é feito por meio de um fio invisivel) faz cair uma moeda de cada vez.

A cabeça do diabo

A cabeça do diabo responde a todas as perguntas que se lhe dirijam, não vocalmente, porque podia intimidar os espectadores, mas com os olhos e com a boca. Quando meche os olhos é signal affirmativo; quando abre a boca é negativo. Faz mais ainda: apresenta-se um baralho de cartas a qualquer pessoa, para tirar uma; depois de estar vista, junta-se com as outras, mette-se o baralho na boca do diabo, e ordena-se-lhe que deite fóra sómente a carta que se tirou, e immediatamente expulsa, entre tantas que tem na boca, sómente a exigida.

Quem lhe dá este poder? Vejamos. A cabeça do diabo está suspensa por um ferro introduzido nos ouvidos, cada uma das extremidades do qual assenta sobre uma columna de vidro. Esta machina está collocada sobre um estrado de madeira, no qual se cravam as columnas, e debaixo do qual estão collocadas as teclas. Estas teclas dão movimen-

to a umas hastes, tambem de vidro, collocadas dentro das columnas. A acção communica-se ao aparelho encerrado no ferro transversal; um faz mover os olhos e o outro a boca. A carta que a cabeça do diabo expulsa, sáe por uma



fenda collocada por cima ou por baixo dos beiços. É neste sitio que o pretendido magico a põe, já se vê, muito tempo antes. Para ser a mesma que qualquer pessoa tirar, emprega-se, já se vê, um baralho de cartas iguaes.

As doze caixas umas nas outras

Pedimos um anel emprestado e fazemol-o deitar na bandeja magica. Quando voltamos para a mesa, trocamol-o por outro: depois deixamos cair o anel que foi substitui-

do sobre a mesa pequena, onde o nosso creado veio buscá-lo.

Dirigimos algumas palavras ao publico, em quanto o creado põe o anel no sitio onde se deve achar. Ora, se elle tivesse que fechar doze caixas e collocal-as umas nas outras, comprehende-se que esta demora tirava á experien-
cia todo o prestigio. Felizmente não é assim; as caixas cu-
jas tampas de um lado estão dispostas de maneira a forma-



rem uma só, e do outro os fundos, de fôrma que não re-
presentam senão um; estas caixas, dizemos nós, unem-se
tão exactamente, que, reunindo os fundos ás tampas, ficam
todas fechadas de uma vez, e tão depressa como se fôr
uma só. O creado vem com ellas a pedido nosso. Tiramos
da bandeja o objecto substituido, e empalmando-o, fazemos
menção de o lançar na caixa multiplice, que damos a
abrir. Apesar, porém, de se fechar d'uma só vez, é impos-

sivel chegar á ultima sem as abrir todas uma a uma, e o espectador encarregado deste baralho, dá-se bem pago pela



surpresa agradável de achar na ultima caixa o anel que tinha emprestado ao prestigiador.

A pistola do feiticeiro

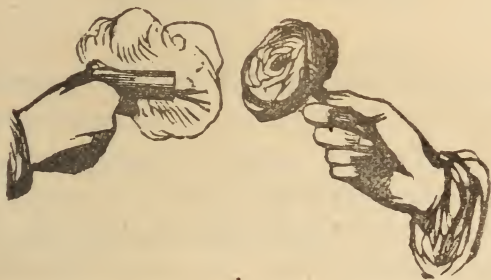
O leitor vae talvez assustar-se á vista do instrumento bellico que tenho na mão. Socegado, porém, ficará, quando souber que não tem bala.

Para supprir esta falta, pedir-lhe-hemos um anel emprestado. Tenha a bondade de o deitar nesta bandeja, para que se não perca de vista, até ir preencher a falta da bala.

Agora, que a pistola está carregada com o anel, peço-lhe o obsequio de a tomar e disparar sobre mim: por ora.

não, que vou ao meu gabinete buscar um botão de rosa que ahí descobri. Servir-lhe-ha de alvo... Agora estou prompto... Faça bem a pontaria, e dispare sem medo... Muito bem! O tiro fez abrir o botão e tornar-se n'uma rosa magnifica, no meio da qual me parece estar o anel que nos serviu para carregar a pistola. Não me enganei, é o anel que teve a bondade de emprestar-me.

Em nada disto ha novidade para o leitor, a não ser o botão de rosa em cujo centro reaparece o anel.



Já uma vez fizemos uso da pistola magica, e nessa occasião descrevemol-a cabalmente. • Resta dizer que, depois de nos apoderarmos do anel que se collocou na bandeja, graças á particularidade que ella possui de trocar um objecto, por outro, como o leitor sabe, mettemos na pistola

* O passaro na espada.

o anel que ficou sobre a bandeja, depois de nos apoderarmos do verdadeiro; é quando vamos buscar o botão de rosa, que nelle introduzimos o anel que devemos restituir. O botão é rodeado de folhas moveis de ferro, cobertas de folhas verdes por fóra, e de folhas de rosa por dentro, cujo pé tem uma mola. A pressão do dedo sobre a mola, faz abrir as folhas, e a rosa, no meio da qual o anel empastado apparece como por encanto.

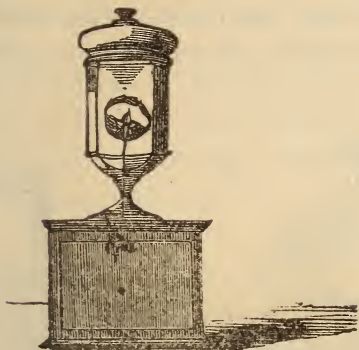
⊕ crystal productivo

Será ainda uma rosa a heroína desta nova experiencia! desarraigaremos do espirito humano a crença de que as rosas só nascem na terra, e provaremos que o crystal não é improductivo, como até aqui se julgava.

Vejo no meu gabinete um bello copo de crystal, e para que todos o possam vêr bem, vou collocar-o sobre este pedestal. O copo nada tem dentro. Agora, passo-lhe o lenço magico por cima, porque, apesar de tudo, a natureza possui segredos que não quer que se advinhem... Ora, aqui está; o crystal tornou-se productivo porque uma rosa acaba de nascer no copo.

A rosa que o leitor viu no copo, quando foi colhida, curvou-se-lhe o pé de proposito e collocou-se n'uma mola existente no pedestal.

A rosa ao sair da caixa descreveu um semi-circulo, de-
baixo para cima, na direcção do copo. Ora, o copo tem

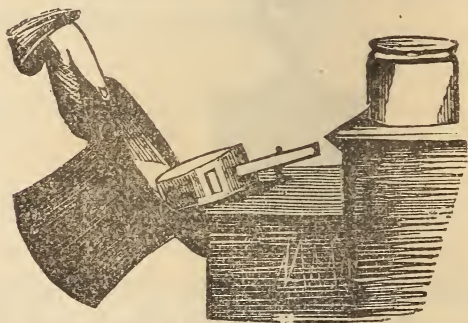


uma abertura grande ao comprido, invisível mesmo a pe-
quena distancia, e foi por ahi que a rosa entrou. Dada a
explicação, cessaram as difficuldades.

◉ chapéo pastelleiro

O leitor ficava de certo espantado se lhe pedissemos o
chapéo, para delle tirar um pastel delicioso. Pois não ha
nada mais facil; ahi vae a receita de que usamos: logo
que temos o chapéo em nosso poder, vamos para a mesa,
atrás da qual ha uma outra mais pequena, e por conse-

quencia invisível aos espectadores, e ligeiramente fazemos cair no chapéo uma especie de fôrma, feita de folha de Flandres, na qual está o verdadeiro pastel que deve apparecer. Depois disto, quebram-se uns poucos d'ovos e deitam-se n'uma taça de porcelana, e em seguida deita-se fa-



rinha e agua, e depois de bem mexido, deitamos no chapéo (bem entendido que é a fôrma que recebe esta misturada). A pretexto de esgotarmos totalmente a taça, mettemol-a no chapéo, e com ella cobrimos a fôrma que se encaixa perfeitamente na taça. Depois tiramos a taça, vindo nella a fôrma e só fica no chapéo o promettido pastel.

O jogo de Satanaz

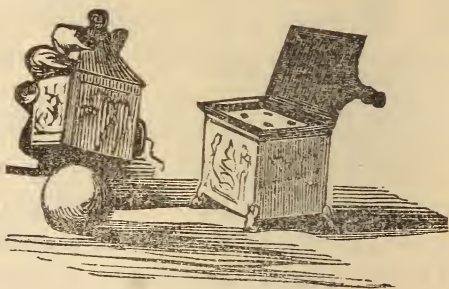
Vou ensinar ao leitor um jogo, que segundo participações dignas de credito, está muito em moda no inferno. É o jogo favorito do diabo e onde não ha *azar*.

Aqui está uma caixa, de dentro da qual tiro este grande dado, e que, como vê, ficou vazia; apresento-lhe tambem uma urna chinesa, debaixo da qual nada ha. Na caixa metto uma laranja que a enche completamente, e com a urna cubro o dado que ha pouco tirei da caixa: agora vamos ao jogo:

Eu sou o banqueiro e obrigado por isso a acceitar as paradas que o leitor fizer; perco todas as vezes que advinhar onde se acha a laranja ou o dado. O leitor julga que a laranja está na caixa, porque viu mettel-a, enganou-se; na caixa está o dado, a laranja está debaixo da urna. Agora diz que o dado está dentro da caixa, e a laranja debaixo da urna, ainda ganhei, porque a laranja, assim como o dado, tornaram aos seus primitivos logares. E o leitor ha de perder sempre, porque eu tenho o poder de collocar o dado e a laranja onde quizer, já se vê, sempre no sitio opposto áquelle que o leitor designar.

Se porém, julga que é *sorte*, examine de perto os objectos que empreguei para o jogo. Os lados da caixa quadrada, onde primeiro puz a laranja, formam um dado ôco in-

teiramente livre. Quando deitei a laranja e quiz que desaparecesse, fechei a caixa não totalmente, e fiz girar um botão collocado na parte superior da tampa, retida até ali no primeiro por meio de ganchos; esta segunda tampa cæe sobre a caixa, e fórma o ultimo lado d'um dado completo, dentro do qual está occulta a laranja. Quando me conveio que a laranja apparecesse depois de fechada a caixa, fiz girar o botão no sentido contrario, os ganchos agarraram



novamente a face superior do dado, que se encaixou na verdadeira tampa, e a laranja ficou livre e visivel. O dado que se collocou debaixo da urna, é em tudo semelhante ao da caixa; é, pois, um dado ôco com cinco faces. Colloquei-o do lado que lhe faltava sobre a mesa. Apenas cobri o dado com a urna, um alçapão fez entrar uma laranja neste dado. Quando me conveio que ella apparecesse, levantei a urna apertando-a um pouco nos lados, a laranja

ficou sobre a mesa, e o dado no interior da urna ; quando, ao contrario, quiz que apparecesse o dado, levantei a urna naturalmente e o dado ficou sobre a mesa, cobrindo a laranja que por esta razão se não vê.

Novo jogo de bilhar

Aqui está uma caixa espherica, com um pequeno taboleiro servindo-lhe de base, e que se abre pelo meio. Tem dentro uma bola de bilhar do tamanho da caixa. Tiremos a bola e fechemos a caixa, ficando por consequencia vazia.

Vamos servir-nos da varinha *magica*, como se fosse um taco, e com uma pancada della fazer entrar a bola na caixa fechada. Pego na bola com a mão esquerda e empurro-a com a varinha que tenho na mão direita. A bola partiu... deve estar na caixa. Effectivamente está, e para que todos a possam reconhecer, tiremol-a deste azar de novo genero. Estas são as regras do jogo ; expliquemos a astucia de que nos servimos.

Quando fingimos empurrar a bola com a varinha, deixamol-a cair sobre a mesa pequena, ou podiamol-a deixar cair sobre os joelhos. A caixa d'onde tirei a bola, e que depois fechei, contém duas meias esferas ôcas, e que juntas formam uma bola completa. Quando quiz mostrar que

a bola estava na caixa, carreguei n'uma mola no alto della que impelliu a meia esphera sobre a metade inferior, e que

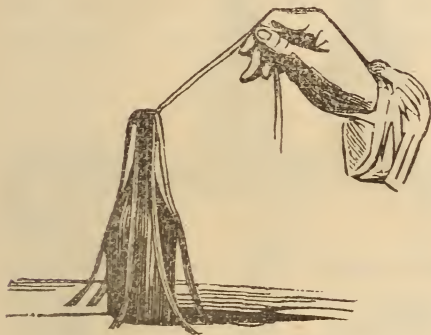


as reuniu uma á outra, de tal fórma, que representavam uma bola semelhante em tudo á que eu tinha feito desapparecer.

As fitas na garrafa

Tirar vinho d'uma garrafa todos fazem, por que é geralmente o que ellas contém, mas tirar fitas?... Só a magia é capaz de obrar semelhante prodigio; mas é mais que prodigio, é um verdadeiro milagre! E o leitor ha de convencer-se desta verdade, á vista dos factos que vamos expôr. É esta a garrafa que servirá para a demonstração;

depois de despejarmos o vinho que contém, apromptemo-nos para fazer sair uma infinita quantidade de fitas de todas as côres que exigirem. Querem azul, verde, côr de rosa, cinzento, branca, parda, côr de castanha, escarlate, rôxa, preta? Eil-as todas aqui!



Não será isto um milagre? O leitor certamente se convenceria desta verdade, se lhe não dissessemos que a garrafa é composta d'uma redoma de folha de Flandres, envernizada de preto, sem fundo, que serve de estojo a uma segunda garrafa que se tira pela parte inferior. Esta segunda garrafa tem no interior umas poucas de roldanas, onde estão enroladas fitas de diversas côres. As extremidades chegam ao gargalo da garrafa, entrando por uma argola, e sustentando-se por uns nós que as não deixam ir

para baixo. Já se vê que se pucha pelo nó da mesma côr que se pediu, e sáe immediatamente a fita. Falta só dizer

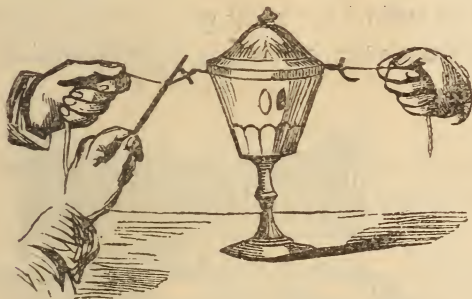


que a segunda garrafa tem um repartimento de cima a baixo, onde está o vinho que ao principio se despeja.

Os pós de perlimpimpim

Vejo-me ainda obrigado a pedir-lhe duas moedas d'oiro ou prata, depois de as marcar. (No momento em que recebo as moedas, troco-as por outras, para que o meu creado possa vir buscar as que me emprestaram). Aqui ponho os dois soberános que me emprestaram (as moedas substituidas) para que as não percam de vista. Vou procurar d'entre os meus copos o mais elegante no feitio e... eil-o...

Agora deito sobre elle uma pitada dos pós de *perlímpimpim* que lhe vão communicar uma electricidade surprehendente. A tampa com que acabo de cobrir o copo, augmenta mais a difficuldade, ao mesmo tempo que as duas fitas que o ornãm de cada lado, formarão os dois fios desta cadêa electrica. Agora dêem-se duas pessoas ao encommodo de agarrar cada uma dellas na extremidade das fitas. Um homem e uma senhora: bem. V. ex.^a não tem mais a fazer,



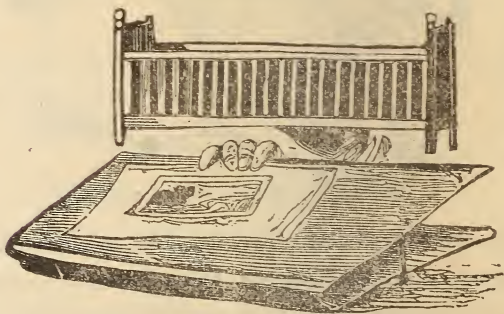
do que tocar com a ponta do dedo na caixa onde está uma das libras, e dizer: «Passe!» Faz o mesmo! (Carrega-se um pouco com a varinha na fita segura pela senhora). Cae uma libra no copo. Agora o senhor!... «Passe.» A varinha faz o mesmo que ha pouco, e a segunda libra vem juntar-se á primeira!

Os pós de *perlímpimpim* são excellentes, por que as caixas já não conteem coisa alguma, e as duas libras que me

emprestou póde tiral-as de dentro do meu copo. As libras saíram da tampa, onde o creado as tinha mettido, n'uma especie de carteira com dois repartimentos, que se abrem quando se carrega ou se pucha pelas fitas.

A pasta de mudança

Peço licença para interromper as nossas experiencias, porque me lembrei de repente que me hei de mudar hoje mesmo. Como vêem, tenho uma pasta debaixo do braço.



Quem dirá que contém toda a minha mobilia? Agora ninguém; mas d'aqui a pouco todos o dirão. Colloco a pasta sobre uma-mesa, abro-a, e começo a' tirár ao acaso o que ella contém: primeiro uma gaiola, não muito pequena, co-

mo vêem; depois uma cadeira, em seguida um leito completamente armado... Eis aqui amostras, que espero lhes provarão, que a minha casa não está muito mal mobilada, o que, porém, não me impede, de fazer a mudança muito commodamente.

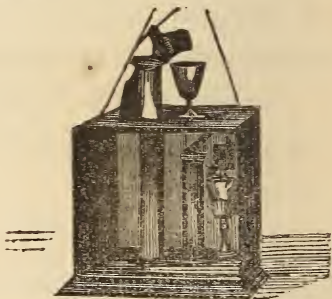
Uma simples pasta de desenhos lhe bastará, leitor, se tiver alguns destes moveis, cujos lados collocados sobre gonzos, possam cair quasi parallelamente uns sobre os outros, de maneira que representem uma superficie quasi plana.

A caixa encantada

Eis aqui esta caixa de cobre, na qual vos peço de metterdes tres pequenos objectos, fechando-a antes de m'a entregardes. Agora envolvo a caixa neste lenço; ou... fallemos serio! finjo envolvel-a: depois de a ter escamoteado, deixo-a á disposição do meu creado que se apoderá della, e sáe. Entretanto, os espectantes julgam que a caixa está no lenço, onde se encontra uma outra cozida entre as dobras, a qual eu dou a segurar, bem embrulhada, a um dos assistentes. Esta caixa, meio aberta, quando a sacudo produz um ruido que parece o dos objectos escamoteados. Vou buscar uma corneta no momento em que o meu creado entra, e me diz disfarçadamente ao ouvido os objectos contidos na caixa; e com esta corneta eu finjo vêr esses obje-

etos dentro da caixa do lenço, com pasmo dos assistentes.

Todavia, levarei mais longe o prodigio, isto é, farei passar um por um os objectos para um vaso de crystal, que colloco sobre um pedestal de madeira. Este pedestal parece macisso, mas se acaso o virar, vereis que lhe falta um lado, pelo qual podereis descobrir todo o seu interior. Vede o seu mechanismo.



Duas columnas de cobre verticaes, paralelas uma á outra. No eimo de uma dellas vereis a caixinha dos objectos, que o meu creado surrateiramente ahi collocou. Façamos funcionar o apparelho. Supponhamos que eu escondi o vaso de crystal onde os objectos devem cair, que um espectador julga ter na mão debaixo do pedestal. No momento em que eu digo, por exemplo :

«Vou deitar o anel no vaso» a columna, sobre a qual está a caixa, impellida por uma mola em que o meu pé carrega, sóbe; e a outra, impellida por igual movimento,

imprime n'um calix, que está no pedestal, um som que parece o do anel caído no vaso. O mesmo se faz com o segundo objecto.

O ultimo, porém, faço-o passar, imprimindo na caixa que o espectador tem segura, um movimento que a fecha, afim de que, quando elle a sacuda, pareça não existir ahi coisa alguma. Depois faço passar a propria coisa. Puchoo lenço de repente sacudindo-o, e como ella está ahi cozida, parece não existir lá e ter effectivamente, pela influencia da magia, caído no vaso de crystal. Neste momento, a columna que tem a verdadeira caixa, acaba de elevar-se, e uma mola impelle a caixa, que cae dentro do vaso de crystal — *magicamente*.

○ VASO COM ARROZ

Como se faz passar um limão e uma moeda de oiro ou prata para o logar do arroz que enchia um vaso, isto a vinte passos de distancia, e reaparecer o dinheiro dentro do limão? Da seguinte maneira:

Substitue-se immediatamente o dinheiro emprestado por outro igual, em quanto se conversa um pouco com o publico; o creado mette no limão, por uma abertura que lhe fez, o dinheiro de que se apoderou. Depois, põe o limão no fundo de um vaso de madeira, enche-o, e tira-o para fóra.

O prestigiador, depois de mostrar que o vaso está completamente cheio de arroz, annuncia que vae fazer passar um limão, que tem na mão, para o logar do arroz, e ao mesmo tempo empalma-o. Faz o mesmo á moeda semelhante á que lhe emprestara. Depois, pega no vaso onde não ha um unico grão de arroz, faz cair de dentro o limão que o crea-

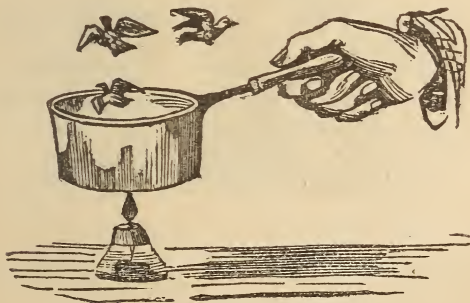


do ahí tinha posto, e corta-o em duas partes para tirar de dentro o objecto que lhe emprestaram. A desaparição do arroz é devida a uma mola que levanta o fundo do vaso. O arroz cáe por uma abertura circular no pé do vaso, cujo fundo torna a tomar o seu primitivo logar, desde que cessa a acção da mola.

Aves cozidas a voarem ou a caçarola infernal

Minhas senhoras. Tende a bondade de lançar algumas aves mortas e bem depennadas dentro de uma caçarola, e vereis que a magia, collocando-a sobre o fogo, obrará o prodigio de as fazer ressuscitar.

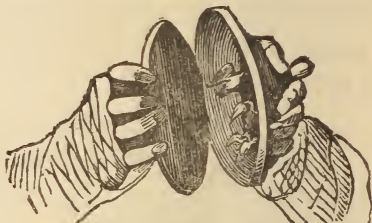
Muito bem, cá estão as pobres avesinhas. Ponhamos a caçarola sobre o fogo. Já devem estar cozidas. Agora a influencia da magia as fará voar sãs e salvas. Admirae.



Vistes o prodigio; agora aprendei o segredo da feitiçeira magica, que com prazer, o explico unicamente a vós.

As avesinhas mortas ficaram no fundo da caçarola, e devéras quasi assadas pelo fogo, sem todavia serem vistas pelos olhos compassivos, e as que voaram, batendo as asas

em varias direcções, estavam escondidas na tampa que, apesar de parecer não poder contel-as, tem todavia uma pequena camara onde cabem perfeitamente. Um prato serve de tampa a esta tampa, fechando-a hermeticamente.



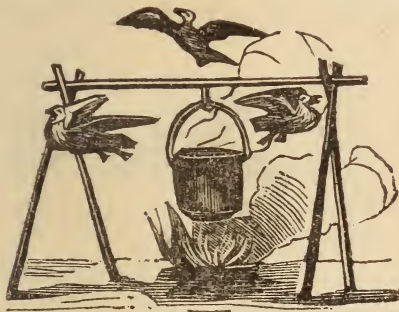
Quando se tapa com ella a caçarola para a pôr sobre o fogo, carrega-se um pequeno botão que há na tampa, fazendo-se assim cair o prato, o que tem a dupla vontade de soltar as vivas e encobrir as mortas.

A caldeira diabolica

Confiados na complacencia do leitor, tomamos a liberdade de lhe offerecer um guisado feito na cosinha *magica*. Será cosinhado nesta caldeira, suspensa por um ganeho a este páo, que assenta sobre outros quatro, postos dois de cada lado. Como a caldeira está vazia, vamos enchel-a de agua, porque é este o principio de toda a comida; e em

quanto ferve, lembrar-nos-hemos do guisado mais exquisito e digno do leitor: tapemol-a, e accendamos fogo por baixo.

O leitor começa a crer que o mais que d'aqui pôde sair é agua quente. Quem sabe? Em todo o caso vamos tirar a tampa, para vêr em que estado está a agua... Que me dizem a isto?... A caldeira está completamente secca e acabam de sair della tão lindos canarios!...



Passamos á realidade; um dos páos que sustentam a caldeira, é ôco de um lado, penetra no pavimento, e do outro ajusta-se hermeticamente ao páo transversal, tambem ôco, no qual está preso o gancho que tambem é ôco, bem como a aza da caldeira, que é sustentada pelo gancho, e que se prolonga de cada lado, como um tubo, até ao fundo do vaso. Uma bomba attrae a si a agua por estes diferentes ca-

naes, que no fim de contas só formam um. Em quanto aos canarios, a tampa da caldeira *magica* exerce a mesma função que a da *caçarola infernal*.

O caçadorzinho

(AUTHOMATO)

Permitti que vos apresente um pequeno personagem que todo o magico deve conhecer, e que nos dará provas d'uma destreza notavel.



É este gentil caçador apenas d'um pé de altura, mas bem sabeis que o merito não se mede pelo corpo. Está armado com a sua espingarda que nunca larga. Não acrediteis que a traz sómente para vista, sabe perfeitamente ma-

nejal-a. Vejamos se está disposto a mostrar-nos a sua habilidade.

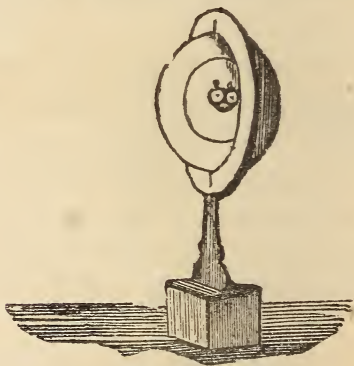
«Meu camarada, a sua arma está carregada? (O authomato diz que *sim* com a cabeça). Não tem, entre os espectadores, nenhum inimigo que possa temer o uso que vae fazer da sua espingarda?» (O caçador responde com muitos signaes negativos de cabeça). Pois bem! mostre-nos que sabe dar um tiro... Apontar!... (O authomato, que estava com a arma em descanzo, immediatamente faz pontaria). Fogo!... (O nosso homemzinho dá um tiro e põe a arma em descanzo).

Todos estes movimentos são feitos com uma exactidão, que causa grande espanto aos espectadores, augmentando-se mais se se tirar o boneco de cima da mesa e se se tornar a pôr, porque assim parece que trabalha espontaneamente. Ainda nisto se emprega o systema das molas. Visto que já conhecem o nosso caçador, resta-nos dizer-lhes que vantagens se tiram, empregando-o em differentes experiencias magicas.

● alvo encantado

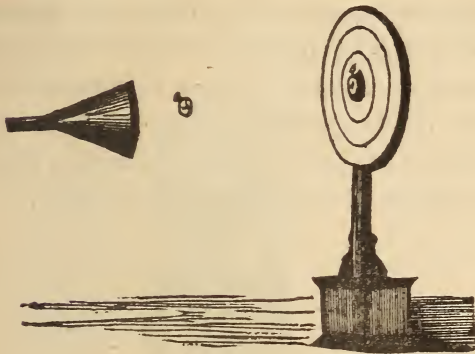
Ha ainda uma experiencia, para a qual lançaremos mão do caçador — authomato; intitula-se o alvo encantado. Este alvo é composto d'um pedaço de madeira quadrada ou redonda, maior ou menor, pintada de branco; o alvo tem

um ponto preto no centro, onde teem a sua origem uns circulos tambem pretos que augmentam proporcionalmente. O meio do alvo é uma parte movel, limitada pelo primeiro circulo, a partir do centro. A parte movel é atravessada por um eixo, sobre o qual a acção d'uma mola a obriga, em occasião opportuna, a operar meia-revolução: isto é, o reverso do alvo vem occupar o logar da frente.



Para fazer a experiencia, o prestigiador pede um ou dois relógios, que immediatamente troca por outros; carga a espingarda do authomato, com o que acaba de substituir, em quanto o creado se apodera do primeiro relogio,

e o pendura por detraz do alvo, que depois traz para fóra e o colloca sobre uma mola. Ao estampido do tiro, a mola

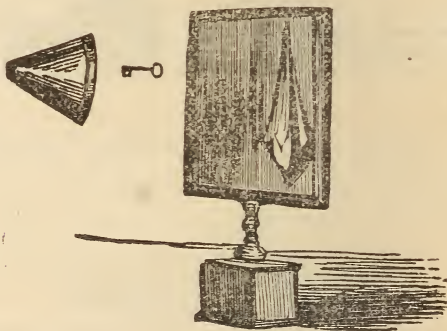


faz voltar a parte movel do alvo, e o relógio apparece como se o caçador o tivesse pregado no alvo.

O store

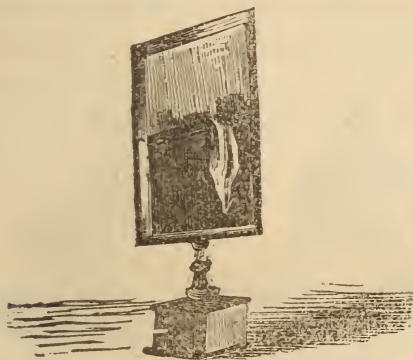
A habilidade do nosso caçador não se limita sómente a manejar a arma. Faz della um uso excellente, quando, carregada sem ser com chumbo, por exemplo, com uma chave, um lenço, um anel, etc.; preferiremos estes objectos, pois que são os mais faceis de nos emprestarem. Tenham, pois, a bondade de os confiar por um momento ao meu eximio caçador.

Vamos metter tudo isto dentro da sua espingarda, cuja boca é larga como a d'um bacamarte. Primeiro a chave e o anel, e por cima disto o lenço. Agora necessitamos um alvo, o *store* que acabam de nos trazer serve perfeitamente. Colloquemol-o a uma grande distancia do caçador... «Está prompto, camarada?» (Signaes affirmativos do *authomato*). «Então apontar... fogo!...» (O boneco executa esta ordem; o tiro parte, e a chave, o anel, e o lenço emprestados vêem-se collocados no centro do *store*).



Pois que chegamos ao campo das explicações, mostraremos ao leitor a espingarda do *authomato*. O fuzil, posto em movimento por uma mola, faz sómente partir uma capsula. O cano da arma parece-lhe vazio, e não obstante, os objectos com que carregamos a espingarda ainda ahí es-

tão; sómente uma nova mola fez cair sobre elles uma especie de porta, que os cobre agora. Estes objectos tinham substituido os que me tinham emprestado, os quaes foram levados para serem pendurados no *store*. Diante deste *store* abaixou-se um outro, com a mesma còr. Este ultimo enro-



la-se n'uma roldana com moia, e fica direito, porque está preso em baixo por um gancho. Quando o authomato dá o tiro, uma última mola tira o gancho; o *store* sobe rapidamente para o alto da moldura e descobre os objectos pendurados no primeiro *store*.

Leite artificial

Todos gostaram immenso do café, imagine, porém, o leitor, que alguém lhe pede leite, dizendo que não lhe será

difficil fazel-o dos feijões que ainda restam? A esperteza dessa pessoa servirá ao leitor para mostrar a extensão do seu poder, se possuir a caixa maravilhosa.

É uma simples caixa redonda, na qual o leitor deitou leite, de maneira, porém, que não ficasse cheia. Depois cobriu a caixa com uma especie de funil, cujo canudo é tapado na parte inferior.

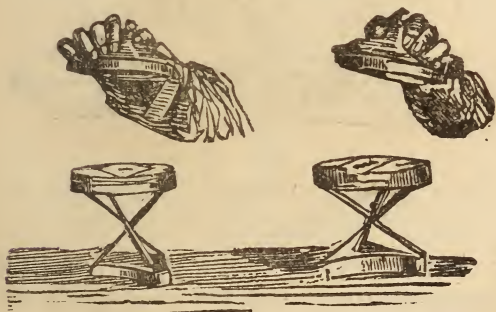


Neste funil deitará os feijões, cebolas, etc., e para fazer acreditar que a caixa está cheia do que acaba de lhe deitar, metterá uma agulha grande que passa pelo cano do funil. Depois cobre a caixa com uma tampa de folha de Flandres, diz que o prodigio deve estar concluido, levanta a tampa, na qual pela força de pressão, vae o funil que servia de fundo á caixa.

Póde então satisfazer o pedido das pessoas que julgavam, por um momento, que o poder magico tem limites.

As cartas viajantes

Apresentemos um baralho aos espectadores, e façamos-lhe tirar duas cartas obrigadas. Um, tirou o az de copas, e outro, a dama d'espadas. Levamos as duas cartas, e pômos cada uma dellas sobre uma menzinha redonda, de tres pés; a dama d'espadas á esquerda, e o az de copas á direita. Depois de mostrar que as cartas estão effectivamen-



te no lugar que apontamos, cobrimos ao mesmo tempo ambas as mesas com uma tampa de folha de Flandres, e participamos aos espectadores que as cartas vão invisivelmente mudar de lugar. Levantam-se as tampas, e effectivamente deixam vêr a primeira destas cartas no lugar da segunda, e esta no lugar d'aquella.

Um magico só, ainda que não conhecesse esta sorte, poderia advinhar que as menzinhas tão finas, na apparencia, tem comtudo um duplicado tampo; que em cima do primeiro, inteiramente separado da machina, e um pouco

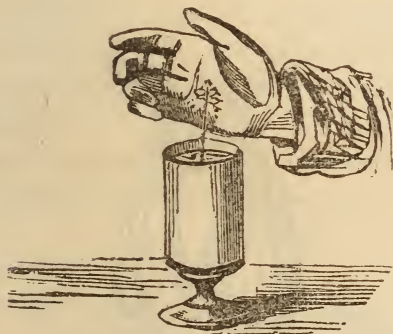


maior que o verdadeiro tampo, mettemos as cartas destinadas a substituir aquellas, que fizemos tomar como por acaso; advinhar finalmente que as tampas, apertando em si os tampos superiores, os tinham tirado juntamente com as cartas, que á vista de todos ali collocámos.

Delicioso café de feijões

O methodo que se segue para o fazer, é facilimo, com tanto que haja uma caixa igual á nossa. Esta caixa é simi-

lhante ás metades d'um grande estojo redondo, cuja tampa absorve a outra metade quasi toda. Na metade que serve de tampa existe uma caixa mais pequena, suspensa por cima por meio d'um gancho; esta caixa está cheia de café a ferver e já temperado. Na occasião de se deitarem os feijões na caixa, empurra-se um botão que ha na parte inferior, que faz levantar o fundo apparente, impedindo desta



maneira que os feijões encham a caixa, ainda que o pareça. Quando se abre com o estojo a caixa que contém o café, obriga os feijões e o fundo apparente em que elles estão, a írem até ao verdadeiro fundo. Antes de destapar a boceta, toca-se n'um botão que ha na tampa, e que obriga a caixa do café a soltar-se do gancho, apparecendo desta maneira, no logar em que estavam os feijões, excellente café que se offerece aos espectadores.

⊙ nó obediente

Depois de ter principiado o nó n'um lenço como se vê na gravura, aperta-se um pouco, puchando sem força as duas pontas superiores; depois aperta-se bem, puchando com força pela primeira ponta do lenço; e como esta extremidade pertence a uma só e mesma ponta do lenço, não

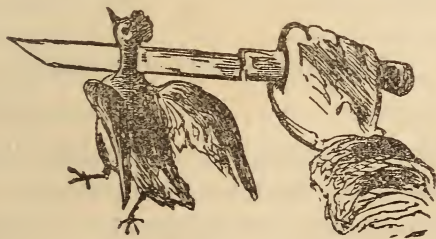


póde ser assim puchada, sem perder a linha tortuosa que tinha tomado no nó, para não seguir senão a linha recta. Comtudo, a parte que fórma uma segunda ponta do lenço, faz, á roda da primeira, uma especie de nó de correr, que se póde fazer escorregar facilmente com o pollegar e o indicador da mão direita, no instante em que o nó se embru-

ha no resto do lenço. Este nó illude completamente, e de repente pouca gente o faz, ainda que veja como elle é feito, sendo rapido.

o gallo morto-vivo

Um charlatão, para provar a efficacia do seu elixir, gabava-se modestamente de poder resuscitar um morto. Eis um animal, dizia elle mostrando um gallo, que em breve vae ser riscado do rol dos viventes, vou cortar-lhe a cabeça e vèr-lhe-heis os miolos; o que não o impedirá desta noite cantar no poleiro e de fazer os seus rapa-pés ás galinhas, e amanhã de passear soberbo e altivo.



N'um momento passou-lhe uma faca através do pescoço e o apresentou aos circumstantes, como se vê na nossa gravura. Ao principio, viu-se o animal luctando, batendo as

azas, e depois ficar sem movimento, fechar os olhos e parecer morto. O charlatão tirou-lhe a faca, o gallo caiu sobre uma mesa, onde ficou inanimado. Depois deu-lhe a cheirar, talvez, agua do pote, o gallo pôz-se em pé, bateu as azas e cantou.

Eis a explicação :

Os miolos do gallo e da gallinha estão collocados na cabeça pelo lado de cima, junto ao pescoço, existe, portanto, entre os miolos e o bico, uma parte da cabeça que póde ser furada por uma faca, sem matar o animal ; e se a cabeça tiver já sido furada, poder-se-ha suspender na faca que não tenha muito cóрте, tantas quantas vezes se quizer ; o animal debater-se-ha com as azas e pés para se livrar desta posição. Quanto á sua morte apparente e á sua resurreição repentina, é proveniente do ensino e costume.

A colhér do prestigiador

A Italia, patria de tantos homens illustres, e bem como a Hespanha, a terra dos Bartholes, das Rosinas e dos Al-mavivas. Ha mezes essa eterna comedia, immortalisada no theatro por Beaumarchais, em que entrava indispensavelmente um tutor tyranno e odioso, uma pupilla opprimida e enganada, e um amante moço e reprehendedor, essa comedia, dizemos, representava-se em Florença, tendo aliás

o cunho da naturalidade, pois que não se dava no theatro: tomavam parte nella *il signor* Lambino, a linda Flaminia e o guapo marquez Renaud Lamberti. Lambino, o tutor que, segundo parece, escrupulisava pouco nos meios, com tanto que chegasse ao fim a que se propunha, obteve, por uma engenhosa calumnia contra a pupilla, que o marquez tomasse a resolução de a desprezar. Como o amor do nobre fidalgo era, por assim dizer, o escudo que podia proteger Flaminia contra os designios do velho, e dar-lhe coragem para resistir aos crueis tormentos do tutor, este ultimo tinha nutrido a esperança de casar com ella, e, consequencia immediata, lançar mão dos bens de que sómente era administrador. A força de soffrer uma sujeição, a que lhe era impossivel esquivar-se, a pobre menina desconfiava que Lambino tivesse lançado mão da intriga, com o fim de afastar della Renaud, que lhe tinha feito partilhar um amor puro e verdadeiro. Não se julgando conscienciosamente culpada do que ia fazer, pois que as circumstancias a isso a obrigavam, decidiu escrever ao marquez: dado, porém, este passo, teve de renunciar á esperança de fazer chegar a carta ao seu destino. Lambino que receiava uma ultima tentativa de resistencia da parte da sua pupilla, resolveu dar uma pequena festa no dia do seu casamento, com o fim de a distrair, para a qual não convidou mais que duas ou tres senhoras já edosas, e os seus amigos de maior data.

Achava-se então em Florença M. D..., prestigiador francez, que se tinha relacionado com Lambino; este pediu-lhe uma sessão de magia, convidando-o desta fórma a abrilhantar a festa dedicada a Flaminia. M. D... accedeu ao pedido e mandou para casa do tal velho algumas peças mechanicas.



A sessão teve logar no dia para isso fixado. Depois de varias habilidades, o francez declarou que a magia lhe dava o poder de restituir ao seu primitivo estado uma folha de papel, depois de reduzida a cinzas, e para que não duvidassem do que acabava de affirmar, deu um lapis e uma folha de papel a Lambino, pedindo-lhe que depois de escrever no papel o que quizesse, o dobrasse em quatro partes: era o papel que devia renascer depois de ser queimado, e sem que por conseguinte fosse possivel apresentar

um outro em seu lugar. Enquanto Lambino dobrava o papel, depois de nelle ter escripto, M. D... disse, que não querendo que desconfiassem da menor escamotagem, nem com a ponta dos dedos lhe tocaria, e que não o perderiam de vista um só instante até ficar reduzido a cinzas. Tomou então uma especie de colhér com um cabo comprido como uma bengala; e pediu a Lambino ir collocar o autographo na colhér; Flaminia apressadamente deitou um bilhete dizendo: «Senhor, peço-lhe que faça a experiencia com este papel!» O olhar da joven era tão supplicante, que M. D... se arredou immediatamente com a colhér, apesar da gritaria que fazia o tutor, dizendo: — faça favor de me dar esse papel... estou em minha casa rodeado de amigos, e ainda que fosse mister empregar a violencia, não lh'o consentiria em seu poder! — socegue, meu caro, respondeu tranquillamente M. D..., graças á magia, posso-o satisfazer completamente e á sua encantadora pupilla. Para isso, colloco nesta bandeja o papel que ella me entregou, e como não quero, de fórma alguma, guardal-o contra sua vontade, approximo-lhe esta vela acceza e queimo-o. Deixe-me vêr a bandeja, bradou Lambino, para me certificar ao menos, se a carta que esta senhora lhe deu, está realmente queimada.

M. D... entregou a bandeja ao italiano. Elle pegou-lhe apressadamente, e não viu mais que cinzas fumegantes; pensou que era realmente impossivel que o bilhete, que

nem um momento tinha perdido de vista, renascesse das cinzas que estavam na bandeja, e ficou quasi satisfeito.

Ora o papel que Flaminia pôz na colhér do prestigiador, era a carta que tinha escripto ao marquez Lamberti. Duas horas depois, a carta tão bem queimada, chegava perfeitamente intacta ás mãos de Roland, que é actualmentemente o esposo da linda Flaminia.

Passaremos a descrever a colhér empregada por M. D... para habilitar o leitor a fazer feliz alguma Rosina que se lhe apresente, subtraíndo-a á influencia d'um tutor tão cabeçudo como o que acabamos de descrever. A colhér compõe-se d'um cabo do tamanho de 80 ou 90 centímetros pouco mais ou menos, e tem a fórma d'um livro semi-aberto com a lombada redonda. Nesta colhér está um papel posto pelo prestigiador, muito antes de a mostrar ao publico, e não se vê, porque está entre uma das capas do livro e uma especie de porta de madeira, que uma mola empurra de encontro á capa. Quando o papel, em que se escreveu, cae na colhér, o prestigiador carrega n'um botão que tem o cabo, que obriga a passar a porta d'um lado para outro, deixando livre o papel posto na colhér pelo prestigiador e escondendo o outro. Quanto a este, o creado do prestigiador acha-o na colhér e dispõe delle conforme lhe ordenaram.

Modo de fazer de dois liquidos um corpo solido

Encontra-se nas experiencias de physica de Polimére o processo seguinte para formar um corpo solido com dois liquidos. Dissolvei, diz elle, em agua commum uma onça de sal marinho e juntae-lhe tres onças de cal viva, e fervei tudo por algum tempo. Preparae uma forte dissolução de tartaro, misturando estes dois liquidos n'um vaso de barro e batendo com uma espatula de pau, solidifica-se a ponto de se poder fazer uma bola, amassando-a na mão. Póde reduzir-se outra vez a liquido, deitando sobre a massa um pouco de espirito de nitro.

As cartas magneticas

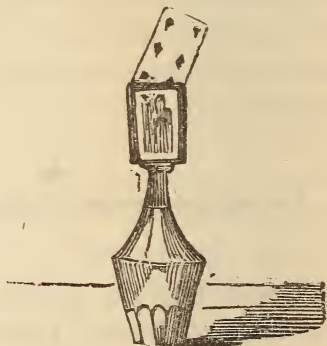
Tende a bondade de tirar cada um de vós uma carta deste baralho, e fixal-a na memoria. Tende a bondade de novamente a pôr no baralho.

Sobre a mesa colloco esta garrafa cheia da agua filtrada, que me ha de ajudar na experiencia. Em vez da costumada rolha de cortiça, esta garrafa é tapada por uma especie de caixa, na qual poremos perpendicularmente o nosso baralho. Agora, cada um de vós chamará pela sua carta pela

ordem por que as viu. A força magnetica da agua as fará sair do baralho.

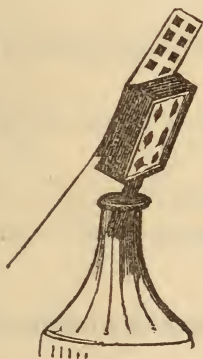
«Valeta de copas» — Eil-o! — «Nove de ouros» Vêde como obedece!

A que devemos, porém, nós a obediencia destas cartas? A um fio preto. Escutae. A caixa tem dois repartimentos parallellos. No repartimento de diante põem-se as cartas que vv. ss. tiraram, as quaes eram cartas obrigadas, e no segundo estão preparadas outras iguaes a essas.



Tem-se então um pequeno maço de cinco ou seis cartas quaesquer, não sendo das que devem sair. Este maço é enrolado no sentido do comprimento das cartas, com o fim de um comprido fio negro. Quando se lhe tem, para o segurar bem, dado cinco ou seis voltas, cuja ultima deve

terminar na frente das cartas, põe-se sobre essa uma carta qualquer, ao longo da qual se faz descer o fio, depois colloca-se ahi a ultima que deve ser chamada. Conduz-se então o fio até ao alto desta. Vem em seguida uma carta tomada ainda ao acaso, sobre a qual o cordão desce, e que se cobre com a penultima que deve apparecer: e assim



por diante, até chegar á primeira, que o fio cobre, para ir passar por um buraco feito na parte inferior das costas da caixa, e d'ali ir prender-se á mão occulta, que, puchando-a, fará apparecer uma após outra as cartas pedidas pelos espectadores.

**Tirar um objecto do meio de dois
sem lhe tocar**

Poreis em cima de uma mesa tres moedas de prata pela seguinte maneira :

O O O

E direi a qualquer pessoa que tire a do meio, sem lhe tocar.

MODO DE O EXECUTAR

Agarrareis na primeira moeda, e collocae-a ao lado da terceira, e por consequencia já a segunda não está no meio.

O relógio phantastico

Conheci um homem que se prezava de ser exactissimo em tudo. Para sustentar esta pretensão tinha uma infinidade de relógios de parede : esta precaução, porém, custava-lhe cara, porque fazia uma despeza immensa para que os relógios não differissem uns dos outros. Ora, a pessoa de quem lhes fallo, muito teria poupado se possuísse o nosso relógio phantastico. Compõe-se unicamente, como vêem, d'uma argola para poder estar suspenso, d'uma bolinha de

cobre servindo de ornato, e d'um mostrador de crystal com dois ponteiros, e as horas marcadas á roda; não tem fabrica, e conseguintemente não necessita de concerto. E, além disto, o relógio magico tem a singular propriedade de designar a hora que se quer. Façamos o ensaio d'elle, e para tornal-o o mais concludente possível, vamos suspendel-o por meio destes dois cordões, que teem um gancho



em cada extremidade, assim ninguem o perde de vista e conserva-se completamente isolado. Resta agora que lhes designem as horas que desejam vêr marcadas. — Duas horas? — Os ponteiros começaram a caminhar... chegaram á hora pedida e pararam! — Quatro horas? — Lá está marcada a hora exigida. — Meio dia? — Em consequencia do espaço a percorrer ser desta vez um pouco grande, se consentirem, os ponteiros em lugar de caminharem para dian-

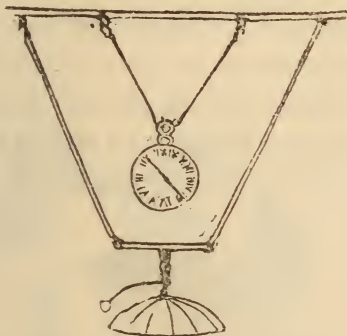
te, retrocederão. Estão d'accordo? Eil-os que recuam. Bem vêem que nada lhes é impossivel quando cumprem o que se lhes ordena... Meio dia... Prosigamos...

Em quanto o relógio phantastico obedece a todas as ordens que recebe, expliquemos o segredo da sua obediencia. Suspenso pelas argolas do tecto e pelos cordões, o movimento devido á electricidade é-lhe communicado pelos ganchos da parte inferior dos cordões á argola composta de duas pequenas molas, uma á direita, outra á esquerda; a da direita faz andar os ponteiros para a frente, a da esquerda fal-os recuar. Falta saber de que maneira operam as molas sobre os ponteiros que parecem isolados. A argola faz trabalhar uma machina de relógio contida no bola de cobre, e que dois imperceptiveis cabellos põem em contacto com os ponteiros *phantasticos*.

A campainha sympathica

Um relógio que não dá horas não se póde dizer completo. Demos, pois, ao nosso, o que lhe falta. Para isto basta uma campainha de relógio feita de crystal e o indispensavel martello. Eil-a. A campainha tambem tem uma argola; podemos, pois, suspendel-a por baixo do relógio, porque temos no tecto outras duas argolas, e ainda nos restam dois cordões. Agora está o relógio completo. Quem fará,

porém, dar as horas?... Talvez a *sympathia*... O meio é excellente, o relógio marcava onze horas e eil-as que dão!... Meio dia, depressa. Effectivamente está dando meio dia, bello.



Seria uma injustiça feita á intelligencia do leitor, acrescentar sequer uma palavra á narração que fizemos no capitulo precedente: contentar-nos-hemos, pois, em lhe pedir para nós uma *sympathia* mais séria da que *realmente existe entre o relógio e a campainha*.

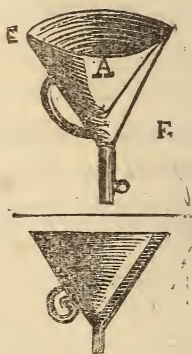
⊙ relampago magico

Collocae uma colher pequena de prata entre a gengive e o beijo superior, e um pedaço de zinco entre a gengive e o beijo inferior, tocando as duas extremidades destes dois

metaes, experimentar-se-ha uma forte sensação, e passará pela vista um relampago, quer seja nas trevas, quer na claridade, quer seja com os olhos abertos, ou com elles fechados.

● funil magico

Mandae construir um dobrado funil de folha de Flandres, do qual a parte interior A e a exterior B sejam soldadas entre si, de maneira que a agua contida entre ellas não



possa correr senão por uma pequena abertura feita em C, onde a parte interior se une ao bico D. Adaptae-lhe uma aza, no cimo da qual um pequeno buraco deve communicar com o vacuo interior deste funil.

Quando encherdes d'agua este funil, tapando a extremidade do bico D, a agua se espalhará logo entre as duas superficies, e tapando logo o buraco C com o dedo, e destapando o D, a agua contida na parte A correrá, e o liquido contido entre as duas superficies ali ficará, até que erguendo o dedo para destapar o buraco C, e introduzindo-se o ar, começará tambem a correr até que torneis a pôr o dedo no mesmo buraco.



Enchereis este funil d'agua ou de vinho, e segurando-o pela aza, tapareis com o dedo pollegar o buraco C, deitareis uma porção de liquido n'um copo e dal-o-heis a beber, depois, por um pretexto qualquer, tomareis uma especie de sovela, da qual a ponta entra no cabo, e fingireis furar qualquer parte do corpo a essa pessoa, e collocando a abertura do funil, destapareis o buraco C, e parecerá que o vinho ou agua que essa pessoa tiver bebido, sairá pela abertura que a sovela lhe fez.

A sovela feiticeira

Esta sovela é composta d'um cabo furado e d'um arame bem direito na sua parte exterior, mas feito em espiral na parte que fica dentro do cabo.

Quando a ponta se encosta contra a testa ou outra qualquer parte, entra no cabo. O espectador não conhecendo este machinismo, imagina que profundou, logo que se diminue a pressão, a elasticidade do arame lhe faz tomar a sua primeira fórma, empurrando a ponta para fóra.

O golpe no braço

O meu elixir é tão bom, continuou o operador, que não tenho medo de facadas.

Então, pegando n'uma faca e fazendo contorsões e caretas, espetou-a de lado a lado n'um braço, fingindo sentir agudas dôres, e mostrou o seu braço atravessado por uma faca.

EXPLICAÇÃO

Esta sorte é muito facil e simples, consiste sómente em adaptar ao braço uma faca feita de proposito, cuja folha é dividida em duas partes, que reúnem por uma mola em fórma de ferradura, como a da seguinte gravura :



Quando o braço está collocado entre as duas metades da folha, e que a mola fica escondida n'um pedaço da manga da camisa, a illusão é perfeita.

Papel incombustivel

Tomae uma folha de papel, molhae-o em uma dissolução de pedra-hume e deixae-o seccar; fazei isto duas ou tres vezes: podereis depois chegar o papel á chamma da vela que não se queimará.

Dizer a uma pessoa o numero que ella pensou

Depois de pedirdes a uma pessoa que ponha um numero qualquer no seu pensamento, dizei-lhe que o duplique, e que lhe acrescente 4, e de multiplicar o todo por 5; mandae-lhe depois acrescentar 12 a este ultimo producto e multiplicar o total por 10; mandae tirar desta somma 320, e perguntae-lhe depois qual o numero que fica, da qual tira-

reis as duas ultimas letras, e ficará o numero que a pessoa pensou.

EXEMPLO

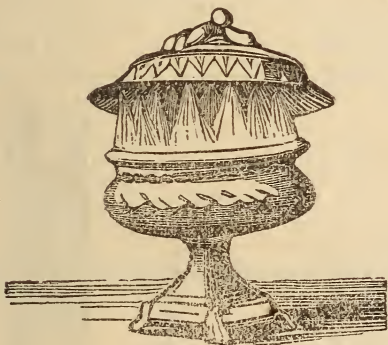
Numero pensado	7
Duplicado.....	14
Juntado-lhe 4.....	18
Multiplicando 18 por 5 dá o producto....	90
Ao qual juntando 12, somma.....	102
Multiplicado por 10, produz.....	1020
Tirando-lhe.....	320
	<hr/>
Resta	700

Tirando-lhe as duas ultimas letras, fica o numero — 7 — que é o numero pensado.

A poncheira

Apresento-lhes a maior taça que possuo, e vou enchela de lenços, leques e rosas. Cubro-a agora com a sua competente tampa. Ora esta! parece-me que já sinto um cheiro a ponche queimado. Vou destapal-a para me certificar se... Safa! que fogo sae da poncheira! Venham copos depressa... Tenham a bondade de se servir!... Mais copos!... Mais ainda!... Porém que é isto?! Tenho enchido tão grande quantidade de copos, e a taça está cheia como no principio! Desistem de esgotar a poncheira?

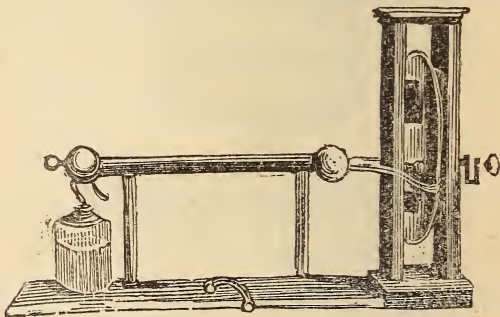
Ainda esta vez, leitor, lhe descobriremos o segredo. A poncheira que viu compõe-se de dois fundos. O primeiro, que foi onde deitei os lenços, etc., veio na tampa que levantei, tocando ao mesmo tempo n'uma mola destinada a lançar fogo ao liquido já quente, que estava no segundo fundo. Entre este ultimo e a parte interna do vaso, ha um vacuo que se enche de ponche, do qual o nivel do liquido



excede o do ponche contido no segundo fundo. Este comunica com o segundo repartimento, por meio de uma valvula que se abre e fecha pela pressão de um botão. Á medida que o ponche do segundo fundo diminue, abre-se a valvula para que os dois liquidos, communicando-se, tendam a conseguir o mesmo nivel, e o ponche se eleva na taça que parece por isso inexgotavel.

Carregar o conductor de materia electrica e descarregal-o por diversas fórmãs

Estando a machina electrica bem fixa sobre uma mesa solida, enxugae com um panno fino e secco a roda ou *plateau*, as almofadas; e tendo estabelecido com a cadêa uma communição a um conductor de folha de Flandres ¹ isolado por cordões de seda pendurado no tecto, ponde com uma pequena boneca de panno de lã uma amalgama de mercurio e branco d'Hespanha ² nas duas superficies da



¹ Póde deixar-se de pôr este 2.º conductor, salvo se quiser obter uma grande faisca.

² E melhor tirar o aço d'espelhos velhos, mistural-o bem com um pouco de branco d'Hespanha, que se fará bem secar, e conserval-o bem secco n'uma caixinha; ou tritular bem n'um gral mercurio com cinabre em pó, juntando-lhe um pouco de cebo de carneiro, com o qual fareis uma massa com que esfregareis levemente as almofadas.

roda nos sitios que roçam pelas almofadas; apertae os parafuzos que as ajustam á roda, até que voltando a manivella, o movimento vos não pareça muito prezo ³; electrísae por este modo o conductor.

Se fizerdes esta experiencia na escuridão, vereis uma claridade muito viva e branca que sairá das almofadas e entrará nos conductores ou pentes, que transmittem a materia electrica ao conductor; vereis esse mesmo fluido espalhar-se por toda a superficie da roda.

Estando o conductor electrísado, se aproximardes um dedo a qualquer logar delle, sairá uma faísca luminosa que vos causa uma pequena dôr.

TERMOS ELECTRICOS PRECISOS PARA AS EXPERIENCIAS
E SUA DEFINIÇÃO

Electrísar positivamente—é accumular sobre um corpo uma porção d'electricidade maior do que elle contém ordinariamente.

Electrísar negativamente—é subtraír uma certa porção d'electricidade que um corpo contém naturalmente.

Isolar um corpo—é dispôl-o de fórma, que não possa communicar de maneira alguma com outros corpos, senão com os que são electricos por si mesmos, o que se faz,

³ Quanto mais ficarem justas as almofadas maior será a força da electricidade.

suspendendo-o por cordões de seda, pondo-o sobre vidro, ou sobre um pedaço de resina.

Tirar a faísca — é aproximar o dedo ou outro corpo não electrico d'um corpo electrizado.

Receber o choque — é fazer sobre si mesmo a experiencia de Leyde, tocando com uma das mãos na botelha e com a outra no conductor.

O plateau — é uma roda de vidro que se faz girar sobre o seu centro, e que junta, pela fricção nas almofadas, a materia electrica espalhada no vidro e nos corpos, com as quaes se communica.

Os conductores ⁴ — são cylindros de cobre ou de lata, ou mesmo de cartão dourado; servem para receber e transmittir a electricidade que junta a roda ou *plateau*.

A cadêa — é um conductor particular que procura a facilidade de transmittir a electricidade ás pessoas e aos corpos que se querem electrizar.

Gateau — é um tamborete de perto de 33 centímetros quadrados, do qual os quatro pés são de vidro, e sobre o qual se isola a pessoa que se quer electrizar.

O excitador — é uma haste de cobre em fórma d'arco, tendo as extremidades rematadas por duas bolas do mesmo metal, e serve para fazer as experiencias que teem relação com as de Leyde, sem sentir choque algum.

⁴ Se o tempo estiver humido é preciso aquecer o panno.

O electrometro — é um instrumento qualquer, com o qual se pôde medir a força da electricidade.

Uma bateria — é uma reunião de muitas botelhas ou vasos guarnecidos de metal, interior e exteriormente, com os quaes se augmenta consideravelmente os effeitos das experiencias de Leyde.

Aigrettes — são pedacinhos conicos luminosos, dos quaes os raios são convergentes ou divergentes, vêem-se nas trevas na ponta dos corpos, que deixam escapar, ou que attraem o fluido electrico.

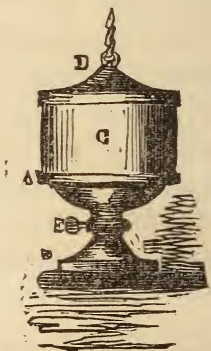
Carregar uma botelha ou um vaso — é accumular no seu interior uma porção de materia electrica. *Descarregar* — é fazer passar esta mesma quantidade de fluido para o seu exterior.

Chuva brilhante

PREPARAÇÃO

Mandae construir uma menzinha ou base de cobre A R ou simplesmente de madeira, mas da qual a cobertura A seja de metal, dae a esta lamina 12 a 15 centimetros de diametro, e que tenha um espigão que entre no pé B, a fim de poder baixar ou levantar-se á vontade, pelo meio d'um parafuzo E; ponde sobre esta lamina um tubo de vidro C, de seis centimetros d'altura; ponde-lhe uma tampa de cobre D, cujo diametro seja menor do que o da lamina

ou pé A, e que possa facilmente entrar no tubo C; communicae esta lamina ao conductor por uma cadéasinha.... espalhae sobre a lamina A uma pitada de limalha de cobre, collocae este aparelho na mesa, e electrísae o conductor.



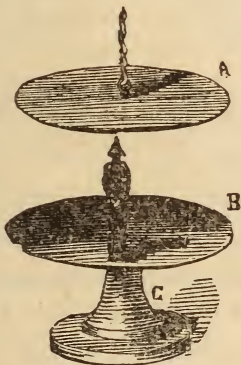
As pequenas fracções do metal que espalhastes na lamina A, sendo attraídas e electrísadas pela lamina B, são repellidas immediatamente pela lamina A, e como a cada contacto todas essas fracções tiram uma faísca da lamina D, parece que cáe continuamente no interior deste tubo uma chuva luminosa; e ainda se torna mais brilhante quando esta recreação tem logar na escuridão, e por um tempo favoravel á electricidade.

Está chuva luminosa desaparece logo que se deixe dé electrísar o conductor.

Dança milagrosa

PREPARAÇÃO

Mandae fazer duas laminas A e B da mesma fórma que na recreação antecedente; observae unicamente que devem ter 14 a 16 centímetros de diametro.



Fazei muitas figurinhas de 6 centímetros d'altura, pintadas transparentes pelos dois lados, n'um papel muito fino, afim de que sejam mais leves, fazei-as desenharem que o alto da cabeça, assim como os pés formem um bico, ponde o pé C a sua lamina B sobre a mesa, e suspendei ao conductor a lamina A, de fórma que esta se ache directamente

por cima e a 9 centímetros da distancia da lamina B; electrísae depois o conductor.

Pela explicação dada, estas pequenas figuras serão continuamente attraídas e repellidas entre as duas laminas, durante todo o tempo que se electrísar o conductor, o que formará uma especie de dança muito recreativa.

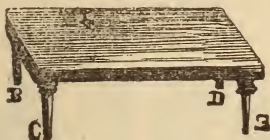
N. B. Se quizerem fazer dançar dois bonecos juntamente, é necessario para isso serem maiores as laminas, e em lugar de redondas, serem de fórma oval muito alongada, sem o que as figuras se tocariam.

A pessoa toda fogo!

Preparae um tamborete composto de uma taboa de perto de 44 centímetros de comprido e de 35 centímetros de largo, sustentada por quatro pilares ou pés de vidro massiço B C D E, de 15 a 18 centímetros d'altura; estes pés devem entrar e ser betumados em quatro peças de madeira torneadas, e que devem solidamente estar adaptadas á taboa.

Ponde em cima deste tamborete uma pessoa, e de maneira, que nenhuma parte do seu corpo ou do seu fato possa tocar, de fórma alguma, no chão ou em outros corpos que o cercam; fazei-lhe pegar com uma das mãos n'uma cadêa, cuja extremidade communica ao conductor da machina electrica.

Esta pessoa, assim isolada, tornando-se-lhe ella mesma parte do conductor, apresentará as mesmas apparencias, podem-se-lhe tirar vivas faiscas de toda a parte do corpo, apenas se lhe aproximar um dedo, uma espada, dinheiro, ou qualquer outro corpo não electrico.



N. B. É preciso ter todo o cuidado de não tirar faiscas dos olhos e d'outras partes delicadas, nem mesmo deixar tocar a pessoa electrisada nestes sitios.

A corrida de cavallos

CONSTRUCÇÃO

Soldae sobre uma chapa A semelhante ás de que se servem para as agulhas de bussola, quatro fiosinhos de latão ponte-agudos, e curvados nas extremidades em direcções contrarias, dae a cada um 6 até 9 centimetros de comprimento; cobrí estes fios com uma roda de cartão fino, sobre o qual poreis quatro figuras pintadas e recortadas, e dis-

ponde-os de fórma que, girando a roda, pareçam que correm umas atrás das outras.

Suspendei esta roda sobre um pequeno espigão, que isoleis em cima do tubo de vidro B, sustido pelo pedestal C, communique este espigão ao conductor da machina electrica, por meio de uma cadéasinha, ou por um arame que não prohiba o movimento.



Apenas se electrizar o conductor, a roda girará com uma velocidade proporcionada á força da electricidade, e á resistencia que o ar oppõe verdadeiramente á passagem do fluido electrico, similhando uma vistosa corrida de cavallos.

⊙ fogo celeste

Tomae uma colherinha de cobre A, do qual o cabo possa entrar n'um buraco feito no conductor, deitae-lhe dentro bom espirito de vinho, e electrissae o conductor.

Se metterdes de repente e perpendicularmente o dedo na colhér, a pequena distancia do liquido, e por um tempo

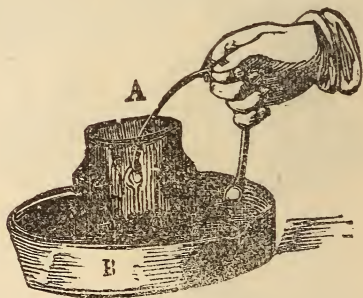


favoravel á electricidade, a faisca que tirardes inflammará logo o espirito de vinho * . Isto acontecerá tambem, se uma pessoa isolada e electrissada, tiver a colhér na mão, e outra pessoa não isolada tirar a faisca.

* Se a electricidade não fôr muito forte será preciso aquecer o espirito.

A agua que dá fogo

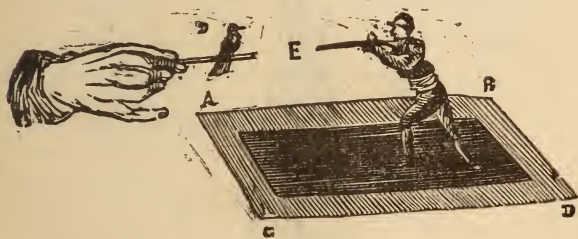
Enchei até dois terços d'agua o vaso de barro A, tomae um outro vaso de metal B, no qual deitareis a agua necessaria para que o vaso A mergulhando, a agua de um e outro se achem na mesma altura, e tomae cuidado para que o vaso A se não molhe na parte que fica superior a agua, fazei mergulhar na agua do vaso A a cadêa do conductor.



Assim que este estiver electrizado, e carregado o interior do vaso A, se mergulhardes no vaso B o lado C do excita-dor C D, e aproximando o lado D da superficie da agua contida no vaso A, este vaso se descarregará, produzindo uma faisca; o mesmo acontecerá se uma pessoa mergulhar um dedo, e aproximar outro da agua.

O caçador exímio

Fazei pintar em pau ou cartão um boneco de cinco ou seis pollegadas d'altura, representando um caçador, e disponde-o de maneira, que um arame escondido communique desde os pés até á extremidade da espingarda, que deve ter apontada; ponde-o em cima d'uma lamina de vidro, guarnecida de metal A B C D. Electrisae a superficie da lamina communicando-a com o conductor.



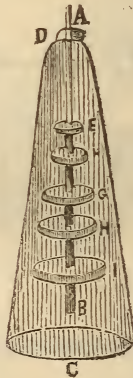
Arranjae uma avesinha E de metal, e soldae-a n'um arame de ferro.

Assim que houverdes carregado a lamina, sobre a qual está o boneco, e se alguém tocando, ou communicando com a guarnição de metal, tiver na mão a avesinha E, e se a aproximar do arame F, a lamina descarregar-se-ha, e pa-

recerá que o boneco faz fogo ao passaro. Se a lamina fôr pequena e estiver muito carregada, o tiro far-se-ha ouvir, o que fará grande surpresa.

A cascata infernal

Tomae um recipiente proprio a pôr sobre a platina de uma machina pneumatica, de perto de 50 centimetros de altura e de 12 a 15 de diametro, excepto que deve ser aber-



to no cimo, afim de se lhe poder introduzir um tubo de barometro A B que enchereis de azougue; que a extremidade inferior B deste tubo fique a 6 centimetros de distancia do fundo C do recipiente.

Lotae exactamente este tubo ao gargalo D para que o ar não possa introduzir-se por ali quando lhe fôr tirado pela machina pneumatica: pondo dentro deste tubo quatro ou cinco rodas de cortiça E F G H I, tendo um furo no meio para este effeito; e que sejam de differentes diametros, e pondo-as a distancia de quinze linhas umas das outras.

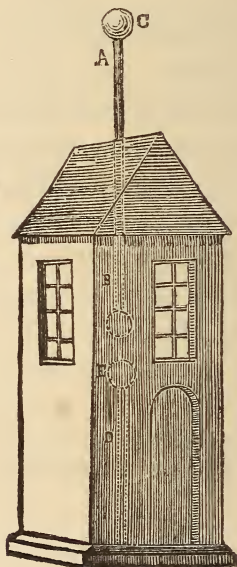
Collocando este recipiente, assim disposto, na platina da machina pneumatica, e introduzindo no tubo um arame de ferro que pelo outro lado se communique ao conductor da machina electrica, fazei o vacuo, e depois electrissae, vereis uma chamma roxa e viva que percorrerá todo o comprimento do vidro, em porção de pequenas chammass electricas muito leves, as quaes caíndo de linha em linha, imitarão agradavelmente uma cascata de fogo.

N. B. Isto deve-se fazer na escuridão.

A casa incendiada

Mandae fazer uma cazinha de folha de Flandres, cujas janellas sejam abertas e o telhado que se possa tirar; fazei passar por este telhado um tubo de vidro, no qual esteja encerrado um fio de cobre A tendo um botão na extremidade B e na outra C um gancho. Ponde ou soldae no fundo desta cazinha um outro arame ou haste de cobre D, tendo em cima um botão E; que este botão e o do tubo es-

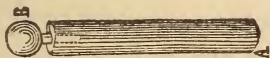
tenham a meia pollegada um do outro; pondo entre estes dois botões estopa polvilhada de resina.



Fazei communicar esta cazinha pelo gancho ao conductor da machina, que apenas estiver carregada incendiará a estopa.

Electricidade d'algibeira

Este aparelho não é outra coisa senão uma pequena botelha de Leyde. Tomae um tubo de vidro de 3 centímetros de diametro e de 20 a 23 centímetros de comprimento fechado do lado A; enchei-o de folhas de ouro falso, e guarnecei-o de estanho por fóra, e ponde-lhe em cima um botão B que tenha um fio de cobre para o interior do tubo, e tapareis muito bem a abertura.



Tomae uma fita de seda de 50 centímetros de comprimento, preparada com a gomma elastica ou com verniz de gomma copal, e além disto, um pedaço de pelle de lebre que tenha duas dedeiras.

Pondo entrè o index e o pollegar um pedaço da pelle, e tendo o tubo entre os dois dedos seguintes, de fórmula que o botão e a parte não guarnecida de estanho fique superior aos dedos, se tomardes com a outra mão a fita e esfregardes rapidamente com ella o botão B por muitas vezes, o tubo se carregará d'electricidade como se o apresentasseis ao conductor de uma machina, e poderá electrizar muitas pessoas que formarem a cadêa.

PREVENÇÕES

Quando se carrega uma botelha ou bateria, é preciso tomar todo o cuidado de se não expôr a receber o choque por qualquer inadvertencia, etc., etc.

**Adivinhar os pontos de tres dados
lançados n'uma mesa**

Fazei tomar o dobro dos pontos do primeiro dado á esquerda, e ajuntar-lhe 5: dizei que multipliquem o total por 5, e que juntem a este producto o numero dos pontos do dado do meio, mandae multiplicar o todo por 10, fazei juntar a este producto os pontos do terceiro dado; mandae tirar de todo este total o numero 250, os algarismos que ficarem depois desta diminuição, designarão os pontos dos tres dados que foram lançados na mesa.

EXEMPLO

Sejam os pontos 4, 6 e 2, dos tres dados que lançaram na mesa, e que são desconhecidos á pessoa que faz esta recreação, eis o processo:

ORDEM DOS PONTOS DADOS

4 6 2

Dobro do primeiro dado.....	8
Numero acrescentado.....	5
	<hr/>
Somma.....	13
A qual multiplicada por.....	5
	<hr/>
Dá.....	65
Numero dos pontos do dado do meio.....	6
	<hr/>
Somma.....	71
A qual multiplicada por.....	10
	<hr/>
Dá.....	710
Á qual ajuntando os pontos do terceiro dado	2
	<hr/>
Somma.....	712
Diminuindo	250
	<hr/>
Restam.....	462

Estes tres algarismos 4, 6 e 2 designam os pontos de cada um dos dados lançados na mesa, e a ordem porque estão ali collocados.

O papel magnetico

Eis uma experiencia curiosa, e que todos podem fazer. Tomae uma folha de papel, aquecei-a ao lume ou ao sol, e depois esfregae-a immediatamente no vosso joelho (se tiverdes calças de pano de lã) depois tomae-a pelas extremidades, e ponde-a a 6 ou a 8 centimetros da cabeça de um dos espectadores. Vereis os seus cabellos pôrem-se em pé, e seguirem perfeitamente as ondulações que fizerdes com o papel.



Para isto é preciso que os cabellos estejam seccos e sem po mada.

Além d'isso, aproximando-se deste papel (em quanto quente) na escuridão, um objecto qualquer, obter-se-ha uma faisca.

Engulir uma chamma sem perigo

Aproximae dos beiços a chamma d'uma vela, e aspirae com força, a chamma penetrará na boca sem vos queimar, por que pela aspiração a impedireis que se demore nos beiços.

A mão incombustivel

Depois de terdes misturado em partes iguaes banha de porco e o oleo de petroleo e terebenthina, cal viva, tudo muito bem misturado, obtem-se, destillando esta mistura, uma agua que póde arder na mão sem causar o menor mal.

Luz sem chamma

Rodeae a torcida de uma lampada de espirito de vinho, com um fio de platina, em fórma de espiral, de sorte que as voltas estejam separadas umas das outras; acendendo a torcida, a platina se porá em braza; tirae depois a torci-

da, a platina ficará em braza em quanto tiver espirito de vinho, e apesar de não produzir chamma, dará boa luz.

O frasco magico

Tomae um frasco, deitae-lhe dentro alkali volatil, no qual fareis dissolver limagre de cobre, o que produzirá uma linda côr azul. Apresentareis este frasco a qualquer pessoa, mandando-lhe que o tape, e assim que esta o fizer, a côr desaparecerá.

Fal-a-heis reapparecer logo que se lhe tirar a rolha.

É a acção do ar quem causa este phenomeno.

Sustentar um ovo em pé sobre a parte aguda

Para fazer com que um ovo se sustenba em pé, sem cair, sobre um plano tão liso como o vidro d'um espelho, é necessario que este plano esteja bem horisontal, e que não esteja mais inclinado para um lado, do que para o outro: depois agita-se o ovo por muito tempo, de maneira que a clara se misture bem com a gemma. Se neste estado se pozer o ovo sobre uma das suas pontas, ficará de pé sem cair, por causa do equilibrio que se acha de todos os

lados, pelas partes de gemma misturadas igualmente com a clara, o que faz com que o centro da gravidade do ovo fique em linha recta, e que este fique firme e sem cair.

A cara incendiada

Se se esfregar a cara (fechando os olhos) com o phosphoro liquido, mostrará um aspecto terrivel, a cara se apresentará como ardendo, em quanto que os olhos e boca ficarão como nodoas pretas.

O fogo viajante n'agua

Enchei um prato de agua, e lançae-lhe dentro um pedaço de potassa; logo que esta tocar na agua, dará uma linda chamma roxa, e continuará a arder nadando em diversas direcções como uma bola de fogo; se a potassa fôr deitada em neve ou gelo, tambem arderá.

O relógio obediente

Encondei n'uma das mãos um pedaço de iman, e com a outra pegae n'um relógio bem certo. Para provar a obe-

diencia do relógio, chegae-o ao ouvido de qualquer pessoa para lhe mostrardes que regula; mudae-o de mão e collocae-o naquella em que tendes o imán; e o relógio ficará parado, e aproximae-o ao ouvido da mesma pessoa para lhe mostrardes que já não anda, e assim vice-versa, com differença que para o fazer andar será preciso estremecel-o levemente.

A sêmea dançante

Ponde um pedaço de vidro em equilibrio em cima de dois livros, e ponde-lhe por baixo um punhado de sêmeas, esfregae a superficie do vidro com um bocado de panno de lã ou de flanela; as sêmeas dançarão com uma rapidez incrível.

Pedra incendiaria

Tomae cal viva, salitre e tutia de Alexandria, storax, calamine, de cada coisa 30 grammas, enxofre e camphora, 60 grammas de cada uma, reduzireis tudo a pó e passal-o-heis por peneira de seda; embrulhae n'um pedaço de panno bem tapado, e mettei n'um cadinho, e este dentro d'um outro mais largo: lotae estes cadinhos com gesso de prêsa, que deixareis seccar ao sol, afim de que se não exhalem os vapores; mettei-o depois n'um forno de oleiro e deixae-o ali até ficar a materia bem calcinada, o que se conhece

pela côr vermelha clara do cadinho; deixae arrefecer, e quando quizerdes produzir a chamma, basta lançar uma gota de agua ou cuspir sobre um pedaço.

o boneco incombustivel

Mandae fazer de madeira um boneco, fazei dissolver terra silicosa em alcali caustico, estendei este liquido sobre o boneco, e podeis em seguida deital-o no maior brazeiro ou fogueira que nunca se queimará.

A cera magnetica

Suspendei duas bolinhas de sabugo em dois fios de retroz de dezeseis centimetros de comprimento pouco mais ou menos, de sorte que fiquem unidas uma a outra, aproximando-lhe um pedaço de cera quente, as molas se moverão.

A cabeça de vitella berrando depois de cozida

Cozei ao lume uma cabeça de vitella, e depois tirae-a da agua e mettei-lhe immediatamente debaixo da lingua uma

rã viva, isto emquanto a cabeça estiver quente e na occasião de vos servirdes della: o calor da lingua fará gritar a rã, que imitará soffrivelmente o berrar da vitella, como se esta estivesse viva.

● cogumello magico

Entre os phenomenos admiraveis e numerosos resultantes dos diversos processos chymicos, um dos mais curiosos, sem duvida, é aquelle da inflammação dos oleos essenciaes pela mistura do acido nitrico. É com effeito, admiravel, o vêr um liquido frio incendiar-se quando se lhe lança outro liquido tambem frio; tal é o processo pelo qual se póde fazer em menos de tres minutos o *cogumello phylosophico*.

É preciso, para fazer esta operação estranha e recreativa, servir-se de um copo de pé, e cuja base termine em ponta.

Deitareis no copo uma onça de espirito de nitro, do melhor; depois deitar-lhe-heis por cima uma onça de oleo essencial de Gayaco * . Esta mistura produzirá uma fermentação immensa, acompanhada de fumo, no meio da qual os espectadores verão elevar-se no espaço de tres minutos

* Pau santo.

um corpo esponjoso, muito parecido com o cogumello commun.

Esta substancia esponjosa, formada das partes oleosas do Gayaco, erguendo-se, cobre-se de uma camada finissima, é a materia de que é composto o oleo de Gayaco.

O papel magico

Tomae uma folha de papel pardo, aquecei-o bem, collocae-o sobre uma mesa, ponde-lhe em cima uma bolinha de sabugo do tamanho de uma ervilha: a bola começará a correr sobre o papel: se lhe pozerdes diante a ponta de uma agulha correrá logo para a agulha.

Uma subtileza

Tomae tres pedaços de pão, ponde tres chapéos sobre uma mesa, comei os tres pedaços de pão, e depois apostae com qualquer pessoa que sois capaz de pôr os tres pedaços comidos debaixo de um daquelles chapéos, feita a aposta, tomareis o chapéu que vos parecer, e fingindo pensar como para acertardes com o methodo, e tendo afinal uma lembrança luminosa, poreis o chapéu na cabeça, dizendo que os tres pedaços estão debaixo daquelle chapéu, visto

que estão no vosso estomago, e que tendes o chapéo na cabeça.

A porta segura ou a fechadura magica

Estabelecei uma communicação no chão do quarto, ou gabinete até outra casa, molhando pouco para este effeito o espaço que os separa, carregae uma botelha.

Quando alguém fôr a tocar na chave para abrir a porta, se pelo outro lado aproximardes o botão da botelha carregada á fechadura, o fluido electrico passando pela fechadura, e não tendo outro caminho a percorrer para ir ao exterior da botelha senão através do braço e pernas dessa pessoa, assim como dos vossos, ella sentirá, como vós, a commoção que lhe fará retirar rapidamente a mão da chave.

A colher magica

Ponde um hectogramma e meio de bismutho, metal que se funde facilmente, n'um cadinho, e quando estiver em completa fusão, ajuntae-lhe nove decagrammas de chumbo e seis decagrammas de estanho. Combinar-se-hão e formarão uma materia dissolvente em agua fervendo; formae barras, e levae-as a um ourives para que forme colheres.

Servi chá muito quente a qualquer pessoa, pois que indo a servir-se da colher, ficará admirada de a vêr desaparecer, quando fôr a mecher o liquido.

A desaparição de uma pessoa

Transmittirei ao leitor este satanico segredo. O individuo, que se presta á experiencia, colloca-se em pé sobre a mesa do prestigiador; este lança mão d'uma peça cylindrica, especie de barrica enfeitada, onde caiba o individuo, e envolve-o nella verticalmente. No momento em que faz isto, abre-se um alçapão feito na tampa da mesa, e o desaparecido fica deitado n'uma excellente caixa, formada pelo corpo da mesa, a qual é feita de panno para que se não ouça motim da queda. É maravilhosa a surpresa quando o prestigiador levanta o cylindro e não se vê sobre a mesa o individuo!

Gazometro portatil

Póde imitar-se em miniatura a producção da luz de gaz, mettendo n'uma caixinha uma porção de carvão de pedra em pedacinhos. Cobri logo, e muito bem, a boca da caixinha com barro amassado, e quando este estiver secco,

ponde o cachimbo em cima das brazas, e aquecei-o gradualmente. Ao cabo de alguns minutos, sairá pelo pipo do cachimbo uma corrente de gaz hydrogenio carbonisado, acompanhado de um fluido aquoso e de um oleo viscoso. Póde acender-se este gaz com uma chamma qualquer, que muito bem arderá. Quando este se apagar, achar-se-ha na caixinha o carvão despojado da sua materia bituminosa.

O dinheiro elastico

Cinco tostões em prata mettidos n'uma meia, na extremidade do pé, e esta sendo atada por uma fita por cima do dinheiro, tiral-o sem romper a meia nem desatal-a.

MEIO

Tomae um arame, e dae-lhe o diametro do dinheiro que quereis metter na meia, tendo o cuidado de o aguçar nas pontas para que fure. Escondei-o na mão esquerda, e apresentando uma meia nova, pedi a uma pessoa uma moeda de cinco tostões, que poreis igualmente na mão esquerda, e ao metter o dinheiro na meia o substituireis pelo arame redondo, que fareis descer até ao pé da meia. Fareis atar a meia, mostrando a todos o signal redondo do arame, e que julgarão ser o dinheiro... escondereis o pé da meia n'um lenço, deixando a parte atada á vista do espectador,

desenrolae subtilmente o arame e tirae-o pelas malhas sem custo, e como fingindo esforço, para fazer acreditar que é a moeda de prata, que tinheis já na mão, e que depois mostrareis, assim como a meia já sem nada e sem ruptura alguma.

Attrair um corpo leve nadando na agua

PREPARAÇÃO

Uma botelha, ou um tubo electrizado, tem a virtude de attrair os corpos leves que se lhe apresentam. Tomae um frasco de cinco ou seis pollegadas de comprimento; guarnecei-o exteriormente até a uma pollegada da boca de estanho em folha; tapae-o com uma rolha de metal, onde esteja um fiosinho de latão que mergulha na agua, que deitareis no vidro até encherdes tres quartos d'elle; mettei este frasco n'um estojo ou caixinha, mas de fórma que a tampa não toque, nem se aproxime muito da rolha; electrissae este estojo, apresentando-lhe a rolha ao conductor da machina electrica.

Deitando-se n'uma bacia ou n'um prato cheio de agua, qualquer corpo leve que possa sobrenadar, e aproximando-se a pequena distancia a rolha deste frasco, attraíreis esse corpo, conduzindo-a sobre a superficie da agua, com a mesma facilidade com que attraíreis uma agulha com o

iman, o que parecerá muito extraordinario a todos, que não imaginam que esse frasco que tiraes da algibeira, fosse electrizado.

N. B. É preciso electrizar esse frasco pouco tempo antes de usar d'elle, visto que não póde conservar por muito tempo a sua virtude electrica.

INDICE

Introdução.....	5
Dupla vista.....	7
O ovo dançante.....	9
Resurreição do passaro.....	11
O collar de minha avó.....	12
Cabeça endiabrada.....	13
O castello dos feiticeiros.....	14
Modo de passar um ovo por um anel.....	15
Modo de fazer que duas garrafas cheias, troquem os liquidos.....	16
Lapis sympathico.....	16
A carta magica.....	17
O lenço com pennas.....	18
Bala inoffensiva.....	18
O ovo ardente.....	20
Espada incendiaria.....	20
Vigetação maravilhosa.....	21
O vinho de rozas.....	21
Café magico.....	22
A fritada no chapeo.....	22
A caixa de rapé transformada em jardim.....	23
Symbolo de vida e da morte.....	24
A moeda viajante.....	24
A carta dançante.....	26
A lampada do diabo.....	27
Um pombo morto com uma estucada que se dá na sua sombra.....	27
O ramallete magico.....	28
A carta que sem ser tocada salta fóra do baralho.....	29
Sorvete monstro.....	30
O pão inquieto.....	32
Os aneis constantes e inconstantes.....	32

A carta pregada no parede com um tiro de pistola.....	33
A caixa obediente que se abre quando se ordena.....	35
O poço do Diabo.....	35
O lenço magico.....	36
A carta obediente.....	38
O retrato do diabo.....	40
Modo de fazer as cores sympathicas.....	41
O relógio feito em migalhas n'um almofaris.....	42
O inverno transformado em estio.....	43
A bala de cebo.....	44
A carta que se queima e se acha depois n'um relógio..	44
A moeda dançante.....	46
Agua que não molha.....	47
Um jardim e um arsenal dentro d'um chapeo.....	47
O cofre pezado.....	49
As rosas enfeitçadas.....	51
A moeda invisivel.....	53
O lenço magico.....	55
O peixe n'um copo de tinta.....	56
O cofre de crystal.....	58
A pesca maravilhosa.....	61
O escriptor electrico.....	62
Quem quer plumas ?.....	64
O bailarino na corda bamba.....	65
Como se prova que 2 e 2 são oito.....	66
A caixa milagrosa.....	68
Os pilares maravilhosos.....	70
Como se faz mudar de côr uma bola de crystal branco.	72
Processo infalivel para se beber vinho puro.....	73
O copo do diabo.....	75
A caixa e relógio.....	77
Os copos empalmadores.....	79
A garrafa inesgotavel.....	81
A salva do prestigiador.....	83
A caixa magica.....	84
O relógio no almofaris.....	85
Os legumes intelligentes.....	86
As precauções inuteis.....	88
As sementes electrizadas.....	90

O dado viajante.....	92
O ovo magico.....	93
A espada de Satanaz.....	95
O penacho magico.....	97
A caixa das appareções e desappareções.....	98
Como seria?.....	99
A mão milagrosa.....	101
O ramalhetes de Cartas.....	103
O passaro na espada.....	106
Um engano.....	107
A laranjeira magica.....	110
O dinheiro aereo.....	111
A cabeça do diabo.....	113
As doze caixas.....	114
A pistola do feiticeiro.....	116
O Crystal productivo.....	118
O chapéo pastelleiro.....	119
O jogo de Satanaz.....	121
Novo jogo de bilhar.....	123
As fitas na garrafa.....	124
Os pós de perlimpimpim.....	126
A parte de mudança.....	128
A caixa encantada.....	129
O vaso com arroz.....	131
Aves cosidas a voarem.....	133
A caldeira diabolica.....	134
O caçadorsinho.....	136
O alvo encantado.....	137
O store.....	139
Leite artificial.....	141
As cartas viajantes.....	143
Delicioso café de feijões.....	144
O nó obediente.....	146
O gallo morto-vivo.....	147
A colhér do prestigiador.....	148
Modo de fazer de dois liquidos um corpo solido.....	153
As cartas magneticas.....	153
Tirar um objecto do meio de dois sem lhe tocar.....	156
O relógio phantastico.....	156

A campainha sympathica	158
O relampago magico	159
O funil magico	160
A sovela feiticeira	162
O golpe no braço	162
Papel incombustivel	163
Dizer a uma pessoa o numero que ella pensou	163
A poncheira	164
Carregar o conductor de materia electrica e descarregar-o por diversas fórmas	166
Chuva brilhante	169
Dança milagrosa	171
A pessoa toda fogo !	172
A corrida de cavallos	173
O fogo celeste	175
A agua que dá fogo	176
O caçador eximio	177
A cascata infernal	178
A casa incendiada	179
Electricidade d'algiebeira	181
Advinhar os pontos de tres dados lançados n'uma mesa	182
O papel magnetico	184
Engulir uma chamma sem perigo	185
A mão incombustivel	»
Luz sem chamma	»
O frasco magico	186
Sustentar um ovo em pé sobre a parte aguda	»
A cara incendiada	187
O fogo viajante n'agua	»
O relógio obediente	»
A semente dançante	188
A pedra incendiaria	»
O boneco incombustivel	189
A cera magnetica	»
A cabeça de vitella berrando depois de cozida	»
O cogumelo magico	190
O papel magico	191
Uma subtiliza	»

A porta segura ou a fechadura magica.....	192
A colher magica.....	»
A desaparição de uma pessoa.	193
Gazometro portatil.....	»
O dinheiro elastico.....	194
Attrair um corpo leve nadando na agua.....	195



LIVRARIA NACIONAL

DE

J. J. BORDALO

24 — Rua Augusta — 26



N'este estabelecimento se acham á venda as seguintes obras, e são remettidas para as provincias a quem enviar o seu importe, e mais dez por cento para porte, sobre o preço das mesmas, em estampilhas ou sêllos á loja acima. Além d'estas obras ha outras muitas de litteratura, historia, poesia, romances livros de estudo, livros de missa e Semana Santa, mappas, retratos e vistas de photographias, compendios de desenho, livros em branco, carteiras para lembranças, albuns para retratos, estojos para desenho, etc.

Tambem se vende o jogo da Gloria, 600; dito do Loto, 600; dito do Assalto, 300; dito das Damos, 400; dito do Xadrez, 800 réis.

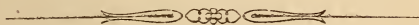
CATALOGO

NOVO SECRETARIO universal e commercial portuguez, ou methodo facil de escrever toda a especie de cartas, seguido de um formulario de modelos de requerimentos, memorias e cartas de commercio (11.^a edição, 1869), 1 vol..... 600

NOVO MANUAL DE CIVILIDADE, ou regras necessarias para qualquer pessoa poder frequentar a boa sociedade, 1 vol..... 500

MANUAL DO DISTILLADOR, ou modo facil para preparar diferentes vinhos preciosos, vinagre branco e tinto, toda a qualidade de licôres finos e exquisitos, cervejas, genebra, aguas-ardentes, cidras, gelados, sorvetes, etc. (4. ^a edição, 1868) augmentada com varios prscessos para a fabrica-ção de vernizes, sabões e sabonetes de todas as qualidades, seguido de observações praticas sobre a distillação do viuho, 1 vol.....	600
MANUAL DO JARDINEIRO, e do cultivador, ou modo de cultivar os jardins, em que se trata da variedade de flores, da sua melhor cultivação; augmentado com a linguagem das flôres, e ornado com oito estampas coloridas, 1 vol.....	400
THEOURO LITTERARIO, collecção de sete lindos romances, e sete poesias escolhidas dos melhores auctores, 1 vol.....	300
LUSIADAS DE CAMÕES, nova edição, encader-nada, 1 vol.....	240
TRATADO DE ORTHOGRAPHIA, da linguagem portugueza por J. J. Bordalo, 1 vol.....	120
COMPENDIO INSTRUCTIVO, da doutrina christã, contendo toda a doutrina, e modo de ajudar á missa pelo professor J. J. Bordalo.....	60
COLLECÇÃO DE ANEDOCTAS, e bernardices engraçadas e divertidas, 1 vol.....	120
COLLECÇÃO DE CHARADAS, enygmás, e adi-vinhações, com suas explicações, 1 vol.....	80


NADAGE, romance por L. Enault, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.....	500
HISTORIA da vida, morte, milagres, canonisação e trasladação de Santa Isabel, sexta rainha de Portugal, 1 vol.....	600
O SECRETARIO DOS JOVENS, ou nova collecção de modelos de cartas d'amores, para ambos os sexos.....	120
O CONFIDENTE DOS AMANTES, ou nova collecção de modelos de cartas de amores, seguido do jogo dos amores ou maneira de cada um saber a sua sina no amor.....	120



GABINETE DE LEITURA

12:000 VOLUMES

Alugam-se todos os romances e historias em portuguez, tanto originaes como traducções (aindo os mais raros) que se tem publicado até hoje, a 300 réis por mez, 800 réis por trimestre, ou 2\$600 por anno, pago adiantado, deixando 1\$500 em deposito, leva quatro tomos de cada vez, escolhidos em vista de um cathalogo que se dá aos assignantes.

 Este GABINETE estacelecido em Lisboa ha mais de vinte annos, offerece notaveis vantagens aos amigos da boa leitura, pois pelo preço que se compraria uma só obra póde-se ter um anno inteiro de honesta diversão, lendo as traducções dos melhores romances francezes, e as obras originaes dos nossos mais acreditados escriptores.

FIM







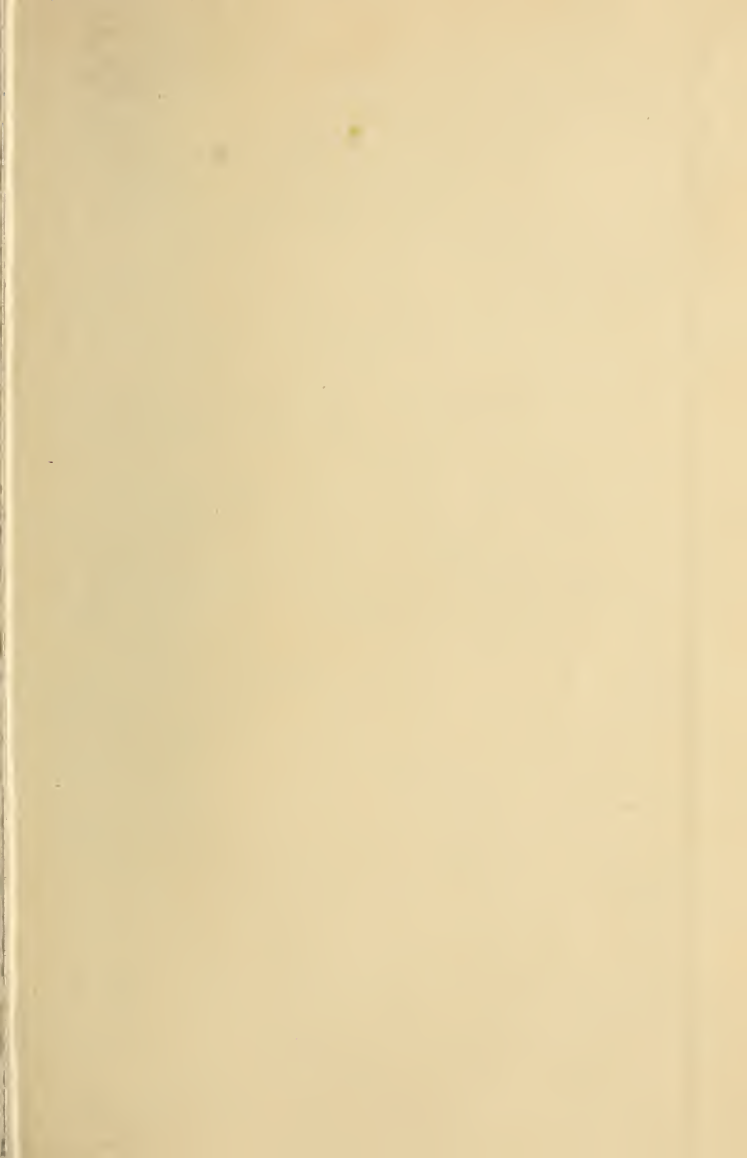
LIVRARIA DE J. J. BORDALO

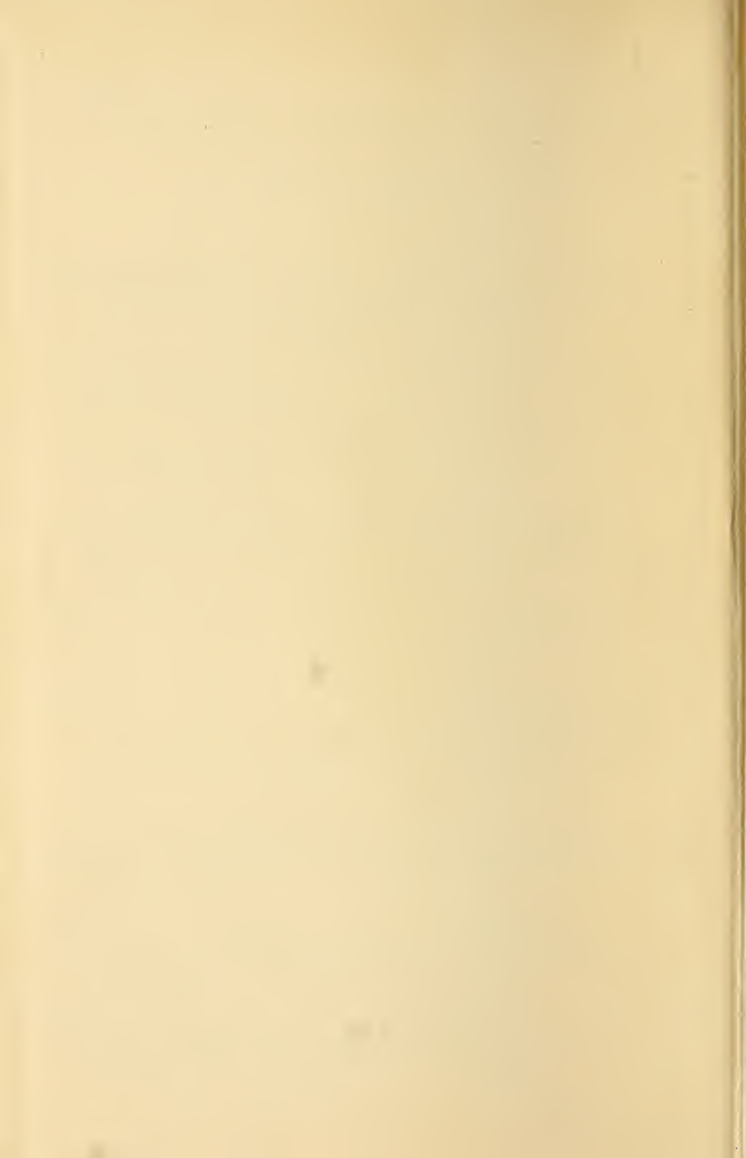
24 — Rua Augusta — 26

- Manual de Dança**, methodo facil de aprender a dançar, com a explicação e marcas de todas as danças modernas mais usadas na boa sociedade, 1 vol. 120
- Historia de Emilia**, depois de enterrada noiva, escripta por ella mesma, 1. vol. 60
- A Mulher Casada**, deve bater em seu marido! obra para rir. 60
- Novo Manual de Civildade**, ou regras necessarias para qualquer pessoa poder frequentar a boa sociedade, 1 vol. 500
- Novo Secretario Portuguez**, methodo facil para escrever toda a especie de cartas, requirements, memoriaes etc., 1 vol. 600
- O Cosinheiro Completo**, nova arte de cosinheiro, copeiro, confeiteiro e Licorista, seguido do methodo para trinchar e seryir bem á mesa, ornado de estampas, 1 vol. 600
- Nova Collecção de Receitas**, uteis e necessarias a todos os artistas, contendo mais de 200 differentes receitas, 1 vol. 500
- Manual do Distillador**, methodo facil de fazer vinhos, vinagres, aguas-ardentes, licores, geropigas etc., 1 vol. 600
- Manual do Jardineiro e do Cultivador**, modo de cultivar os jardins, ornado de oito estampas coloridas, 1 vol. 400

MAR 2 1939

Handwritten signature





LIBRARY OF CONGRESS



0 042 002 262 1